

André Roberto Ribeiro Torres

Sentimento de Inadequação: Estudo Fenomenológico-Existencial

PUC-Campinas

2008

André Roberto Ribeiro Torres

Sentimento de Inadequação: Estudo Fenomenológico-Existencial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia: área de concentração como Profissão e Ciência.

Orientador:

Prof. Dr. Mauro Martins AmatuZZi

PUC-Campinas

2008

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t150.192 Torres, André Roberto Ribeiro.
T693s Sentimento de inadequação : estudo fenomenológico-existencial / André Roberto
Ribeiro Torres.- Campinas: PUC-Campinas, 2008.
xiii, 140p.

Orientador: Mauro Martins AmatuZZi.
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de
Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui anexos e bibliografia.

1. Psicologia existencial. 2. Psicologia fenomenológica. 3. Comportamento - Modifi-
cação. 4. Comportamento - Distúrbios. 5. Subjetividade. I. AmatuZZi, Mauro Martins. II.
II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

22.ed. CDD – t150.192

André Roberto Ribeiro Torres

Sentimento de Inadequação: Estudo Fenomenológico-Existencial

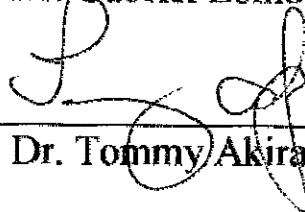
Banca Examinadora



Prof. Dr. Mauro Martins Amaturzi



Prof. Dr. Gabriel Lomba Santiago



Prof. Dr. Tommy Akira Goto

PUC-Campinas

2008

Agradecimentos

Agradeço o apoio, paciência e compreensão de minha esposa, Annie, durante a difícil jornada que enfrentei no decorrer do mestrado, recusando festas, encontros, diversões, cinemas, teatros, danças e outros eventos que ela saboreou sozinha ou me acompanhou, só para estarmos juntos, ficando em casa enquanto eu escrevia.

Aos meus pais, Celso e Norma, que sempre me apoiaram, por mais malucos e “inadequados” que fossem os meus projetos. Suas diferentes forças combinadas me ajudaram a buscar entender as coisas das mais variadas maneiras, compreendendo as diversas razões envolvidas numa mesma situação.

À Simone, minha irmã, constante amiga e companheira.

A todos os meus alunos e a todas as pessoas que atendi clinicamente e que, sem sombra de dúvida, tanto colaboraram no desenvolvimento de minhas reflexões.

Aos amigos novos e antigos que procuro manter presentes na minha vida, nutrindo minha saúde psicológica com as melhores vitaminas imagináveis. Com destaque *in memoriam* ao amigo Paulo, o “inadequado Constante”, que sempre me acompanhará.

Aos amigos de mestrado, companheiros de jornada e também conquistadores. Não vou citar nomes para não construir outra dissertação. Eles sabem que estão aqui.

Aos recentes amigos do Centro Comunitário do Jardim Santa Lúcia que direta ou indiretamente contribuíram de maneira significativa na etapa final deste trabalho. Sem contar com o companheirismo peculiar que só eles sabem proporcionar.

Aos “inadequados” que se dispuseram a participar desta pesquisa e a todas as pessoas com quem já conversei em ambiente profissional ou informal e que, de alguma maneira, colaboraram para minha experiência e criticidade, questionando e cooperando incessantemente.

Aos professores do curso, que abriram horizontes importantes em minhas reflexões (menção especial ao inquieto professor Fernando González Rey).

Aos componentes da banca de qualificação, que tanto colaboraram para o desenvolvimento da pesquisa, professores Vera Alves e Fernando Rey.

Aos componentes da banca de defesa, professores Gabriel e Tommy, pelas ricas observações.

Ao Michelazzo, pela inspiração acadêmica antes mesma da presença dela em minha vida e pela consulta ao *Sein und Zeit* em língua original.

Ao Guto e ao Luiz pela ajuda no espanhol.

Ao Camon pela constante amizade e abertura de espaços.

À agência CAPES, que possibilitou o desenvolvimento deste trabalho.

À equipe de funcionários da PUC-Campinas, especialmente às secretárias Elaine, Eliane, Dareide e Maria Amélia (que insiste em me chamar de João...), pela dedicação, orientação e paciência com minhas dúvidas e brincadeiras.

Ao Coffee Eventos, Tónico's Boteco e à *Velha Arte do Samba* pela comemoração.

Finalmente, e com muito apreço e carinho, ao orientador e amigo Mauro, que, com sua busca constante de compreensão, espiritualidade e transcendência, tanto me proporcionou de aprendizado acadêmico, profissional e principalmente pessoal, ajudando-me a “resgatar a fala autêntica” própria e alheia. Sem ele, certamente este trabalho (assim como os trabalhos futuros) não teria uma relevante dose de humanidade, mostrando outro rosto no resultado final.

Sumário

Resumo	ix
Abstract	x
Justificativa	xi
Introdução	1
<i>Delimitação do cenário e tema da pesquisa</i>	6
Objetivo	7
Capítulo 1 – Pesquisa teórica sobre a expressão SI	8
<i>Análise etimológica da expressão</i>	9
<i>Sentimento</i>	11
<i>Inadequação</i>	11
<i>Reflexões sobre a análise etimológica da expressão SI</i>	13
<i>Impressão geral do SI através de uma busca simples pela internet</i>	14
<i>Reflexões acerca do uso da expressão SI</i>	17
<i>Uso da expressão SI nos últimos sete anos de um jornal de circulação nacional</i>	20
<i>Reflexões sobre as ocorrências do SI no jornal Folha de S. Paulo</i>	26
<i>Verificação do uso da expressão SI nos manuais diagnósticos CID-10 e DSM-IV</i>	30
<i>CID-10</i>	30
<i>DSM-IV</i>	30
<i>Reflexões sobre o uso da expressão SI nos manuais diagnósticos</i>	31
<i>Levantamento da expressão SI em bases de dados científicas indexadas</i>	32
<i>Reflexões sobre o uso da expressão SI nos artigos científicos</i>	36
Síntese da pesquisa teórica	38
<i>Ampliação da definição de SI</i>	38
<i>Breve contextualização histórica</i>	39
<i>Reações, posturas e desdobramentos</i>	41
Capítulo 2 – Método	46
<i>Sujeitos</i>	49
<i>Instrumento</i>	49
<i>Procedimento</i>	52
<i>Plano de análise e discussão dos resultados</i>	53
Capítulo 3 – Narrativas e análise individual das entrevistas	56
<i>Entrevista 1</i>	56
<i>Primeiro encontro</i>	56
<i>Segundo encontro</i>	60
<i>Análise da entrevista</i>	66
<i>Entrevista 2</i>	70
<i>Análise da entrevista</i>	82
<i>Entrevista 3</i>	89

<i>Análise da entrevista</i>	103
Síntese das Entrevistas	109
Discussão	118
Conclusão	125
Bibliografia	127
Anexos	138
1. <i>Ficha de identificação</i>	138
2. <i>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)</i>	139
3. <i>TCLE exclusivo para a entrevista-piloto</i>	140

Resumo

É possível identificar fenômenos importantes a serem abordados no que diz respeito ao Sentimento de Inadequação (SI), caracterizado pelo sentimento de desigualdade ou diferença em relação a outras pessoas ou situações diversas. Para isso, o presente trabalho mantém sua atenção voltada para a relação entre sujeito e contexto sociocultural, com o objetivo de compreender o fenômeno de sentir-se inadequado e de como se configuram os possíveis desdobramentos psicológicos dessa situação. A pesquisa, de caráter qualitativo, se embasa no método fenomenológico segundo o estilo de Merleau-Ponty. O trabalho se iniciou de forma teórica, através da análise de literatura popular, manuais diagnósticos e bibliografia científica indexada. A segunda etapa ocorreu a partir da análise descritivo-especulativa de entrevistas participativas abertas realizadas com três adultos. Todos descreveram ao seu modo a presença do SI em suas vidas. Além de detalhes sobre o fenômeno, foram identificados três desdobramentos psicológicos básicos: 1) o Aplainamento da Subjetividade (AS), caracterizado pelo autoquestionamento, isolamento, solidão e, principalmente, pela tentativa de o sujeito de se modificar em função do contexto sociocultural; 2) o Aplainamento da Objetividade (AO), no qual se identificam níveis de agressividade, questionamento do contexto sociocultural e a possível tentativa de modificá-lo, dificultando, por outro lado, o contato com aspectos subjetivos; 3) o Senso de Inadequação (SsI), postura na qual o sujeito assimila o SI de forma reflexiva e criativa, evidenciando a importância do caráter lúdico da existência. Percebeu-se a possibilidade de trânsito entre o AS e o AO, invertendo o foco do aplainamento sem que necessariamente se desenvolvam reflexões significativas.

Palavras-chave: sentimento de inadequação, psicologia fenomenológica, psicologia existencial, subjetividade, contexto sociocultural, Merleau-Ponty.

Abstract

It's possible to identify important phenomena to be approached regarding the Feeling of Inadequacy (FI), characterized for the feeling of being unequal or different from other people or diverse situations. For this, the present work keeps its attention directed toward the relation between subject and sociocultural context, with the objective of understanding the phenomenon of feeling inadequate and how one configures one's self according to the possible psychological consequences of the situation. The research was qualitative in nature and developed itself based on the phenomenological method style of Merleau-Ponty. The work initiated of theoretical form, through the analysis of popular literature, diagnostic manuals and indexed scientific bibliography. The second stage started from the descriptive-speculative analysis of opened and participative interviews with three adults. Each one described in their own way the presence of the FI in their lives. Notwithstanding the details of the phenomenon, three basic psychological responses have been identified: 1) the Levelling of Subjectivity (LS), characterized by self-questioning, isolation, solitude and, mainly, by the attempt to modify one's self in regards towards the sociocultural context; 2) the Levelling of the Objectivity (LO), in which are identified higher levels of aggressiveness, questioning of the sociocultural context and the possible attempt to modify it, which difficults, on the other hand, contact with subjective aspects; 3) the Sense of Inadequacy (SsI), position in which the subject assimilates the FI of reflexive and creative form, evidencing the importance of the playful character of the existence. The study revealed a possibility of transit between LS and LO, inverting the focus of the leveling, but not necessarily indicating any development of significant insights on the subject's part.

Key words: feeling of inadequacy, phenomenological psychology, existential psychology, subjectivity, sociocultural context, Merleau-Ponty.

Justificativa

Atentando-se ao caminho até então trilhado pela Psicologia e seus órgãos representativos, é possível notar que gradativamente vai surgindo uma maior consideração dos aspectos sociais nos referenciais teóricos, tornando-os mais próximos do contexto em que são utilizados. Como exemplo disso, testemunhou-se, por parte do Conselho Federal de Psicologia, entre outras atitudes recentes, a proibição de vários testes de avaliação psicológica por não estarem afinados com a realidade brasileira, até que novas pesquisas sejam realizadas para tal adaptação.

Busca-se, com o presente trabalho, colaborar com a atual tendência da compreensão psicológica, reduzindo o espaço entre sujeito e contexto sociocultural (subentendendo, também, o aspecto histórico), evitando que o conhecimento produzido na Psicologia e sua conseqüente prática ocorram de maneira descontextualizada, assim como a utilização de teorias e testes oriundos de realidades distintas, mantendo a polarização entre ambos. Pretende-se também ampliar a compreensão clínica das pessoas que subjetiva e inevitavelmente constroem-se juntamente ao universo social. Acredito que tais reflexões podem conduzir a um maior engajamento do psicólogo em relação à realidade social na qual desenvolve o seu trabalho e na qual vivem as pessoas que procuram por sua intervenção, independente do contexto no qual ela se realiza (clínica particular, instituições, saúde pública, comunidades, etc.).

Para ilustrar a ampliação referida, pode-se observar uma pesquisa em Psicologia publicada pelo jornal Folha de S. Paulo, em sua seção de divulgação científica do dia 23 de agosto de 2005, que mostrou a diferença do olhar entre chineses e estadunidenses quando da observação da fotografia de um tigre próximo a um rio. Enquanto os estadunidenses fixavam seu olhar no rosto do animal, pouco observando do ambiente, os chineses, apesar de observarem por mais tempo a mesma região, não deixavam de identificar o restante do

corpo e o ambiente ao seu redor, como as pedras, o solo e a árvore ao seu lado (Lopes, 2005). É para um maior desenvolvimento do tipo de visão constatada nos chineses que se pretende colaborar, por acreditar que tal atenção ampliada seja necessária à compreensão das relações entre os sujeitos e o ambiente sociocultural em que vivem. Entendendo inicialmente por Sentimento de Inadequação (SI) o sentimento de estar destoante dos outros ou destacado em relação a determinadas situações, e ser, portanto, o possível portador de algum “defeito” em relação ao ambiente sociocultural, a compreensão ampliada mostra-se necessária no entendimento apropriado do SI, já que não é atribuída neste trabalho nenhuma exclusividade, seja da subjetividade ou do contexto sociocultural; foca-se, outrossim, o espaço relacional como uma unidade que engloba todos esses diferentes pontos de vista. A expressão foi, no entanto, no decorrer do trabalho, revista e desenvolvida à medida que novas informações foram surgindo, constituindo esta flexibilidade uma diferenciação importante nas alterações da ciência clássica para a atual, que não tem a pretensão de chegar a uma verdade estática sobre seu objeto de interesse (Merleau-Ponty, 2004).

Esse tema sempre me inquietou de maneira pessoal desde a adolescência, quando comecei a perceber a mudança gradual de vários amigos que, sentindo-se diferentes, questionavam a si próprios, sem enxergar as cobranças excessivas às quais eram expostos, tomando-as como “normais”, sem se voltarem à situação com maior disposição ou aprofundamento. Agiam como se submissos a uma “lei” subliminar, que não se fazia visível mas era prontamente obedecida. O interesse específico na investigação do SI provém justamente da experiência profissional em prática clínica, na qual se constata tal sentimento como um grande responsável pela demanda ao consultório psicológico. Meu interesse aumentou consideravelmente no decorrer de trabalho realizado durante três anos em uma favela de Campinas, na forma de Plantão Psicológico (Torres, 2005). Apesar da

situação social escancaradamente precária, a noção das questões psicológicas mostrada pelas pessoas era individualizante. Além disso, as diferenças observadas na clínica localizada em bairro de alto padrão e no salão comunitário da favela eram gritantes, mas o SI fazia-se presente em ambos os ambientes, independente da reação provocada diante dele. Embora o tema seja presente nos estudos da área social, ainda que de outras formas e com outras palavras, o mesmo não acontece em relação à sua compreensão clínica, que se mantém, salvo raras exceções e aventuras teóricas, concentrando-se na idéia de um indivíduo interiorizado e polarizado em relação ao mundo, confinado dentro de sua pele.

A finalidade deste estudo, portanto, é compreender o SI em relações às outras pessoas ou a diferentes situações, assim como as reações que o SI pode provocar. A intenção é incentivar a reflexão, o engajamento e a ampliação do olhar dos psicólogos e outros profissionais, seja no campo prático ou de pesquisa. A Introdução expõe o embasamento teórico sobre o qual a pesquisa foi planejada. Logo após a exposição do objetivo do trabalho, o Capítulo 1 apresenta a pesquisa teórica, que se mostrou necessária para a delimitação do fenômeno. Depois do levantamento do conteúdo, é realizada a síntese da parte teórica, que traz a ampliação da compreensão sobre o SI, uma breve contextualização histórica e as reações diante do SI. No Capítulo 2, descreve-se o método utilizado na pesquisa, principalmente no que diz respeito às entrevistas, detalhando como foram realizadas a escolha dos sujeitos, o instrumento, o procedimento e o plano de análise e discussão dos resultados. O Capítulo 3 apresenta as narrativas produzidas, assim como suas análises, seguindo-se, por fim, a síntese das entrevistas. Em seguida, encontram-se Discussão, Conclusão, Bibliografia e Anexos. A última seção traz os modelos da ficha de identificação e dos termos de consentimento preenchidos pelos sujeitos.

Introdução

Do histórico questionamento da fenomenologia acerca da intencionalidade da consciência, muitos frutos surgiram (Zilles, 2002), entre eles, a possibilidade de se perguntar sobre a coerência da tradicional idéia de neutralidade na relação entre sujeito e objeto e, aprofundando-se ainda mais, a oportunidade de questionar a própria noção de indivíduo como um ser passível de se apartar radicalmente do ambiente externo, conforme alguns pensadores pós-husserlianos, engajados na fenomenologia ou construindo caminho semelhante, ainda que proveniente de outras inspirações.

Tomo como referência o trabalho do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), que ressalta o fenômeno da percepção (Merleau-Ponty, 1999), estabelecida inicialmente por ele durante sua releitura de Husserl como a via de contato entre subjetividade e mundo, que se alimentam e se constroem mutuamente. De acordo com o pensamento desenvolvido por Merleau-Ponty, tudo o que viermos a conhecer ou experienciar possui um ponto de encontro comum e necessário, cuja resposta, embora óbvia, não deixa de ser relevante: este ponto comum é o corpo, identificado pelo autor como o único ponto de vista para se ler o mundo, julgando ser impossível compreendê-lo sem que haja a referência do corpo nessa percepção. O corpo traz necessariamente essa apreensão sensível e envolve, inclusive, a própria concepção subjetiva da realidade construída a partir desse ponto de vista exclusivo, tornando o *mundo real* sempre *mundo percebido*. Para Merleau-Ponty, portanto, a percepção, sempre enlaçada à historicidade e ao imaginário da subjetividade em questão, é o ponto de encontro entre os âmbitos ôntico (relativo aos entes e ao mundo sensível) e ontológico (relativo ao ser e ao mundo supra-sensível), utilizando esses termos em moldes heideggerianos. Com a finalidade de resolver uma possível divisão polarizada entre sujeito e objeto – ou consciência e mundo – em sua compreensão ontológica não finalizada, Merleau-Ponty elabora o conceito de *carne*,

usando como exemplo a proposta grega dos quatro elementos citados na antigüidade (água, terra, fogo e ar) como formadores de toda a realidade. A carne traz em si, inseparavelmente, o *visível* (sensível, ôntico, ente) e o *invisível* (supra-sensível, ontológico, ser), dependendo da identificação perceptiva desses dois âmbitos por parte do observador. Esse elemento seria um tipo de substância (ainda que esta não seja a palavra mais adequada) que compõe toda a realidade, podendo-se falar, inclusive, em *carne do mundo*. A maior implicação desse pensamento é que o ser está na própria realidade e o contato com ele depende da disposição e capacidade de percebê-lo, reforçando ainda mais o papel da percepção na vivência do ser humano no mundo e com os outros (Merleau-Ponty, 2000).

À medida que segue o raciocínio, a fronteira entre o que se chama de individual e social vai-se mostrando mais tênue do que se supunha, notando uma maciça presença de aspectos socioculturais e históricos na formação da subjetividade em suas mais profundas raízes. Tende-se, no entanto, a uma posição determinista, seja pelo lado da subjetividade, seja pelo lado do ambiente, ou ainda pelo biológico; também é possível encontrar determinismos fora da ciência, como o religioso e o astrológico, por exemplo. A dificuldade maior instala-se no momento em que se tenta compreender tal relação evitando o partidarismo entre sujeito e objeto, quando se tenta compreender o sujeito mergulhado no ambiente sociocultural em que vive, embebido dos determinismos externos, mas ainda assim original. Um exemplo é o caso da complexa relação que diferentes culturas têm com a morte. Conforme retratado por Akira Kurosawa no episódio *Povoado do Moinho* do filme *Sonhos*, na tradição antiga dos japoneses costumava-se festejar a morte de alguém através de um cortejo muito alegre com cantos e danças, comemorando o encontro com a finitude depois de uma existência plena (Vomero, 2002). Entretanto, por mais que o intelecto possa compreender o argumento de que os falecidos não mais sofrerão as intemperanças da vida, não se pode evitar o choro cristão de um ocidental (mesmo que ele

seja ateu) frente à morte de um amigo, sob pena de ser maldosamente compreendido como desafeto.

Não obstante surja, com tal constatação, uma série de pensadores, analistas sociais, rebeldes e revolucionários, muitas pessoas identificam como exclusivamente seus os elementos que também são sociais, culturais e até históricos e passam a questionar suas próprias características. Tomando para si essas questões, consideram-se ‘doentes’, ‘problemáticas’ ou ‘inadequadas’, questionando seus próprios sentimentos sem considerar qualquer aspecto sociocultural da sua condição. Para ilustrar a situação, é possível expor uma curta vinheta de atendimento clínico devidamente alterada para que o sujeito nela não se reconheça. Há algum tempo, um cliente esportista relatou-me o quanto era insuportável ir a bares temáticos de música sertaneja e rodeios freqüentados por seus amigos; no entanto, não recusava tais passeios porque assim podia encontrá-los, acompanhá-los, fazer novas amizades e conhecer garotas. Em função disso, ouve repetidamente em sua casa as músicas tocadas nesses ambientes para tentar aprender a gostar do estilo, mesmo consciente de que são incompatíveis com as suas preferências musicais. Durante várias sessões, notei em sua fala a idéia de que “deve ter alguma coisa errada”, já que não possui os mesmos interesses dos seus amigos, e se sente impelido a aprender a ser como eles. Até o momento, como SI, pode-se entender essa experiência relatada de não se sentir à vontade em diferentes situações, destoando do ambiente ou de determinadas pessoas e julgando-se “errado”, tendendo a assumir como característica sua um incômodo cuja origem pode ser social, cultural ou mesmo histórica.

Em *O eu dividido*, Ronald David Laing toca substancialmente a idéia, apresentando o conceito de *insegurança ontológica*. Resumidamente, pode-se afirmar que consiste no medo de lidar com o âmbito ontológico da existência, nomeado por Merleau-Ponty de invisível, que acarreta na construção, geralmente a partir de elementos socioculturais já

prontos, de um perfil teoricamente mais seguro para a aceitação social por parte do sujeito, mas que não corresponderia a uma construção autêntica de sua identidade. Essa “máscara” é chamada por Laing de *eu desmaterializado*, ou seja, um eu (ego ou self, em outras compreensões teóricas) que não tem fundamentação no próprio corpo e, portanto, nas próprias experiências subjetivas no contato com o mundo (Laing, 1963). No caso desse rapaz, pode-se supor que ele estaria inseguro de assumir-se alguém que prefere outras atividades que não os bares freqüentados pelos amigos, por temer revelar sua aversão pela música sertaneja e uma conseqüente exclusão do grupo, condenando-o à solidão. A insegurança ontológica, porém, conduziria a um nível mais profundo, apontando para um real pavor diante da constatação de que o mundo não aceitaria a existência de esportistas com idade próxima dos 20 anos, que não freqüentam bares sertanejos. Sua simples existência já seria, por si mesma, algo que não cabe em sua própria compreensão. Assumir suas preferências, posicionando-se diante dos outros, nessa compreensão de mundo, é uma impossibilidade. Para isso, é preciso vestir uma máscara. No caso, a máscara do admirador de música sertaneja, que – esse sim – tem o direito de fazer amizades, namorar e sair em turma.

Entre possíveis reações de revolta e “adoecimento”, de acordo com a historicidade dos sujeitos, interessa-me compreender o momento e o modo como conflitam características pessoais e questões ligadas ao contexto social, cultural ou histórico, de maneira notória ou não.

Voltando aos estudos sobre a percepção realizados por Merleau-Ponty, penso que, ao fazer uma observação a respeito da Psicologia da Gestalt quando esta trata das noções de figura e fundo, o autor fornece uma oportunidade de melhor compreensão deste campo entre subjetividade e contexto sociocultural ao qual. Merleau-Ponty observa que, embora seja inegável a diferenciação entre figura e fundo, não se pode destacá-las uma da outra.

Para tanto, é necessária a observação de um terceiro âmbito, que seria um tipo fronteira entre os dois, já que a percepção não é capaz de identificar um contorno tão claro entre Figura e Fundo (Merleau-Ponty, 1999). Essa região fronteira e de certa forma “confusa” ele chama de *profundidade*. A compreensão existencial de uma pessoa necessita dessas três referências: figura, fundo e profundidade (Merleau-Ponty, 2004). É importante considerá-las, porém, não como entidades diversas, mas como lentes distintas dirigidas ao mesmo fenômeno, resultando numa única imagem. De modo semelhante, a profundidade representaria, na existência humana, a relação de cada um com o mundo percebido, seja ele distante como o ambiente ou extremamente próximo como o próprio corpo. Tendo como referência essa posição e seguindo o pensamento de Merleau-Ponty, é possível compreender o ser humano como um *ser-em-situação* (Carmo, 2002), pois não há como desvincular alguém da situação que vive no momento em que é observada, assim como não se separa o sujeito que percebe do objeto percebido.

Da mesma forma que se reconhece a necessidade de um olhar amplo por parte da Psicologia, observando não apenas de forma individualizante mas também contextual, faz-se necessário mais um avanço qualitativo ao se tratar do tema atual. Como tratar do SI envolve tanto a subjetividade como a objetividade, ou seja, implica tanto a pessoa como seu contexto vivencial e foi definida como campo de pesquisa a *profundidade* entre ambos, é necessário refletir sobre aquilo que se considera “interioridade” do sujeito e aquilo que seria sua “exterioridade”. Conforme publicações vindas tanto da Filosofia como da Sociologia, penso que tais compreensões sobre interno e externo devam ser questionadas. Considera-se uma composição indissolúvel o que comumente se divide entre sujeito e objeto. Bauman (2003; 2005) demonstra como a identidade é uma construção que nasce junto de uma série de familiaridades sociais, assim como a comunidade se mostra muito mais um desejo subjetivo a ser buscado que uma realidade pronta a ser vivida. Heidegger

(2002) propôs a idéia de *ser-no-mundo* para expressar esse fenômeno. É importante lembrar que a mudança paradigmática supera o mero estabelecimento da relação entre indivíduo e ambiente. Não se busca apenas uma contextualização, mas uma unidade, uma definição mútua e inseparável. Subjetividade e objetividade deixam de ser ambientes distintos para se tornarem pontos de vista distintos sobre o mesmo fenômeno.

Delimitação do Cenário e Tema da Pesquisa

Delimitou-se a profundidade existencial como o *cenário de pesquisa* do presente trabalho, o que, segundo González Rey, representa o espaço social que o estudo busca compreender (González Rey, 2005). Entendo que, ao tratar desse cenário de maneira abstrata, vale dizer que se trata de um espaço comum ao ser-em-situação de um modo geral.

A respeito do tema, como, durante o levantamento bibliográfico, não se encontrou qualquer definição direta e evidente do SI, faz-se necessário estabelecer maior aproximação do fenômeno e do conceito, não só pelo embasamento teórico e filosófico mas também pela sua estrutura semântica e pelo uso corrente da expressão, tanto no senso comum como na forma como é empregada nos meios científicos. Isso exigiu uma etapa de pesquisa teórica no processo.

Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo compreender o fenômeno de sentir-se inadequado em relação às pessoas ou situações que habitam o contexto sociocultural dos sujeitos e como se configuram os possíveis desdobramentos provenientes dessa situação. Espera-se uma exploração significativa do tema através do método proposto, de forma que seja proveitoso aos psicólogos em atividades profissionais e de pesquisa, assim como para profissionais e pesquisadores de áreas correlatas.

Capítulo 1 – Pesquisa teórica sobre a expressão SI

Para realizar a aproximação do conceito de SI e do que se compreende por ele, trilhou-se um caminho do uso amplo para o uso específico da expressão, até a delimitação do fenômeno utilizada na pesquisa. As etapas do estudo teórico foram as seguintes:

- 1 – análise etimológica da expressão *sentimento de inadequação*;
- 2 – impressão geral a respeito do SI em sites através de uma busca simples pela internet;
- 3 – constatação do uso da expressão SI nos arquivos dos últimos sete anos de um jornal de circulação nacional;
- 4 – verificação do uso da expressão SI nos manuais diagnósticos CID-10 e DSM-IV;
- 5 – levantamento da expressão SI em bases de dados científicas indexadas.

Todas essas etapas contribuíram para uma tentativa de compreensão histórica do conceito de inadequação.

As etapas, enquanto desenvolvidas, trouxeram novas necessidades de estudo e pesquisa, que foram ou não exploradas de acordo com a sua relevância para a investigação. Foi entendido por SI, pelo momento, o sentimento apresentado pela pessoa que não se encontra igual às outras que a cercam, independente de qual seja o motivo ou sua reação diante da inadequação. Embora possa ser facilmente criticada sob os parâmetros tradicionais, tal postura corresponde às colocações de González Rey (2005) ao compreender a pesquisa qualitativa como um processo. Isso significa que, no decorrer dos estudos, idéias surgem e rumos são repensados e avaliados.

Poucas referências discutem o significado da expressão. A grande maioria das referências encontradas toma-o como subentendido, principalmente, como sinônimo de *sentimento de inferioridade*. Diante dessa “obviedade” no entendimento da expressão, senti

a necessidade de um olhar mais atento na compreensão teórica do SI tanto em seu conceito como em seu uso.

Análise etimológica da expressão

Para melhor compreensão da expressão SI, recorri a uma análise etimológica básica e gradual, partindo de um dicionário de sinônimos simples para um dicionário etimológico e, em seguida, valendo-me de um dicionário de latim. Após as constatações, desdobram-se algumas reflexões.

Sentimento

No dicionário de sinônimos (Ferreira, 1986), procurei a palavra *sentimento*. Os significados encontrados foram: “1 – Ato ou efeito de sentir. 2 – Capacidade para sentir; sensibilidade (...). 3 – Faculdade de conhecer, perceber, apreciar; percepção, noção, senso: sentimento do dever, das conveniências; (...). 4 – Disposição afetiva em relação a coisas de ordem moral ou intelectual: sentimento religioso; sentimento patriótico; sentimento de admiração. 5 – Afeto, afeição, amor (...). 6 – Entusiasmo, emoção; alma: cantar com sentimento. 7 – Pesar, tristeza, desgosto, mágoa. 8 – Palpite, pressentimento”.

Na busca pela origem da palavra, o dicionário etimológico indica a palavra *sentimentum* do latim medieval, que é derivada, por sua vez, da também latina *sentire* (Bueno, 1968). O dicionário de latim, contudo, registra apenas o termo *sentire*, como flexão do verbete *sentio*. Também constam no mesmo item as palavras *sensi* e *sensum*. Com relação a este último termo, por sua vez, constam os seguintes significados: “I – Sentido próprio: 1) Sentir, experimentar uma sensação ou um sentimento (...). 2) Perceber (pelos sentidos ou pela inteligência) (...). II – Sentido figurado: 3) Ser de opinião, ser de

parecer, pensar, julgar. Em sentido moral: 4) Sentir, ressentir-se, sofrer (...). Na linguagem jurídica: 5) Decidir, votar (...).”.

Iniciando as reflexões a respeito da palavra, logo se nota, através do *sentire*, que o subjetivo derivado *sentimentum* não é uma exclusividade daquilo que é afetivo. Com exceção de ocorrências de uso muito específico (como *pesar* e *tristeza*, por exemplo), pode-se ampliar bastante sua compreensão quando se encontram sinônimos relativos à percepção (sensível ou inteligível), ao entusiasmo e ao pressentimento, assim como a proximidade do termo com outras palavras relacionadas, como *sensio*, *sensação* e *sensível*. Sua influência chega, finalmente, à forma jurídica, alcançando, inclusive, o posicionamento (decidir, votar) de alguém.

Compreendendo sentimento como acesso ao sensível, Merleau-Ponty, que usa em seu direcionamento o termo *visível*, é reencontrado nesta parte da pesquisa em que se atinge o âmbito da percepção. O sensível ou visível define-se justamente por constituir o que pode ser apreendido pela percepção. É possível afirmar, portanto, que a palavra sentimento refere-se a toda uma postura existencial subjetivamente construída no contato com o mundo, definindo-se e diferenciando-se. Inclui-se em tal postura a percepção do mundo e do outro, o julgamento das experiências vividas, a dedicação e o entusiasmo com relação a determinadas atividades, as características e a linha de pensamento frequentes (percepção inteligível e intuição) e, finalmente, a ação, o posicionamento.

Ressaltam-se aqui as semelhanças encontradas na etimologia da palavra sentimento com o já referido trabalho de Amatuzzi (1989), que demonstra, como necessidade para se compreender a fala autêntica, a observação da percepção/expressão (Merleau-Ponty), a intensidade de encontro com o outro (Buber), o posicionamento assumido pela fala (Paulo Freire) e a autenticidade da mesma (Rogers). Pode-se dizer que essas características estão

presentes na origem da palavra sentimento e serão levadas em consideração no decorrer da pesquisa.

Por um momento, cogitei diferenciar duas diferentes posturas, sendo uma passiva, restrita ao *sentimento*, e outra mais ligada à participação ativa do sujeito, que seria o *sensu de inadequação* (SsI). Ao entender, no entanto, com Merleau-Ponty, que a percepção já é uma ação (Merleau-Ponty, 1999), ressalto que o uso de *sentimento* no presente trabalho não se limitará à referência de um caráter exclusivamente afetivo ou emocional do sujeito, mas a sua construção existencial na busca de compreensão do mundo em que vive e das pessoas com quem convive. Até o momento, SI refere-se a uma postura existencial de inadequação, seja ela aparentemente passiva ou ativa, mas, inevitavelmente, refere-se tanto a uma quanto a outra. Tal discussão, porém, exigiria um trabalho à parte. Cabe agora o estudo da palavra inadequação.

Inadequação

Busquei, inicialmente, no dicionário de sinônimos (Ferreira, 1986), palavras relativas à inadequação. A respeito da própria palavra *inadequação*, o conteúdo encontrado foi: “falta de adequação, qualidade de inadequado”. Para maior compreensão, consultei os verbetes *adequação*, cuja referência mais relacionada à atual pesquisa era a de número dois: “Acomodado, ajustado, adaptado”, e *inadequado*, que trazia os dizeres “não adequado; impróprio”. No verbo *adequar*, encontrei: “[Do latim *adaequare*] – Tornar próprio, adaptar, ajustar (...)”.

No dicionário etimológico (Bueno, 1968), inadequado aparece como “não proporcionado, impróprio, desajeitado”, e *inadequabilidade* como “qualidade do que não pode ser adaptado, que não é adaptável”. Já o oposto, adequar, é explicado como “acomodar uma coisa à outra; pôr em consonância com”. Novamente aponta a origem para

a palavra *adaequare*, proveniente do latim. Os derivados da palavra são: “1. adequabilidade – qualidade do que é adequado, proporcionado a (latim: *adaequalis* + *idade*); 2. adequação – ato de adequar (*adaequationem*); 3. adequável (*adaequabilis*)”.

Após essa investigação, seria inevitável a consulta a dicionários de latim (Faria, 1962; Queiroz, 1959), que se mostraram muito esclarecedores. Segundo essas publicações, o advérbio *adaeque* significa “do mesmo modo, igualmente”, e o verbo *adaequo*, juntamente com suas possíveis flexões (-as, -avi, -atum, -are) é traduzido por igualar, atingir, igualar-se, aplainar.

Levando-se em conta que o próprio verbo *adaequo* é construído por *ad* e *aequo* e o substantivo *inadaequatum*, portanto, formado por *in* + *ad* + *aequatum*, penso que seja importante compreender a função dos prefixos *in* e *ad*. O verbete *in* é definido como um “prefixo privativo ou negativo criador de formas adjetivas e adverbiais; marca nas palavras que compõe a ausência ou a não existência do que a palavra simples significa. Assim ocorre em *insanus*, *indoctus*, *infans*, etc.” (Faria, 1962), ou seja, *in* mostra ausência da palavra simples. No caso, ausência de *adaequo*. *Ad*, por sua vez, é um preverbo que indica “a aproximação, a direção para, e, desses sentidos, passa a indicar o começo de uma ação” (Faria, 1962). Indica “tendência, direção para” (Queiroz, 1959). Voltando ao estudo, até agora pode-se entender que *inad* significa a ausência de início de uma ação ou tendência para ela, que será definida pelo verbo (*aequo*). O verbo pode, porém, ser substantivado, transformando-se em *aequatum*.

Chega-se, com esse estudo, portanto, à construção gramatical *in+ad+aequatum* ou *inadaequatum*, da qual se deriva, em português, a palavra *inadequado*. A formação da palavra demonstra três elementos que remetem, respectivamente, a uma ausência (*in*), uma tendência ou movimento (*ad*) e um estado (*equado*). Os dois primeiros elementos definem-se mutuamente como um significado especial, que é a ausência de tendência ou movimento

para algo. Esse “algo” é o estado de se estar igualado, aplainado. Inadequado pode ser definido, portanto, como *aquela que não se igualou ou não demonstra tendência a igualar-se*.

Reflexões sobre a análise etimológica da expressão SI

Ao aliar o estudo sobre o termo ‘inadequado’ ao estudo sobre ‘sentimento’, pode-se visualizar uma série de diferentes possibilidades de compreensão de modos de existência, desde o estado de alguém que se incomoda com o fato de sentir-se desigual até o de outrem que, considerado inadequado, não demonstra pistas de pretender igualar-se, continuando a viver dessa maneira. Por outro lado, pode-se imaginar alguém que queira ser igual a determinada referência, mas não consegue, provocando, possivelmente, um hiato incômodo. Outra possibilidade de inadequação é a do sujeito considerado desigual, mas que não se percebe desta maneira, sendo inadequado apenas no julgamento alheio, pois não possui nenhuma referência a que pretende se igualar.

Derivando mais reflexões suscitadas nessa etapa, devo dizer que a palavra *aplainar* me pareceu bastante interessante por desdobrar também a possibilidade de certa violência no ato de igualar. Plaina é uma conhecida ferramenta típica da marcenaria que, com uma lâmina, tira pedaços de uma peça de madeira, igualando sua superfície. A imagem da madeira aplainada representa uma igualdade horizontal, nivelada. Creio que esta reflexão possa ser útil no futuro, durante as análises e discussões. Em princípio, a situação daquele que se prejudica para igualar-se, exemplificada no início desta dissertação, poderia ser denominada *Aplainamento da Subjetividade (AS)*, e a situação de um possível revolucionário, que não pretende igualar-se mas tão-somente transformar o ambiente sociocultural para adequá-lo à sua subjetividade, de *Aplainamento da Objetividade (AO)* –

tomando como referência, porém, o hábito comum de se apresentar uma cisão entre sujeito e contexto sociocultural.

A partir de um ponto de vista etimológico, SI pode ser compreendido como *o indício de um modo de existência no qual se constata um estado de diferença ou peculiaridade, independentemente das reações assumidas a partir dessa constatação*. As reações, porém, não serão ignoradas ou deixadas de lado, pois mostram-se valiosas referências na compreensão do SI. Serão retomadas no decorrer do trabalho e de sua argumentação assim que isso se mostrar conveniente, principalmente no que disser respeito à análise das entrevistas. Também é preciso observar que a constatação e a reação referidas podem ser provenientes tanto do próprio sujeito quanto de outros ao seu redor.

Impressão geral do SI através de uma busca simples pela internet

Como segunda etapa da parte teórica da pesquisa, estabeleceu-se a elaboração de uma impressão geral do pesquisador a respeito do uso da expressão a partir de uma busca simples pela internet. Para isso, foi utilizado o portal *Google* em sua versão brasileira (<http://www.google.com.br>), conhecido atualmente como o *site* de busca mais popular. As expressões SI e seu correlato em inglês *feeling of inadequacy* foram digitados entre aspas para que a busca ocorresse com as palavras dentro da expressão e não separadamente. É importante observar que a intenção dessa etapa não está em iniciar uma nova e completa pesquisa sobre o uso da expressão nem discutir a qualidade científica do conteúdo encontrado, por esse motivo, optou-se por um relato breve do material encontrado, ressaltando suas maiores contribuições. Nota-se que, além de uma mera constatação do uso corrente da expressão, houve também diversas colaborações teóricas sobre o assunto e que merecem ser abordadas, ampliando ainda mais as possibilidades envolvidas no SI. No final, apresentar-se-ão algumas reflexões sobre o material encontrado.

O assunto começa a se desenrolar a partir da Psicologia, surgindo comentários sobre Alfred Adler, autor da psicanálise que aborda o assunto (Ballone, 2005). Adler considerava que pessoas que apresentam graves fraquezas orgânicas tendem a compensá-las, tornando-se fortes e habilidosas por meio de treinos e exercícios. Isso dar-se-ia a partir de um sentimento de inferioridade em relação aos outros e sua conseqüente tentativa de superação, chamada de *vontade de poder*¹. Para Adler, o *objetivo de superioridade* pode tomar dois rumos diferentes: o primeiro, já comentado, seria a busca de auto-superação, ultrapassando suas limitações naturais; o segundo, considerado por ele uma perversão neurótica, consistiria na tentativa de dominar as outras pessoas, uma espécie de superioridade pessoal – ambos funcionam como uma compensação da inferioridade. Em relação ao termo SI, Adler coloca-o como um empecilho ao comportamento cooperativo, que é, por sua vez, uma forma mais efetiva de adaptação ao meio ambiente. Para ele, somente através da cooperação as inferioridades reais ou sentimentos de inferioridade podem ser superados, considerando que os que cooperam são aqueles que contribuem para o desenvolvimento da humanidade. O SI e o malogro caracterizam-se como “as raízes de todo estilo de vida neurótico ou inadaptado”, tornando-se um dos obstáculos ao crescimento.

Outros materiais da área psi citam o SI como critério diagnóstico para a distímia (Bellino, s/d). Dois artigos discorrem sobre a eficácia dos florais de Bach no combate ao SI entre outros sintomas (Carvalho, 2001; Scherer, 2002). Um artigo ligado à *Associação Brasileira de Psicoterapia Reencarnacionista* (ABPR) usa a expressão SI de modo passageiro, corroborando com a psiquiatria ao conduzi-la a horizontes espiritualistas (Kwitko, 2007).

¹ Apenas como observação das possíveis influências presentes no pensamento de Adler, percebe-se aqui uma referência a Nietzsche, que apresenta o conhecido conceito de *vontade de potência* ou *vontade de poder*. Outras idéias do autor também podem ser percebidas na argumentação de Adler.

Num portal judaico, o artigo de um rabino discute o conceito de *teshuvá* (retorno) no judaísmo, usando o SI como possibilidade de vício e sofrimento ou de reflexão para o desenvolvimento do caminho da santidade (Steinsaltz, s/d).

Uma matéria da *Veja*, revista de circulação nacional, sobre o excesso de informações, mostra o SI em duas entrevistas, uma na qual é referida como sintoma típico desse contexto e outra como um sentimento contemporâneo inevitável. A segunda ocorrência afirma a existência de um mal-estar a partir do momento em que se estabelece um modelo imaginário de pessoa que consiga absorver as inúmeras informações atualmente disponíveis em jornais, periódicos científicos, internet, televisão e outros meios de comunicação. O escritor Richard Saul Wurman, um dos entrevistados, propõe a “ignorância programada” na tentativa de evitar a ansiedade, recomendando priorizar apenas aquilo que cada um precisa saber, tornando-se, portanto, decididamente ignorante em tudo aquilo que não pretende saber (Baptista, 2001).

Outro artigo equipara o SI à condição de *ser-lançado* ao mundo, descrita pelo filósofo Martin Heidegger (Souza, 2005). Por fim, um programa de socialização e acompanhamento de alunos de determinada universidade cita o SI social ao mundo acadêmico como uma barreira a ser vencida através do trabalho. O SI também figura como critério diagnóstico de nosologias atuais, como o *burnout*, por exemplo. Encontra-se ainda referência à poesia de Carlos Drummond de Andrade em *A Rosa do Povo*, obra considerada como portadora de alto teor de engajamento político (Arruda, s/d). É muito comum, em textos informais e frases citadas, a aproximação do SI ao sentimento de inferioridade (expressão criada por Adler), tornando-os, muitas vezes, equivalentes.

A mesma pesquisa realizada com o correspondente de SI em inglês, *feeling of inadequacy*, mostra algumas diferenças. A abundância de trechos ou citações de artigos publicados em periódicos demonstra um ramo de pesquisa psicológica predominante em

determinada época e hoje cristalizada na expressão SI. Mostram-se, no entanto, artigos muito antigos e suas referências ao SI são sempre feitas no sentido de entendê-lo como um sintoma. Os artigos mais remotos apontam para diagnósticos individualizantes, como déficit de aprendizagem e estupidez (Janet & Raymond, 1904; Obenrdorf, 1939; Seidenberg, 1959) e um aponta o SI cultural (Stefanowska, 1979), não disponibilizando, no entanto, o conteúdo, apenas sua referência. O mais evidente dos estudos estadunidenses realizados sobre o SI aparece à parte com a descrição e o questionário da escala revisada de SI de Janis e Field de 1959 (Janis & Field, 1959; Fleming & Courtney, 1984). Outro texto que coloca o SI como sintoma refere-se ao tratamento da ansiedade através de cristais, florais e óleos essenciais (Beyond the Rainbow, 1996). Há um texto em que o autor, um consultor de empresas, descreve seu SI e sua “piscina de inadequação” (*inadequacy pool*) como um lugar no qual freqüentemente deve mergulhar para retomar suas reflexões (Jourdain, 2005). Surgem também dois *blogs* pessoais em cujos textos as autoras usam o SI para descrever suas experiências de serem mães (Hinkle, 2004; Krispy, 2006). Por fim, um escritor se lança a descrever uma série de sentimentos a partir das próprias divagações e usa o SI ao tratar do ciúme (Blum, 1999).

Reflexões acerca do uso da expressão SI

Embora se apresente inicialmente como uma abordagem bastante abrangente em termos de compreensão psicológica, o modo como Adler situa o SI parece evocar uma visão bastante tradicional e determinista, legando à inadequação um caráter individualizado e prejudicial ao progresso da humanidade, pensamento este por sua vez de cunho bastante moderno e positivo, no sentido de estabelecer um Bem Maior ligado ao desenvolvimento e ao pragmatismo. Em resumo: aquilo que não favorece o desenvolvimento, torna-se um obstáculo de compreensão superficial. Ainda segundo o

texto, Adler vê o paciente não-colaborador dos interesses sociais como alguém que está voltado para si mesmo e, portanto, alheio à cooperação. Penso que o estabelecimento do SI como algo que impeça o bem-estar social facilita sobremaneira a aproximação da expressão a um caráter depreciativo, um sintoma “ruim” e perigoso. Dessa maneira, o estranhamento de si ou do meio certamente não tem outra possibilidade que não seja a de se considerar “errado” ou “defeituoso”.

É possível compreender o motivo da equivalência verificada no uso corrente entre o SI e o sentimento de inferioridade. De alguma maneira, esse valor parece ter-se estabelecido a partir do pensamento de Adler. É com esse conceito que se torna possível visualizar, com a Psiquiatria, o SI como um sintoma, seja nas nosologias psiquiátricas, seja no acompanhamento social dos alunos universitários. Sendo um campo conhecidamente respeitado enquanto *status* científico, a medicina psiquiátrica é procurada por adeptos de métodos terapêuticos alternativos a fim de proporcionar credibilidade ao seu trabalho, conforme mostram os florais, óleos, cristais e a terapia reencarnacionista. Da mesma maneira, as mães fazem uso parecido ao citar o SI em seus blogs como um sintoma de inferioridade. A presença marcante da expressão nos artigos em inglês, principalmente na época em que a Psicanálise mostrava-se maciçamente presente nos diagnósticos psiquiátricos, evidencia essa influência. O auge da ‘sintomatização’ do SI é o estabelecimento da escala, no qual a medida se sobrepõe a qualquer característica existencial do ser-em-situação.

Do artigo sobre o judaísmo, constata-se uma compreensão do SI como possibilidade de reflexão mesmo que ele conduza ao vício e ao sofrimento. Essa posição lembra claramente o lado nocivo do estágio *estético* da vida demonstrado por Sören Kierkegaard em *O Desespero Humano* e *Diário de um Sedutor*, etapa vencida quando o esteta percebe o próprio pecado, passando, então ao estágio *ético* e, caso o supere, ao

religioso (Kierkegaard, 2002a; 2002b). Creio que essas reflexões oriundas do SI não sejam exclusivas do campo religioso mas igualmente de outras áreas, como a política, por exemplo, conforme observado sobre o livro de Drummond. Também o texto do consultor de empresas ressalta a importância de se ‘mergulhar’ no SI de tempos em tempos para refletir sobre sua prática.

A matéria da *Veja* colabora ao apresentar ao SI a característica do estabelecimento de um modelo imaginário que supostamente realiza tudo aquilo que está longe do alcance das competências do sujeito, ou seja, estabelece ao sujeito a condição de inferior, o que tenta superar em todo momento. Pode-se pensar que ele se torna equivalente a um sentimento de inferioridade apenas quando acompanhado de um ato de comparação e, é claro, com os valores “superior” e “inferior” previamente estabelecidos. A divagação do escritor sobre o ciúme também pode relacionar SI e o ato da comparação. Outra característica importante é a da escolha. Quando é feita a proposta da ignorância programada, subentende-se a capacidade de escolher e, portanto, de assumir determinada postura por parte da pessoa. O pensamento existencial de que escolher determinadas coisas é necessariamente abdicar de outras faz-se presente no momento em que se trata da angústia relativa à tendência humana que Jean-Paul Sartre chama de vontade de se tornar Deus (Sartre, 1997), isto é, de se tornar completo, dominando todos os assuntos sem exceção. Tal escolha, a partir do reconhecimento do limite da condição humana em relação ao conhecimento, envolve a definição, ao menos através da exclusão, do projeto de vida de cada um através da ‘ignorância’ sobre determinados assuntos.

A condição de *ser-lançado* (*Geworfenheit*) levantada pelo artigo de Souza é explicada por George Steiner (1990) como uma “banalidade primordial”. Ela significa que o mundo no qual somos lançados sem escolha ou conhecimento prévio já estava antes e

continuará depois de nós, mesmo considerando o *dasein* (ou, em português, *ser-aí*², modo como Heidegger nomeia o ser do Homem) inseparável deste mundo. É o encontro entre o *dasein* e a *facticidade* (aquilo que é dado ao *dasein*, sobre o qual ele não tem poder de mudança). Creio que, nesse sentido, Souza tenha razão ao colocar uma similaridade com o SI, pois essa breve explicação vem ao encontro do tema do presente trabalho com muita clareza. Arrisco dizer, portanto, que haveria uma espécie de “SI ontológico”, ou seja, que o estranhamento de si e do mundo, numa visão ampla, é uma situação inevitável às pessoas. O que diferiria em cada caso seria o modo de sua ocorrência, incluindo o grau de relevância do SI em sua existência. Ambos os fenômenos, o SI e a condição de ser-lançado, mostram-se como um estranhamento, remetendo à recomendação dos primeiros filósofos, que, a partir dessa atitude, iniciavam suas reflexões.

Uso da expressão SI nos últimos sete anos de um jornal de circulação nacional

As ocorrências da expressão SI no acervo de um conhecido jornal de abrangência nacional, a *Folha de S. Paulo*, entre os anos 2000 e 2006, serão expostas cronologicamente, das mais antigas às mais recentes. Em seguida, seguem reflexões sobre o material encontrado.

Ricardo Grinbaum (2000) enviou de Londres para a Folha no Brasil, uma resenha do livro *Consolations of Philosophy*, de Alain de Botton. Assim como um livro de auto-ajuda, a publicação fornece conselhos para o enfrentamento das dificuldades da vida através do conhecimento filosófico. Ao mostrar como alguns filósofos podem ajudar no cotidiano das pessoas, o texto diz que Michel de Montaigne trata do SI do ponto de vista físico, ou seja, mostra que existe uma diferença em relação ao próprio corpo na comparação com o corpo alheio. Montaigne (1533-1592), segundo leituras específicas

² Algumas traduções de *dasein* para o português apresentam o termo *pre-sença*, uso, no entanto, criticado por especialistas.

(Coelho, 2001; Montaigne, 2002), mostra-se indubitavelmente um “filósofo inadequado”, conhecido por introduzir na Filosofia o *ensaio*, um tipo de escrita extremamente pessoal (inclusive com emoções e opiniões) sobre os mais diversos assuntos (amizade, tristeza, afeições, canibais, cheiros, punição, medo, sono, Cícero, Heráclito, César, orações, idade, instituições públicas, leis, etc.). O ensaio constituía um estilo tão diferente dos tradicionais tratados filosóficos, que estigmatizou a obra de Montaigne por muito tempo como um mero amontoado de elucubrações e idéias dispersas. A profundidade dos textos, no entanto, sobressaía, levantando pensamentos e reflexões bastante pertinentes. A especulação existencial do filósofo influenciou uma série de futuros pensadores e estabeleceu uma grande liberdade de pensamento filosófica e literária. Segundo Botton, Montaigne trata do SI da pessoa em relação ao seu próprio corpo, sua inteligência e seu meio social. Ao observar o comportamento dos animais, Montaigne chegou a considerá-los mais inteligentes que os humanos por aceitarem naturalmente seus corpos. O autor afirma que Montaigne ensina a nos aceitarmos como somos em todos os aspectos, inclusive os considerados “ordinários” e aqueles que costumam causar “grandes constrangimentos”.

O psicanalista Contardo Calligaris (2001) critica o modo como atualmente são preparadas as seções de comportamento, sociedade e vida cotidiana impressa nas revistas midiáticas. Mostrando que a mídia atual tende a estimular o mercado e a apresentar técnicas para se atingir uma “forma perfeita”, cita uma reportagem que enaltece a modelagem corporal, que, sob um olhar crítico (comum nos anos 70), denunciaria os lucros industriais da beleza, ressaltaria os riscos das cirurgias e listaria as patologias referentes ao desejo de mudar o corpo. Essa possível reportagem crítica mostraria que o SI em relação ao corpo viria de outras áreas mais fundamentais da vida e apontaria a tendência infértil à busca ‘fácil’ pela beleza. O restante do artigo continua na mesma linha, observando sempre o artificialismo e a superficialidade das abordagens atuais em relação ao comportamento

humano. A noção de superficialidade de Calligaris está diretamente ligada aos interesses de mercado, ou seja, quem pretende vender não expõe todos os lados de um determinado fenômeno, como caberia, por exemplo, a uma revista preocupada com o bem-estar e a saúde do leitor. No decorrer do artigo, diz que a verdade atual é regida pelo pragmatismo e pela ‘solucionática’, isto é, a busca da solução imediata. Termina o texto perguntando marotamente se isso não seria uma vassoura que usamos para “empurrar os problemas para baixo do tapete”.

O deputado federal Fernando Gabeira publicou um artigo intitulado *A lucidez de um intelectual fora de lugar*, no qual discorre sobre a vida de Edward W. Said, segundo ele, “um dos maiores intelectuais do mundo árabe”. Gabeira destaca que Said “estava sempre fora de lugar”, por ser um “palestino vivendo no Cairo e freqüentando escolas inglesas e norte-americanas”. E “mais ainda: seu físico, sua voz, sua postura, tudo isso parecia inadequado e lhe dava um constante sentimento de inadequação”. Após comentários sobre a vida e o livro *OUT OF PLACE*, de Said, o autor afirma que, a partir de histórias pessoais, sua obra construiu uma teoria que “desmontou um poderoso mecanismo de domínio colonial”, pois mostrou que o Oriente foi uma construção teórica ocidental regrada e codificada para dominá-la (Gabeira, 2001). Pode-se observar que o SI é visto de uma maneira bem diferente das demonstradas anteriormente, colocado como um dos grandes responsáveis pela profundidade do conteúdo na confecção da obra de Said. O SI, aqui, soa como uma oportunidade de análise crítica da realidade, tendo contribuído de maneira significativa para a formação desse intelectual. A situação na qual se desenvolve o SI é de clara diferença, inclusive física e geográfica. Por mais que pretendesse se igualar aos seus próximos, Said jamais conseguiria.

Outro artigo de Contardo Calligaris chamado *O segredo da acumulação primitiva neoliberal* traz comentários sobre uma grave situação social que, na busca por lucros, cria

“cidadãos descartáveis” (usando expressão de Elio Gaspari), ao subtraí-los de suas comunidades restritas, familiares e sociais. Calligaris oferece uma análise mais minuciosa que a simples retirada física das pessoas de suas comunidades, mostrando que o cotidiano é repleto de sonhos imputados pelo mercado, que alimenta no sujeito “sonhos de elegância perfeita, casa perfeita e corpo perfeito”, pois eles perpetuam o SI e garantem que ele defina a identidade contemporânea. Afirma que haveria uma catástrofe econômica se fosse possível acalmar a insatisfação pessoal (Calligaris, 2001).

Marcelo Pen, crítico da Folha, comenta o livro *Youth: Scenes From Provincial Life II*, de J. M. Coetzee. O título é *Coetzee revela sentimento de inadequação*. O texto segue de modo parecido com o que Gabeira publicou sobre Said: conta a história do autor e comenta sua obra. Em relação ao SI, diz que ele “percorre a obra”. A explicação sobre o assunto, entretanto, é um tanto inusitada, pois, a partir das negativas do escritor em conceder entrevistas e declarar que tudo o que quiserem saber sobre sua vida está em sua obra, Marcelo Pen comenta sobre o alter ego de Coetzee, o personagem John, que, “insatisfeito com o passado africânder de sua família e com a África do Sul, (...) vai para a Inglaterra.” O trecho indica que o SI teria sido um motivo de sua mudança de país, trocando o de sua família por outro desconhecido (Pen, 2002).

A reportagem *Donizete Galvão persegue o efêmero e seus traços em “Mundo Mudo”* (Alves, 2003) apresenta um dos livros de poesias do escritor Donizete Galvão. O que é exposto, na verdade, é basicamente uma entrevista com o poeta. No trecho em que se refere ao SI, declara: “Fui escrever poesias por insensatez, sentimento de inadequação ao mundo, mal-estar interno”. A impressão apreendida de tais palavras vindas do poeta é a de que o SI ao mundo, para ele, estava inicialmente ligado a um mal-estar e à insensatez, mas foi justamente através dele que Galvão pôde tornar-se poeta.

Juliana Monachesi publicou *Detetives não têm pai e mãe*, no qual, em entrevista com a escritora Margaret Atwood, aborda o livro *Oryx and Crake*. A breve referência ao SI é sobre uma situação de transformação do personagem principal, Joan Foster: sofrendo de obesidade mórbida na infância, torna-se magra na idade adulta e passa a escrever romances (Monachesi, 2003). O SI é exposto como algo importante no desenvolvimento da pessoa. Em tão poucas linhas para contar a história do personagem, foi escolhido o SI como expressão significativa.

Na sessão de empregos, uma psicóloga “especializada em terapia floral” afirma que o SI em relação aos colegas de trabalho gera mecanismos de defesa e soma-se ao julgamento alheio para definir um funcionário como “problemático”. Sentindo-se cercado por essa situação, o funcionário “entra em colapso”, como ela própria afirma, insinuando uma crise psicológica aguda. Para o tratamento, defende o uso dos florais para “harmonizar as convivências e ampliar a tolerância das pessoas” (“Cercado, funcionário”, 2004).

Dulce Critelli declara que as negociações financeiras, antes exclusivas de governos e empresas, agora fazem parte do cotidiano, formatando as vivências e pensamentos atuais, como casamento, diversão, estudo, profissão, crença, planos para o futuro, sobrevivência, velhice e até a morte. Tudo isso só pode acontecer se for adequado ao sistema dos negócios. E “até mesmo a caridade, que poderia ser o contrário, se não se submeter a tal sistema não poderia ser praticada”. Critelli mostra o problema atual da banalização e popularização dos negócios, estabelecidos como a única maneira para se lidar com a existência. O que antes era exigido dos “homens de negócio”, exige-se hoje do cidadão comum. Segundo ela, porém, “só ganham o jogo os mais competentes e adaptados para se conduzir de acordo com suas regras”. Frente a isso, afirma não ser coincidência a presença de tantos sintomas crônicos de cansaço, estresse, baixa auto-estima, depressão e SI. Essas pessoas “não têm aptidão para esse tipo de jogo”, continua. O reconhecimento social,

portanto, está ligado à imagem de “bom jogador”. O artigo termina ressaltando a singularidade e a necessidade de se resgatar essa característica na visão contemporânea de sujeito (Critelli, 2004).

Publicado pelo diretor de cinema iraniano Abbas Kiarostami, surge o texto *A arte da inadequação*. O autor/diretor inicia relatando várias experiências e atividades que já teve na vida e as relaciona com o SI da seguinte forma: “Tudo isso, para mim, tem a ver com um problema de inquietude, com o fato de ter de sobreviver de qualquer maneira e reagir a um profundo sentimento de inadequação. Experimento continuamente a exigência de fazer qualquer coisa de novo para ser mais bem aceito. Muitos consideram que na vida é preciso estabelecer uma meta para encontrar o sucesso, mas eu não acredito que funcione dessa maneira. Talvez no mundo dos negócios ou no âmbito científico. Na arte, ao contrário, o aperfeiçoamento só pode surgir da inadequação. Pensamos ser inadequados, não bastante bons, e nos esforçamos para fazer algo diferente” (Kiarostami, 2004).

Em 09/05/2005, as respostas de algumas perguntas freqüentes sobre distímia foram publicadas, esclarecendo o leitor sobre o assunto. O item “conseqüências da doença” situa o SI junto com outros sintomas: desconforto social, isolamento, diminuição do convívio, irritabilidade, impaciência, prejuízo da capacidade produtiva e da agilidade mental. A proposta de tratamento indicada é o uso de antidepressivos e psicoterapia, com a possibilidade de se agregar também um terapeuta ocupacional, ou seja, há uma preocupação de três intervenções pontuais: uma biológica, uma psicológica e uma ocupacional.

Algumas ocorrências da expressão SI encontram-se na seção de astrologia do jornal. O trecho selecionado para ilustração do uso astrológico do SI data do dia 27 de dezembro de 2005. O SI é citado como proveniente da falta de poder de mudar a própria vida e é originado do desentendimento entre a Lua e Saturno. Esse desentendimento cria

uma contradição entre o querer e o poder do sujeito do signo de Câncer. Júpiter é que envia uma intuição para se resolver o impasse. Nota-se, portanto, que se trata de uma classificação psicológica, pois o sentimento surge a partir de um conflito pessoal, uma contradição entre querer e poder (Abramo, 2005). Tanto o conflito como sua possível resolução, no entanto, têm uma origem determinante: a posição dos astros. A trama torna-se psicológica por oferecer não certezas, mas possibilidades de resolução, responsabilizando o sujeito. Outras ocorrências astrológicas do termo seguem um padrão semelhante quanto à abordagem do fenômeno.

Na linha teatral, surge *'Dramática'* investiga *disfarces e sublinha contradições humanas*. Janaína Fidalgo escreve sobre a peça *Dramática*, que aborda a relação entre o ator e os papéis que representa, conteúdo já desenvolvido por mim na conclusão do curso de graduação, em trabalho não publicado (Torres, 2001). Segundo o texto, a peça nasceu da pesquisa da atriz Melissa Vettore, cujo tema era exatamente o SI. Não foi encontrado, porém, nenhum material da autora, o que indica uma possível informalidade da pesquisa ou uma pesquisa exclusivamente empírica voltada para a interpretação teatral. Segue a declaração de Vettore: “[Investigar] essa coisa de se sentir meio errante, uma pessoa que não dá certo, [me motivava]. Como se sente quando está sozinho e como muda quando está na frente da outra pessoa” (Fidalgo, 2006). O SI é descrito com clareza a partir da vivência teatral e muito próximo da forma como os entrevistados se expressam, conforme será demonstrado no decorrer da presente pesquisa. É interessante que o trecho aponte para as relações humanas como um diferencial para o próprio SI, desindividualizando o fenômeno.

Reflexões sobre as ocorrências do SI no jornal Folha de S. Paulo

As ocorrências presentes no horóscopo e na compreensão da terapia floral repetem o que se constatou no serviço de busca pela internet: a apropriação do jargão tradicional

por parte das terapias alternativas a fim de consolidar sua aceitação científica. Sua visão sobre o SI é a de um sintoma individualizado e, no segundo caso, com prescrição específica de medicação. Essa posição é mais clara no texto sobre distímia no qual, conforme observado anteriormente, o SI é situado dentro de uma estrutura diagnóstica. É notável o subentendimento do SI como prejudicial ou danoso, ligado ao desconforto social e à perda generalizada de prazer ou interesse pela vida. O não ser igual aos outros, nessa visão, portanto, significa um sofrimento que afasta o portador da vida e do prazer. A intervenção é multifocal: embora atue em diferentes pontos, não compreende o ser-em-situação, mas como várias partes, vários mecanismos que se interagem; no caso, um mecanismo biopsicosocial.

Para Calligaris, o SI é considerado um fenômeno que a cultura de consumo pretende esconder. Considerando outros pontos de vista já encontrados pelo atual trabalho, é possível afirmar que o autor acredita que o SI pode colaborar para o surgimento de novas reflexões sobre a própria vida, que os empresários lutam para manter embotadas e sem qualquer desenvolvimento. Um olhar mais amplo pode afirmar que a tensão do ser-em-situação que vivencia o SI pode ser manipulada através da mídia em favor do mercado na obtenção do lucro. O autor coloca o SI como uma forte ferramenta psicológica de perpetuação do lucro, ou seja, se os sujeitos são tornados inadequados, sempre estarão procurando a adequação; esta, no entanto, não é gratuita, depende de determinados produtos cuja necessidade é divulgada a todos por meio da publicidade. As afirmações de Calligaris mostram também um antagonismo entre o SI e o pertencimento à comunidade, à familiaridade, à sociedade de origem. Cria-se, então, uma espécie de *identidade inadequada*, que incentiva a procura por produtos que amenizem o SI a partir do estabelecimento de modelos de perfeição representados por produtos vendáveis.

Critelli expõe o SI a partir de um contexto muito semelhante ao de Calligaris, que afirma que a sociedade capitalista o estimula com finalidades lucrativas, no entanto ela não diz isso. Apenas aponta os problemas provenientes do fato de não se considerar as singularidades e peculiaridades de cada um. O SI seria, portanto, um sintoma derivado da padronização do sujeito ocidental como “homem de negócios”. Fica claro que o modelo estabelecido se inicia no “mundo administrativo” em relação ao qual todos devem se equiparar.

Montaigne parece colaborar muito com a presente reflexão ao introduzir a idéia da inadequação física e, principalmente, através do seu exemplo pessoal, demonstrando seu estranhamento, seu mundo não exclusivamente racional e seu estilo próprio de pensar e escrever. A proposta de Botton sobre sua obra, no entanto, preocupa-se em oferecer ajuda aos leitores inadequados, o que não deixa de ser uma sintomatização sutil do SI. É possível compreender também como o SI, a partir das características físicas, chegou até Alfred Adler, formando uma idéia bastante difundida sobre o fenômeno. A personagem Joan Foster, de Atwood, mostra o SI iniciado de forma física (obesidade) e sua busca pelo modelo oposto (magreza), que é alcançado juntamente com a habilidade da escrita e, portanto, da criatividade, ou seja, tanto o modelo estabelecido quanto a reflexão criativa são atingidos.

Gabeira apresenta Edward Said, que coloca o SI constante como fundamental para o questionamento do contexto histórico e sociocultural que viveu, criando uma importante consequência política. O texto mostra como o SI pode situar o ser-em-situação em uma observação mais ampla dos fenômenos, equivalente ao tradicional *afastamento* da realidade para sua compreensão. Alguém que vive diversas culturas certamente pode estabelecer relações e diferenciações entre seus hábitos mais comuns, seus modos de pensar e sua linguagem. Nesse caso, o SI é uma condição facilitadora da criticidade.

Ao tratar do livro de Coetzee, Pen mostra o SI como motivador de uma decisão grandiosa de alguém ao optar por uma mudança radical na vida, lançando-se ao desconhecido por uma insatisfação com o conhecido, um aparente esgotamento tedioso. É como se, dessa maneira, fosse possível atualizar a sensação de ser-lançado já comentada anteriormente, conseguindo, através disso, “novos ares” para a existência. É comum, na prática psicológica, que pessoas insatisfeitas com o modo como suas vidas têm se desenrolado descrevam a vontade de mudar de país ou de cidade.

A poesia mostra-se um caminho significativo no trato do ser-em-situação com o SI. Assim como Galvão encontrou-a como uma saída para sua angústia, já havia sido comentada anteriormente a poesia de Drummond também relacionada ao SI. Aliás, torna-se inevitável pensar na angústia existencial a partir da entrevista do poeta de “Mundo Mudo”. Essa relação indica uma alternativa à natureza do SI envolvida não apenas com as características físicas mas também com vivências e experiências no decorrer da existência. Da mesma forma, a vivência teatral também se faz presente de maneira fértil em relação ao SI, possibilitando, como um método, o conhecimento de um personagem por parte do ator e, por que não, como um modo de se relacionar com o outro e de estar só.

Com Kiarostami, novamente o que surge é um sentimento aparentemente “ruim” mas fundamental para a mobilização, para a criação, para a busca de novas e diferentes experiências. Sutilmente ligado à inferioridade, o SI exige de Kiarostami novidades e criações inéditas na busca de ser aceito pelos outros. O SI mostra-se fundamental para uma manifestação artística. Por fim, a diferenciação feita entre arte, ciência e mundo dos negócios afirma que o artista não tem metas, pois busca, de fato, relacionamentos humanos. O autor demonstra acreditar que as relações humanas alcançam maior qualidade quando unidas à criatividade e à novidade – a meu ver, como uma forte capacidade de

situar o ser-em-situação na presença do fenômeno de maneira imediata, remetendo novamente ao SI ontológico.

Verificação do uso da expressão SI nos manuais diagnósticos CID-10 e DSM-IV

As produções que abordam os manuais diagnósticos utilizam-se, por vezes, da expressão SI no decorrer de sua argumentação e exploração das nosologias que se propõem a estudar. Não necessariamente, no entanto, a expressão se faz constar diretamente. A busca realizada foi nas versões brasileiras dos respectivos manuais. Talvez nem todas as ocorrências tenham sido relacionadas nessa etapa da pesquisa com os manuais, mas penso que o sentido do uso contextual da expressão não depende da abordagem total das mesmas.

CID-10

A décima revisão do *Código Internacional de Doenças* (CID-10) não traz nenhuma ocorrência da expressão SI.

DSM-IV

A quarta edição revisada do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-IV-TR), em sua versão brasileira, apresenta duas ocorrências com a expressão SI: o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC, 300.7) e o Transtorno da Identidade de Gênero (TIG). Há outras três ocorrências com o uso da terminologia *sentimentos de inadequação*, com a primeira palavra no plural. São as seguintes: Transtorno Distímico (TD, 300.4), Transtorno de Personalidade de Esquiva (TPE, 301.82) e Transtorno da Personalidade Dependente (TPD, 301.6).

No primeiro dos cinco casos, o TDC, embora o constante incômodo com alguma característica física possa ser compreendido no atual trabalho como um aspecto já

apontado do SI, ele é citado apenas na parte referente ao diagnóstico diferencial, demonstrando que, caso o que ocorra seja apenas um SI, o diagnóstico deve ser outro; no caso, quando a percepção dismórfica corporal relaciona-se às características sexuais, o diferencial aponta o TIG. O TDC parece referir-se a casos supostamente mais acentuados da percepção corporal, indicando, inclusive, com sintomas delirantes.

O TIG cita o SI como um dos critérios diagnósticos para sua efetivação. O item B aborda o SI em relação ao papel de gênero de seu próprio sexo: refere-se a mulheres que não aceitam os papéis femininos e homens que não aceitam os papéis masculinos.

O TD, conforme já explicitado após busca pela internet, apresenta o SI como um sintoma, juntamente a outros, como perda do interesse ou do prazer, retraimento social, etc.

O TPE caracteriza-se pelo medo, tensão e insegurança em relação ao contato social, levando o sujeito a esquivar-se dessa interação. O SI é o critério diagnóstico responsável pela inibição em novas situações interpessoais.

No diagnóstico diferencial do TPD, o SI é citado junto a uma referência ao TPE, ambos caracterizados junto à hipersensibilidade a críticas e pela necessidade de reassuramento. Diferencia, no TPE, um grande medo da humilhação social e da rejeição, provocando um retraimento até que perceba sua aceitação.

Reflexões sobre o uso da expressão SI nos manuais diagnósticos

A ausência da expressão no CID-10 e sua presença significativa no DSM-IV demonstram a predominância do SI na cultura estadunidense, ao menos no que diz respeito à psiquiatria. Alguns artigos apresentam o eixo correlato do DSM-IV no CID-10. Ainda que a comparação entre as abordagens dos dois manuais possa se mostrar frutífera, foge ao interesse da pesquisa. Nas nosologias equivalentes ao DSM-IV-TR, o CID aponta dificuldades no relacionamento social, mas não usa a expressão SI.

Ainda que o TDC não englobe diretamente o SI, é possível pensar sobre o que já foi levantado na inadequação física abordada por Montaigne e Adler. O TIG também trata do aspecto físico ao abordar o travestismo e o SI referente aos órgãos genitais; aponta, porém, para uma possibilidade mais abstrata, que é a inadequação em relação ao papel de gênero. A expressão *papéis de gênero* é amplamente abordada na Psicologia Social estadunidense (Michener, DeLamater & Myers, 2005) e pode ser considerada, portanto, um aspecto sociocultural relevante, embora o manual individualize o conflito, apresentando o SI como um sintoma ou um critério diagnóstico. Sua ocorrência nosológica sempre remete ao isolamento e à dificuldade nos relacionamentos sociais, corroborando com a visão parcial do SI como um sintoma a ser evitado ou removido, o que certamente influencia massivamente a literatura popular, com exceção da religiosa (no caso do judaísmo) e artística.

O TPD e o TPE mostram uma indicação à já citada insegurança ontológica (Laing, 1963) ao situar o SI em nosologias estruturais da personalidade, evidenciando medos significativos nos relacionamentos que podem levar à exclusão social.

Os manuais diagnósticos, de forma geral, citam a expressão como algo plenamente entendido sem mencionar qualquer referência ao significado que embasa seu uso, objetivando a expressão. O sentido básico do SI nos manuais indica dificuldades significativas no relacionamento interpessoal e social, chegando à exclusão do convívio. Fica óbvia a relação com a compreensão tradicional do SI como inferioridade e sofrimento.

Levantamento da expressão SI em bases de dados científicas indexadas

As expressões SI e *feeling of inadequacy* foram digitadas nos instrumentos de busca das bases de dados científicas, de modo a atingir a produção dos últimos cinco anos. Entre as bases e instrumentos utilizados constam: Biological Abstracts, CAPES, Evidence Based

Medicine Reviews, Infotrac College Edition, Journals@Ovid Full-Text, PsycINFO, Scielo, Science Direct, SpringerLink, Google Acadêmico/Scholar e Bireme/BVS.

A maioria maciça dos artigos, no entanto, registra a presença ou ausência do SI baseando-se nos manuais diagnósticos e seguindo, portanto, seu modelo, sem maior discussão e esclarecimento específicos, trazendo pouca ou nenhuma colaboração na compreensão sobre o fenômeno. É um indício de sua “sintomatização”, tomando-o como subentendido, principalmente os que informam a aplicação da escala Janes & Fields de SI elaborada em 1959 (Yi, 2006; Huajian, 2003). Esses artigos não foram utilizados no presente trabalho.

A abordagem do tema nas bases de dados comportou-se de maneira semelhante à utilizada nas etapas anteriores. A preferência foi dada aos artigos disponíveis em sua forma integral, sem que se excluíssem, porém, alguns resumos que se mostraram relevantes à compreensão do SI.

O SI aparece na área da aprendizagem quando seus estudos buscam abordar sentimentos relacionados às dificuldades de aprendizagem. Ele representa, junto à culpa, à timidez, à ansiedade e outros fenômenos, um sinal de pobreza no autoconceito das crianças com dificuldades na aprendizagem da escrita, denotando uma tendência às dificuldades de relacionamento com os colegas (Bartholomeu, Sisto & Rueda, 2006). Relacionando o autoconceito às dificuldades de aprendizagem, outro artigo bastante semelhante traz uma citação de Erikson de 1976, na qual afirma que as crianças que não conseguem usar suas habilidades para serem produtivas, experimentando um SI e inferioridade em relação a outras crianças e ao que se espera delas socialmente (Carneiro, Martinelli & Sisto, 2003).

Ainda na área da educação, embora em contexto político, o SI é citado como a evidência de um estado desagradável vivido pelos trabalhadores docentes em sua atual

situação, buscando discussão para o estabelecimento de novas políticas educacionais (Oliveira, 2005).

Ao discorrer sobre o *burnout* e os sentimentos de profissionais de pronto-socorro pediátrico, um artigo da área da saúde relaciona o SI à exaustão emocional, ao desânimo e ao fracasso, colocando-o como um dos sintomas da insatisfação profissional (Feliciano, Kovacs & Sarinho, 2005). O fenômeno do *burnout* também surge em outro artigo da saúde, voltado especificamente à enfermagem; nesse caso, o SI é um fator que incentiva a falta de envolvimento pessoal no trabalho, levando o sujeito à individualização de suas atividades (Murofuse, Abranches & Napoleão, 2005).

Na área da Psicologia Social, o SI é citado diante da constatação de limitações relacionadas à competência do sujeito, assim como das condições disponíveis ao seu trabalho. Liga-se a esse sofrimento a constante interpelação de busca da autonomia econômica dos grupos e pessoas que praticam economia solidária (Veronese & Guareschi, 2005).

Retomando a área da saúde a partir do fenômeno do cuidado, o artigo *O cuidado de si como condição para o cuidado dos outros na prática de saúde* associa o SI à culpa e a um mal-estar apesar dos quais os profissionais da saúde trabalham enquanto vivem um conflito entre o que acreditam e a que se sujeitam em termos de condições laboriais. É visível a vertente política da argumentação, que, logo em seguida, questiona a governabilidade da saúde (Lunardi, Lunardi Filho, Silveira, Soares & Lipinski, 2004).

Em artigo sobre gêneros e hostilidade masculina em relação à mulher, sugere-se o SI como elemento que contribui para a referida hostilização. Homens que se sentem inadequados e insatisfeitos com a vida preservam sua auto-imagem, difamando as mulheres (elementos extragrúpicos) junto a outros homens (elementos intragrúpicos), projetando, assim, seus sentimentos. O artigo ainda relaciona o SI ou adequação à auto-

estima, ou seja, os inadequados evidenciam baixa auto-estima e vice-versa. Uma conclusão dedutiva exibida no artigo é a dificuldade desses homens em estabelecer relacionamentos íntimos. O texto afirma a presença da hostilidade contra a mulher nos casos de violência sexual e mostra que homens que se sentem inadequados e sem poder tendem a ser mais hostis contra as mulheres (Cowan & Mills, 2004).

A neuropsicologia se faz presente oferecendo técnicas para auxiliar dependentes de álcool a se recuperar. Entre os objetivos dessa recuperação está o de amenizar o sofrimento e o SI psicossocial (Cunha & Novaes, 2004).

A versão argentina de uma escala de solidão para adolescentes traz, em seu questionário, várias perguntas relacionadas ao SI e sua percepção. O perceber-se ou sentir-se inadequado é um dos pontos de investigação, assim como sentir-se rejeitado, abandonado e isolado, abstendo-se de uma rede social (Minzi & Sacchi, 2004).

O resumo *Assessed danger-to-others as a reason for psychiatric hospitalization: an investigation of patients' perspectives* trata o SI como um aspecto compartilhado entre os sujeitos da pesquisa sobre hospitalização psiquiátrica juntamente ao ostracismo, à solidão, ao medo de perder o controle ou de fazer escolhas na vida. Segundo os autores, os pacientes chegam à hospitalização psiquiátrica após passarem por situações intensas de ameaça a sua auto-estima (Welches & Pica, 2005).

O SI é situado como uma característica dos intelectuais brasileiros frente ao restante do mundo no artigo *Idéias fora do lugar e o lugar do negro nas ciências sociais brasileiras*. Uma das colocações a respeito dessa observação é a de que o Brasil experimenta um sentimento de inferioridade por ter sido introduzido no capitalismo mundial como uma colônia, comportando-se ainda hoje como “periferia mundial”. Uma das conseqüências deste fenômeno é a importação e adaptação de idéias estrangeiras ao nosso ambiente. A argumentação dos autores aponta os negros como socialmente acusados

pelo 'atraso' brasileiro, pois constituem o símbolo maior do Brasil-colônia em oposição ao Brasil-nação (Pinho & Figueiredo, 2002).

Na área da sexualidade, o resumo do artigo *Identidade e discriminação: um estudo realizado com homens e mulheres homossexuais*, ressalta que atitudes discriminatórias provocam exclusão e SI social às pessoas que constituem alvo dessas discriminações, refletindo diretamente na sua auto-estima e no desempenho de suas funções na sociedade, sendo os travestis os mais afetados pela discriminação homofóbica (Machado, 2004).

Reflexões sobre o uso da expressão SI nos artigos científicos

As relações desenvolvidas entre os temas pesquisados e o SI são diversificadas. A área da educação aponta para o SI como uma restrição, um limite das habilidades pessoais, trazendo, através de Erikson, a herança do sentido tradicional do fenômeno já abordado anteriormente. Sob o ponto de vista social, porém, o SI também aparece relacionado às condições de trabalho e de mercado, mas que não deixam de ser limitações, ainda que não pessoais.

Na maioria das vezes, no entanto, o SI continua sendo visto como um sintoma. Esse tipo de ocorrência demonstra concordância com a visão tradicional (derivações do pensamento de Montaigne e Adler) porém sem considerar a busca de superação, mantendo apenas o sentido da inferioridade, vertente evidenciada na abordagem dos manuais diagnósticos e reproduzida nos artigos científicos. O artigo sobre a hostilidade às mulheres, por exemplo, coloca o SI como sintoma de agressividade e baixa auto-estima e gerador de violência. Da mesma forma, a proposta da neuropsicologia pretende amenizar o SI e outros sofrimentos. O SI como sentimento de inferioridade, antes percebido tão-somente na literatura popular, também surge nos artigos científicos (Pinho & Figueiredo, 2002).

Ao mostrar a tendência ao isolamento social diante do SI, artigos como os que se referem ao *burnout* estabelecem uma relação do fenômeno com a solidão, mostrando que sentir-se diferente é, de certa forma, sentir-se solitário. A escala também mostra uma relação direta entre SI e solidão, relação esta que fica subentendida no texto que trata da hospitalização. Mesmo em se tratando do físico, derivado do sentido tradicional, o SI, junto a determinados comportamentos (sexuais, no caso), é apontado como fator de exclusão e marginalização, principalmente nos sujeitos que trazem a diferença no corpo, como os travestis (Machado, 2004).

A busca de superação frente ao SI aparece de maneira marcante nos contextos políticos. Aliás, nesse sentido, o SI mostra-se um importante fator no impulso às ações políticas. É necessário perceber, sentir a inadequação para que determinada situação seja compreendida e modificada (Lunardi, Lunardi Filho, Silveira, Soares & Lipinski, 2004; Oliveira, 2005).

Síntese da pesquisa teórica

A síntese do material encontrado na pesquisa teórica será exposta a seguir dividida em três tópicos: 1) Definição de SI; 2) Breve contextualização histórica e 3) Reações, posturas e desdobramentos.

Ampliação da definição de SI

Anteriormente, na análise etimológica, definiu-se o SI como *o indício de um modo de existência no qual se constata um estado de diferença ou peculiaridade, independentemente das reações assumidas a partir dessa constatação*. Essa postura, no entanto, nem sempre é assumida. Ao mesmo tempo, perceberam-se várias reações, que também serão expostas. A definição será agora comentada.

Alguém se incomoda por se sentir diferente. Sentir-se inadequado é perceber-se desigual a uma referência, seja ela uma pessoa ou um contexto. Essa referência pode ser física, como apontam as origens da expressão SI. O SI física é pertinente principalmente quando há dificuldades de qualquer natureza no convívio com a diferença. Perceber a inadequação pode ser incômodo, principalmente num contexto em que as diferenças são evitadas. Quando há tolerância à diferença no contexto ou quando aquele que se sente inadequado assume a postura de ser diferente, geralmente continua a viver dessa maneira. O mesmo acontece com aquele que não nota sua diferença e só é percebido assim pelos outros.

Não há, entretanto, necessidade de uma óbvia diferença física para se configurar o surgimento do SI. Adequar-se fisicamente não significa necessariamente sentir-se adequado. Comportamentos e papéis de qualquer natureza (sexual ou profissional, p. ex.) também se tornam evidentes (às vezes até no aspecto visual, como no caso dos travestis ou de pessoas com traje esporte em reunião importante), denunciando o SI. Essa característica

do fenômeno mostra também o seu oposto, ou seja, a tendência, por parte de alguns sujeitos, de assumir a postura de embotar-se, isto é, não se abrir, não se mostrar, não falar, apontando ligações com a timidez.

O SI também pode evidenciar-se como uma limitação das habilidades pessoais, como não saber ler ou escrever (desconcerto muito observado ao se lidar com a população de baixa renda) quando concentrado na subjetividade, ou uma limitação social, como falta de condições financeiras ou de trabalho, por exemplo.

Uma experiência provavelmente comum no SI dos diferentes seres-em-situação parece ser a solidão, independente da diferença. Lembro-me de uma moça com baixa visão que atendi algumas poucas vezes na clínica e que se manifestou de forma extremamente emocionada quando passou a freqüentar grupos juntamente com outros portadores de necessidades especiais. Sua vida mudou a partir do momento em que percebeu concretamente que não era a única diferente. Até então, a solidão era notável em sua vida.

Breve contextualização histórica

É preciso ter consciência de que esta não é uma linha histórica definitiva, uma vez que, para tanto, seria necessária uma pesquisa exclusiva, pois é provável que o material seja muito mais vasto. Trata-se de um entendimento histórico e contextualizado sobre as informações levantadas. Dentro da linha do material encontrado por esta pesquisa, o relato mais antigo vem de Michel de Montaigne, filósofo do século XVI que, pelo seu próprio estilo, mostrou-se totalmente inadequado, ou seja, extremamente diferente de seus anteriores e contemporâneos. O *ensaio* foi um estilo versátil e livre criado por ele e posteriormente adotado por outros pensadores, acenando com a possibilidade de se refletir sobre uma diversidade de temas sem perder a seriedade, não obstante ele mesmo considerasse sua obra uma “colcha de retalhos”. Além do estilo, segundo Botton,

Montaigne também deixou o gérmen do SI física ao descrever anomalias físicas em meio aos seus escritos, como, por exemplo, de duas crianças xifópagas e a de um pastor que não tinha órgãos genitais, apenas três furos pelos quais urinava ininterruptamente (Coelho, 2001).

No século XIX, Nietzsche também adota um estilo revolucionário em sua obra, criticando enfurecidamente o pensamento tradicional e despertando novas idéias nos filósofos que o sucederam. Pode-se afirmar que não há pensador pós-nietzscheano que não tenha sido influenciado direta ou indiretamente por ele. Seguindo uma vida doente, Nietzsche escreve inúmeras vezes sobre superação e busca por viver. Coloca, muitas vezes, a referência de inferioridade e superioridade como metáforas de seu pensamento. Creio que tenha sido nesse sentido sua influência sobre Adler, que, segundo Ballone (2005), destaca tanto o SI como o sentimento de inferioridade.

Junto a valores de sua época, no entanto, cristalizou-se a partir de Adler, o SI, num caráter individualizado e danoso à evolução. Se a busca de todos é o “progresso”, aquele que se sente ou é considerado inadequado apresenta-se, portanto, como inferior. Essa idéia parece ter-se fixado com mais firmeza no pensamento corrente. Convém ressaltar que todos os autores aqui expostos consideram a possibilidade de superação do SI: uma espécie de amadurecimento que mostra o pensamento de Montaigne, o questionamento revoltado de Nietzsche e a busca pelo bem social de Adler. Este último afirma que o sujeito fisicamente inferior, ao buscar a superação, acaba ultrapassando seus antigos ‘superiores’ em termos de habilidades.

Três forças combinam-se para a compreensão que se fez no século XX sobre o SI: primeiro, a individualização do SI, afastando-o do contexto e concentrando-o no indivíduo; segundo, a valoração do SI como algo ‘ruim’ e perigoso para a sociedade, e, em terceiro lugar, o distanciamento da possibilidade de superação, transformando o SI em um mero

sintoma reificado e objetivo junto a outros sintomas e dentro de determinadas patologias. Considera-se o SI como sintoma ou parte de um diagnóstico em contextos que não estimulam a reflexão, mas individualizam as psicopatologias, fugindo da proposta da presente pesquisa. Esse ponto de vista equivale ao olhar dos estadunidenses para a figura do tigre, exposto no início deste trabalho.

Tal tendência não se encerra nas linhas vinculadas à Medicina; pelo contrário, estende-se para qualquer área que busque apoio ou credibilidade nela, sejam tratamentos alternativos ou mesmo o senso comum tentando expressar opinião de maneira mais fundamentada.

Essas vertentes do SI parecem ter se intensificado nos EUA, uma vez que todas as características (sintoma ruim, individualismo, inferioridade, progresso, etc.) encontram em sua cultura de consumo um ambiente propício.

Desse modo, a compreensão do SI como possibilidade de reflexão e superação, inicialmente presente, ficou restrita a determinadas linhas psicológicas e psiquiátricas e outras áreas, como a Filosofia, a Arte e a Espiritualidade.

Reações, posturas e desdobramentos

No princípio, a palavra *aplainar* abriu a possibilidade de se entender a adequação de forma até violenta, nivelando o desnível do ser-em-situação. Para isso, levantaram-se duas reações básicas ao SI: o AS e o AO. É importante lembrar que a divisão entre subjetividade e objetividade não faz parte da compreensão do ser-em-situação mas do hábito dualista presente tanto em meios científicos como no senso comum.

O AS retoma a vinheta clínica inicial, ou seja, a de alguém que tenta ser igual a determinada referência, mas parece não conseguir, o que se mostra óbvio se levarmos em consideração as peculiaridades de cada um. De maneira mais sutil, porém, o que parece

acontecer, na maioria das vezes, é que esta referência não se constitua uma pessoa real ou, ainda que o seja, o que mais afeta o aplainador da subjetividade é a imaginação que desenvolve sobre essa pessoa. Com referência concreta ou não, estabelece-se um modelo imaginário que supostamente realiza tudo aquilo que está distante de suas habilidades, colocando-a como inferior de maneira praticamente insuperável, pois a referência não existe de fato.

De qualquer maneira, o AS brota quando, numa comparação, o sujeito conclui ser inferior ao modelo. Essa é também é uma característica marcante quando se fala em termos de mídia e mercado. De forma direta ou indireta, a comparação – e a conseqüente inferiorização dos sujeitos – coloca-se como objetivo a ser atingido e perpetuado. Não é coincidência o fato de alguns autores denunciarem a pretensão da cultura de consumo em camuflar o SI, transformando-o ao mesmo tempo em sintoma e trampolim para as compras. Parece haver uma formatação da identidade que exclui o considerado inadequado e afugenta o SI. Coincidentemente, retomando as palavras de Ponge a respeito da água, citadas por Merleau-Ponty, o sociólogo Zygmunt Bauman acentua, com a mesma metáfora, a “liquidez” da identidade no mundo atual, evitando suas características “sólidas” (Bauman, 2005), isto é, se a identidade é liquefeita, praticamente nenhuma forma se conserva e, portanto, há poucas posturas existencialmente abrangentes a serem assumidas. O SI é paradoxalmente inevitável e contrastante com esse panorama. Cria-se, então, uma espécie de *identidade inadequada*, que incentiva a procura por produtos que amenizem o SI a partir do estabelecimento de modelos de perfeição representados por produtos vendáveis, principalmente quando o modelo de identidade eleito é o homem de negócios, o famoso *businessman*.

José Ortega y Gasset (1981), em *O Tema do Nosso Tempo*, refere-se aos revolucionários de modo parecido ao que podemos chamar aqui de AO, em função de um

racionalismo dedutivo que seguem. Essa observação certamente colabora com a atual questão, confirmando novamente o ponto em que subjetividade e mundo se confundem, pois tal racionalismo, ao mesmo tempo em que é proveniente de uma tradição cultural, caracteriza e impulsiona um determinado sujeito no desenrolar de sua existência a agir sobre o mundo, como uma constante retroalimentação, pois sua ação tenderá a expandir suas deduções racionais. O AO, não necessariamente racionalista, também envolve um ato de comparação, mas sua conclusão, no lugar da inferioridade, recai sobre a injustiça. Enquanto o SI atua como impulso para ações políticas, no contexto do AO, fala-se não de uma ação política decidida e autêntica, mas de uma violência contra o social, buscando adequá-lo ao sujeito que se sente inadequado.

Seguindo a crença na objetividade, comumente se acredita que uma mudança geográfica é a única maneira de modificar o sentimento, anulando a possibilidade de transformação da própria postura, ou seja, de um novo posicionamento, de uma nova escolha. Assim, o SI pode levar à marginalização e ao nascimento de uma cultura alternativa (tribos, gangues, seitas, etc.), considerando inadequados aqueles que não pertencem a ela, uma espécie de antimarginalização. Os desdobramentos no pensamento cotidiano são vários, como o racismo, o nazismo e tantos outros fenômenos históricos e sociais que tendem a agrupar seus membros em torno de uma cultura comum.

Quando aquele que é tachado de inadequado não demonstra intenção de mudar e continua a viver da mesma maneira, com as mesmas pessoas e dentro dos mesmos contextos, tudo indica que assumiu a postura da inadequação. Por outro lado, o sujeito considerado inadequado mas que assim não se sente, provavelmente não se incomoda com a diferença e a comparação e, portanto, não estabelece um modelo para se igualar.

Voltando ao primeiro caso: “solucionar” o SI, isto é, transcendê-lo enquanto conflito, agregando-o à existência, exige escolhas. Usando a linguagem de Bauman: a

escolha requer alguma solidez de identidade, deixando o ser-em-situação não tão fluido mas sem se tornar excessivamente rígido a ponto do total isolamento. Isso significa assumir a postura, o que cogitei chamar de Senso de Inadequação (SsI) e cuja diferenciação de sentimento começa a se mostrar necessária. Ao mesmo tempo em que o ser-em-situação escolhe determinadas posturas, nega modelos e comparações, ou, ao menos, a competição. Nesse sentido, o SI é angustiante ao tornar transparente a necessidade dessa escolha. O pensamento existencial, em muitos de seus expoentes, aborda a necessidade ontológica de escolher e a angústia envolvida nessa decisão (Heidegger, 2002; Huisman, 2001; Sartre, 1997; Olson, 1962).

Assim, sentir-se inadequado em relação ao contexto sociocultural é uma maneira de distanciar-se de seu pensamento e suas estruturas tradicionais, atingindo uma reflexão crítica. A arte, em qualquer uma de suas formas (poesia, teatro, literatura, pintura, cinema, etc.), é um “método alternativo” no pensamento e no contato com o mundo e com o outro. Entendendo o ser-em-situação, é uma alternativa na própria composição estrutural de sua existência: sua compreensão ontológica, seu enfrentamento de situações diversas (solidão, medo, angústia, convivência, etc.), seu modo de viver, de se relacionar, de pensar. Isso leva à criatividade, pois, se nada que o sujeito conhece apresenta-se adequado a ele e vice-versa, resulta daí que é preciso criar algo novo. É assim que o SI pode ser visto como a tensão motivadora de uma ação, uma posição geralmente inédita. A ação política também é possível, assim como o autoquestionamento, mas não necessariamente de uma maneira violenta. Acontecem reflexões com possibilidades de ação e não necessariamente aplainamentos.

Logo, objetivar o SI é impedir a reflexão e a criatividade que podem derivar dele, pois, por eliminar o conteúdo subjetivo, desconfigurando a condição do ser-em-situação, que é transformado em indivíduo de modo conceitual e propagado. Retirando-se do SI a

capacidade de superá-lo (presente na sua sintomatização), evidenciam-se apenas seus aspectos considerados negativos: inferioridade, agressividade, hostilidade, baixa auto-estima ou isolamento, por exemplo. Como se pode ver, o SI pode consistir em impulso não apenas de atitude ou criatividade mas também de agressão.

Em suas características ontológicas, o SI liga-se ao existencial heideggeriano de ser-lançado: o estranhamento e questionamento de si e do mundo, numa visão ampla, é uma situação inevitável ao ser-em-situação. Sentir-se inadequado, de certa forma, pode “renovar” esse estranhamento, trazendo novas reflexões. Há também uma afinidade entre SI e solidão, outra característica ontológica ligada à angústia. Ambos constituem oportunidade de amadurecimento existencial, conforme fontes já citadas. Sob esse ponto de vista, o SI equivale a uma experiência possivelmente vivida por todos.

Capítulo 2 – Método

O método fenomenológico aplicado à pesquisa, em conformidade com a proposta de Yolanda Forghieri (2001), consiste, na sua base, em *envolver-se existencialmente* com o fenômeno observado da maneira como ele se apresenta ao pesquisador, resguardando-se de crenças ou julgamentos anteriores para posterior descrição e análise do mesmo. Forghieri denomina a fase seguinte ao envolvimento existencial como *distanciamento reflexivo*, a partir principalmente do ponto de vista de Husserl. Ainda que este seja um dos padrões mais disseminados nas pesquisas acadêmicas fenomenológicas, admite-se, paradoxalmente, neste próprio modelo, a impossibilidade de se separar com precisão ambas as fases senão de maneira cronológica e, mesmo assim, assumindo sua reversibilidade, estando elas, na verdade, inter-relacionadas, manifestando-se ora uma, ora outra. Levando-se em conta a proximidade desta indiferenciação, a opção aqui é ressaltar a primeira fase numa compreensão diferente do postulado pelos métodos baseados em Husserl, embora de modo não totalmente destoante.

Mesmo considerando Merleau-Ponty o mais fiel discípulo de Husserl, é inegável que a revisão do método fenomenológico por ele preconizada em muito altera a compreensão tradicional acerca da fenomenologia, conforme o imponente prefácio de *Fenomenologia da Percepção*, que ressalta, com muito mais vigor, a fenomenologia como uma atitude existencial diante do mundo. Chega a afirmar que ela consiste em voltar ao mundo antes do surgimento da consciência (Merleau-Ponty, 1999). Uma das mudanças que pode ser exposta nessa discussão é sobre aproximação e distanciamento. O filósofo afirma que, sempre que alguém se aproxima de algo para uma observação ou estudo, inevitavelmente mantém certa distância. Por mais próximo que esteja, caminha sempre metade do que pretendia caminhar (Merleau-Ponty, 1999, 2000 e 2004; Carmo, 2002). Isso demonstra uma relação consistente da percepção e da consciência com o mundo ao qual a

pessoa se lança experiencialmente³, isto é, ao mesmo tempo em que vivencia intensamente uma experiência, é possível manter, por mínimo que seja, uma consciência crítica ou “analítica”. É justamente essa a situação enfrentada pelo psicólogo em âmbito profissional ou de pesquisa, pois, envolvido na relação com o cliente ou pesquisado, deve manter-se aquém do envolvimento e pensar sobre ele. Essa reflexão indica a opção do presente trabalho, que é assumir a pertinência e presença do pesquisador na relação estabelecida com o pesquisado, usando-a como instrumento, sem demonstrar intenção de negar ou reduzir essa participação numa postura experimental ou manipulativa.

Forghieri sugere também que, ao participar de uma pesquisa fenomenológica, o sujeito seja resumidamente informado sobre as duas fases propostas pelo método, o que lhe possibilitaria ficar mais à vontade para falar livremente sobre suas próprias experiências (Forghieri, 2001). A proposta deste trabalho consiste em levantar uma postura teoricamente mais radical, garantindo ao pesquisador a possibilidade de assumir um papel mais participante, conforme demonstrado na descrição da entrevista de pesquisa que se segue, na seção que trata do instrumento.

Verifica-se em AmatuZZi (2001) uma postura que converge para a atual argumentação. Ao propor uma psicologia popular no sentido não apenas referente ao público a ser abordado, afirma que, por mais engajado que seja o pesquisador, ela pode ser desenvolvida de maneira objetivista, como um zoólogo que olha a fauna de uma região. AmatuZZi propõe que uma possível psicologia popular seja proveniente de uma postura de pesquisa que entenda seus pólos não como sujeito-objeto, mas como sujeito-sujeito, ressaltando o caráter *inter-humano*, respaldado em Paulo Freire, mas que remete inevitavelmente a Martin Buber no uso do termo. Além disso, considera-se aqui o

³ Para Merleau-Ponty, “O mundo é o conjunto das relações objetivas sustentadas pela consciência” (Merleau-Ponty, 2006), o que não caracteriza uma objetividade categórica, como o *nômeno* kantiano, ou seja, uma realidade tão radical que não pode ser atingida diretamente pela percepção, limitando à subjetividade perceber apenas o *fenômeno*, ou seja, uma espécie de aparência do *nômeno* (Olson, 1962).

pesquisador como alguém que divide o mundo com o pesquisado, o que conduz a uma relação horizontal entre eles, “de igual para igual”. Sua diferenciação, conforme anteriormente comentado, encontra-se apenas no estar presente na relação de maneira próxima e crítica, uma presença simultaneamente próxima e distante.

Virgínia Moreira, transportando o pensamento de Merleau-Ponty para a postura do pesquisador, fala de um *pesquisador mundano*, que divide a experiência com o entrevistado e participa ativamente do mundo, ao mesmo tempo em que é atravessado por esse mesmo mundo e que, portanto, traz inevitavelmente interpretações e hipóteses para o seu trabalho de pesquisa, errando no exato momento em que nega isso (Moreira, 2004). Fernando González Rey parece corroborar com tal idéia ao afirmar que, na pesquisa, há necessidade de um momento de *especulação* por parte do pesquisador, demonstrando o engajamento do mesmo não só no seu vínculo com o pesquisado mas também com todo o contexto sócio-histórico-cultural (González Rey, 2005). Há uma diferenciação importante a fazer, no entanto, que é o uso da palavra hipótese, pois ela pressupõe uma idéia a ser comprovada, o que não acontece no caso da especulação, que consiste em levantar várias possibilidades não necessariamente excludentes sobre o fenômeno.

Realizaram-se entrevistas individuais acompanhadas de análises e comentários do pesquisador, que assumiu a postura anteriormente comentada de, ainda que envolvido com a relação, permanecer capacitadamente crítico e atento a ela. Convém ressaltar que as entrevistas não oferecem risco algum aos participantes e podem beneficiá-los no sentido de proporcionar um momento de reflexão de sua própria vida, assim como beneficiar pesquisadores e profissionais, oferecendo o SI como referência na compreensão e envolvimento de suas práticas.

Sujeitos

A pesquisa qualitativa de orientação fenomenológico-existencial propõe que o trabalho seja realizado com poucos sujeitos, possibilitando uma exploração mais ampla de seus depoimentos. Estimo que três sujeitos constituam número suficiente para esta pesquisa, o que, devido às possibilidades de exploração e desenvolvimento do material gerado nas entrevistas, já se pode considerar de significativo volume. No entanto, caso fossem necessárias mais informações, novos participantes poderiam ser convidados ou novas entrevistas poderiam ser realizadas com os mesmos sujeitos.

Devido à amplitude do cenário de pesquisa e à dificuldade de classificação apriorística para o tema, os únicos critérios de inclusão foram a idade adulta, entendendo por isso o sujeito maior de 18 anos, e uma possível variedade sociocultural, caracterizando a investigação do SI como multifacetada em termos de conteúdo subjetivo, procurando por semelhanças em sujeitos aparentemente muito diferentes. O critério de exclusão de uma entrevista foi sua possível consideração qualitativa como insuficiente em termos de fornecimento de dados.

Instrumento

Considerou-se como instrumento o tipo de entrevista realizada que, de acordo com discussão anterior a respeito da postura do pesquisador, merece atenção particular.

Novamente invoca-se o trabalho de AmatuZZi para a argumentação, principalmente no diálogo por ele apresentado em sua tese de doutorado, na qual, a partir de levantamentos de Maurice Merleau-Ponty, Martin Buber, Paulo Freire e Carl Rogers, faz a sua proposta psicoterapêutica/educativa para *o resgate da fala autêntica* (AmatuZZi, 1989). O autor afirma a importância da fala autêntica diferenciada da fala secundária tanto por parte do cliente/aluno quanto por parte do psicoterapeuta/professor.

Nos três primeiros autores, AmatuZZi encontra a diferenciação entre dois tipos de fala: uma *primária, autêntica*, e outra chamada de *secundária* por Merleau-Ponty, *palavreado* por Buber e *blabláblá* por Paulo Freire. Com Rogers, faz-se a diferenciação entre autenticidade e inautenticidade. É importante observar que as falas não-autênticas, por terem grande importância dentro de uma construção gramatical e de raciocínio, não são descartadas do diálogo. Sem a fala segunda, não seria possível uma fala autêntica. O que se busca na psicoterapia e na educação, segundo o autor, não é a eliminação da fala secundária (palavreado ou blabláblá), mas o surgimento da fala autêntica. Buber entra com uma colaboração tão importante quanto disseminada nas psicologias humanistas, fenomenológicas e existenciais: a possibilidade de se efetivar uma relação próxima à que ele denomina de EU-TU, na qual as pessoas se fazem presentes por inteiro, fugindo da hegemonia do racionalismo, mesmo que a situação de pesquisa seja considerada específica (Buber, 2004; AmatuZZi, 1989). Não seria demais reforçar o trabalho de Mauro AmatuZZi, lembrando também da *tagarelice* ou *falatório* destacada pelo alemão Martin Heidegger como diferenciação de uma fala autêntica (Heidegger, 2002; Michelazzo, 1999).

A partir dessas considerações, pode-se questionar: se a fala autêntica é tão importante no atendimento psicoterapêutico e na docência, por que não seria também a fala a ser atingida ou procurada na entrevista de pesquisa? Várias propostas metodológicas de entrevista sugerem explícita ou implicitamente uma maneira de ‘enganar’ o sujeito, pegando-o desprevenido em sua fala a fim de buscar a neutralidade do mesmo em relação ao tema de pesquisa. Não é essa a intenção do presente trabalho. González Rey acredita ser necessário expor ao entrevistado a inquietação que move o projeto, despertando o interesse do pesquisado e estimulando-o a especular o tema em sua própria vida (González Rey, 2005). O sujeito torna-se uma espécie de colaborador. Tal processo exige, portanto, criatividade tanto por parte do entrevistador quanto do entrevistado – eis o motivo pelo

qual muitos profissionais da Psicologia consideram que o atendimento tem um forte caráter artístico, cujo ensino e descrição não são simples, exatos ou pontuais (Angerami, 2005). Pessoalmente, posso afirmar que muito da habilidade e flexibilidade profissional me foi despertada e desenvolvida a partir da experiência na atividade artística, principalmente da prática de exercícios de improvisação teatral, que, segundo Chacra, permite o trânsito entre o imprevisível e o programado (Chacra, 1991), característica maciçamente presente quando a pesquisa é encarada de forma sujeito-sujeito.

O tipo de entrevista que instrumentou o pesquisador, portanto, foi aquele que não desconsidera o seu caráter *mundano*, podendo englobar manifestações expressivas do mesmo no contato com o pesquisado. Tal participação não é entendida como uma contaminação prejudicial, mas como algo que pode ajudar a despertar no entrevistado o que Buber chama de *informações experienciais*, indispensáveis para que a autenticidade esteja presente na fala (Buber, 2004). Pode-se reforçar tal idéia com a colocação de AmatuZZi sobre Paulo Freire de que falar é tomar uma posição diante não só do mundo ou da vida mas diante de um outro; na leitura que se faz aqui de AmatuZZi, posicionar-me (evidentemente não de maneira radical, proselitista ou de convencimento alheio) ajuda a despertar o outro para a sua própria posição. Na mesma ocasião, AmatuZZi ressalta a importância do *falar para um outro* em Ladrière (Freire, 2005; AmatuZZi, 1989), o que mostra uma entrevista de tendência dialética. Dessa maneira, penso estar colaborando para uma ciência que, como também afirmou AmatuZZi, não sinalize uma separação da profissão do psicólogo, apartando o conhecimento científico dos aspectos práticos (AmatuZZi, 2001).

Não houve intenção alguma em se entrar em contradição por oposição extrema não se pretendendo enfatizar exageradamente o caráter expressivo do pesquisador. Sua expressão faz-se presente nos momentos em que, durante as entrevistas, julgou-se

necessária, e sempre com a preocupação de que ela contribuísse para o fortalecimento da relação e para a expressão do entrevistado. Caso contrário, mostrar-se-ia desnecessária a colocação interventiva do pesquisador.

Procedimento

Os sujeitos foram convidados separadamente, a partir de um contato pessoal ou profissional, a participar da entrevista. Eles foram informados a respeito da pesquisa, concordaram em participar, preencheram a ficha de identificação (Anexo 1) e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo 2).

As entrevistas foram iniciadas com uma breve explicação sobre a importância do relato das experiências pessoais dos participantes na pesquisa e conduzidas como um convite temático. A expressão convite temático foi utilizada por Laurini (2006), baseando-se por sua vez em Drummond (apud Laurini, 2006), para explicitar o instrumento de sua dissertação. O convite temático proposto consistiu na leitura de um pequeno texto criado pela pesquisadora e referente ao tema da pesquisa para facilitar a participação aberta do entrevistado. No presente trabalho, não se produziu um texto específico a ser lido; o tema foi apresentado de maneira concisa e ilustrado com exemplos do cotidiano social. A partir de então, os participantes foram questionados sobre a presença do SI em suas vidas. Durante a entrevista, houve interferências do pesquisador para obter maiores detalhes da exposição ou, conforme anteriormente comentado, para criar fortalecimento da relação na busca de facilitar a expressão do entrevistado.

O conteúdo das entrevistas foi digitalmente gravado e posteriormente produziu-se uma narrativa para cada. A narrativa possibilita exatamente aquilo que é procurado na atual pesquisa: o encontro entre a proximidade e a distância, ou seja, contempla tanto a

proximidade existencial com o entrevistado (Dutra, 2002) quanto a postura crítica do entrevistador de forma quase simultânea. Alguns trechos considerados significativos foram transcritos em sua forma original. Virgínia Moreira também defende o uso de recursos literários semelhantes à narrativa ao propor a vinheta clínica como instrumento de pesquisa (Moreira, 2004).

O primeiro entrevistado assinou outro termo de consentimento por ter participado de uma entrevista-piloto. É importante ressaltar que foi necessária a realização de uma entrevista-piloto, que veio a assegurar com maior veemência o instrumento de pesquisa. Devido aos já citados critérios de inclusão, a entrevista passou a integrar o material de pesquisa, tendo sido desenvolvido, para isso, um outro TCLE específico para essa entrevista (Anexo 3).

Plano de análise e discussão dos resultados

Para desdobramento do conteúdo tanto da pesquisa teórica como do material das entrevistas, realizou-se uma análise fenomenológica segundo o estilo de Maurice Merleau-Ponty, sem tentar buscar uma redução fenomenológica absoluta na descrição e assumindo a mundaneidade do pesquisador (Moreira, 2004). O estilo pode ser definido como descritivo-especulativo, assimilando elementos que constituem a subjetividade e o panorama existencial do pesquisador, o que difere de uma análise fenomenológica husserliana.

Merleau-Ponty usa o trabalho de um poeta francês de sua época, Francis Ponge, para demonstrar a necessidade de se buscar aquilo que os fenômenos nos dizem, e não uma descrição de suas propriedades observáveis. Vê-se o trecho a seguir, tratando de descrever a água:

Ela é branca e brilhante, informe e fresca, passiva e obstinada em seu único vício: o peso; dispõe de meios excepcionais para satisfazer esse vício: contornando, penetrando, erodindo, filtrando.

Dentro dela mesma esse vício também age: ela desmorona incessantemente, renuncia a cada instante a qualquer forma, só tende a humilhar-se, esparrama-se de bruços no chão, quase cadáver como os monges de algumas ordens [...]

Poderíamos quase dizer que a água é louca devido a essa necessidade histérica de só obedecer ao seu peso, que a possui como uma idéia fixa [...]

LÍQUIDO é por definição o que prefere obedecer ao peso a manter sua forma, o que recusa toda forma para obedecer a seu peso. E que perde toda compostura por causa dessa idéia fixa, desse escrúpulo doentio [...]

Inquietude da água: sensível à menor mudança de inclinação. Saltando as escadas com os dois pés ao mesmo tempo. Brincalhona, de uma obediência pueril, voltando logo que a chamamos mudando a inclinação para este lado (Ponge apud Merleau-Ponty, 2004, pp. 25-26).

É notável como surgem elementos que jamais constariam de uma descrição clássica de propriedades da água: “humilhação”, “histeria”, “vício” e “idéia fixa” da mesma. No entanto, igualmente notável é como essas expressões apresentam de forma tão minuciosa o líquido em questão, aproximando-o do universo humano sem violar sua essência e apresentando uma alternativa à conhecida referência química. Ao mesmo tempo em que atinge o feito de aproximar o observador do seu fenômeno, obrigando-o a lançar-lhe um olhar diferenciado, como os pintores obrigam o admirador do quadro a fazê-lo (Merleau-Ponty, 2004), sabe-se claramente que a pretensão não reside em se abordar completamente o fenômeno “água” mas apenas o que é possível: ter um ponto de vista bem definido sobre ele. Para isso, o autor utiliza informações advindas de outras experiências de sua vida na tentativa de compreender o fenômeno, comparando a água a um monge, por exemplo.

As análises das entrevistas, no entanto, concentram seus focos no tema da pesquisa, não configurando uma análise ampla do entrevistado. Analisadas as entrevistas, discutiu-se a síntese das mesmas junto à pesquisa teórica e ao levantamento bibliográfico. A discussão foi conduzida de maneira argumentativa, podendo remeter à experiência profissional do autor, mantendo a relevância do fenômeno em questão. Sobre esse tipo de reflexão,

inevitável ao pesquisador mundano, declarou Van Den Berg, em *O paciente psiquiátrico*, que o paciente descrito em seu livro “(...) existe e não existe. Não existe no sentido de que o paciente descrito seja um indivíduo identificável pelas queixas aqui relatadas; existe, sim, enquanto as suas queixas pertencem a uma só classe de pacientes. Conheço esse paciente; encontro-o em cada um dos meus enfermos” (Berg, 2000, p. 10). Ou seja, espalhado entre os casos clínicos de Van Den Berg, um único personagem se formou. Não há aqui o compromisso de se criar um único personagem; o que se busca é uma proximidade do estilo literário. A importância dada por Gonzáles Rey a um momento especulativo é novamente evocada para o exercício reflexivo dessa discussão, após a qual, segue-se a conclusão do trabalho.

Capítulo 3 - Narrativas e análise individual das entrevistas

Entrevista 1

Nome: Suzuki⁴ Idade: 34 anos Sexo: masculino Estado civil: solteiro

Profissão: Técnico em Processos (desempregado)

Escolaridade: Superior completo (Comunicação Social)

Primeiro encontro

O contato com Suzuki foi feito através de uma mensagem eletrônica enviada para alguns amigos e colegas sobre a necessidade de uma entrevista-piloto e uma breve explanação sobre o tema da pesquisa. A intenção era que repassassem a outros conhecidos que pudessem se interessar com o tema e colaborar, contando sobre suas experiências de vida. A primeira resposta que recebi foi a de Suzuki. Trocamos número de telefone e marcamos um horário em meu consultório de atendimento psicológico.

Agradei sua disposição e perguntei se ele se lembrava do tema sobre o qual havíamos combinado de conversar. Em princípio, mostrando-se à vontade, ele brincou, dizendo que “tinha a ver com psicologia” e, perguntou com um estranhamento proposital e irônico, como se estivéssemos em um programa de entrevistas:

– Explique um pouco melhor a respeito do SI...

Por se tratar de uma entrevista-piloto, a definição de SI ainda não estava totalmente clara para mim e comecei a retomar teoricamente o pouco que havia levantado a respeito, de uma maneira não muito eloqüente:

– Quando eu tava elaborando a... o que que eu ia fazer de mestrado, tal, etc. Eu fiquei pensando “poxa, o que que tem a ver com a minha vida mesmo e... que possa vir a

⁴ Nome fictício adotado para preservar a identidade do entrevistado.

ser um estudo...” acho que seria legal. Peguei esse tema depois de pensar muito, né, porque “inadequação”, ou seja, estar... sentir-se, é, inadequado. Né? E...

Cacos aos quais o entrevistado, interrompendo-me, colocou, definindo:

– Sentir-se um peixe fora d’água!

Confirmando, vibrei com a maneira simples e eficaz com que Suzuki havia assimilado o fenômeno. Não se limitando a isso, completou:

– Nesse ponto, eu acho que a gente vai ter muito o que falar.

Diante da minha incapacidade de expor o tema da maneira como deveria, fiquei realmente impressionado com a maneira como o SI o tocou, levando-me a crer na pertinência do fenômeno muito mais do que na minha habilidade momentânea de sensibilizar Suzuki para ele.

Suzuki seguiu contando sobre sua história desde muito cedo, contextualizando sua família como tradicionalmente japonesa vivendo no Brasil, o que, segundo ele, muito dificultou sua convivência social. Em seguida, Suzuki adicionou uma frase ainda mais marcante com relação àquilo que eu já vinha pensando:

– Então vamos falar que esse SI é **presente e constante** (ênfatisando bastante as duas palavras).

Sua primeira experiência, escolhida para ser relatada como referente ao SI, foi seu ingresso em uma pré-escola em período integral, o seu primeiro contato significativo com a cultura ocidental. Suzuki não conhecia polenta, prato servido em sua escola, que, lembre-se, o chocou de maneira repulsiva. Sua dificuldade com a língua era enorme. Conseguia conversar com muito esforço, freqüentemente adicionando palavras do idioma japonês no meio de uma frase estruturada em português. Comentou que era visível o espanto das pessoas, o que o fazia sentir-se um estranho.

Em seguida, Suzuki revelou uma viagem recente que fez para a Austrália, com a intenção de aprender inglês. Aproveitou para também conhecer Tailândia e Japão. Durante toda a entrevista, retomava o tema da viagem, demonstrando grande empolgação. Seu primeiro comentário foi que sentiu outro grande choque, embora desta vez estivesse mais preparado, sobrevivente que era de muitos conflitos sofridos no Brasil. Disse que, se inicialmente isso era um problema, tornou-se uma “importante ferramenta” no exterior, por estar aberto e disposto a experienciar culturas diferentes, entender os diferentes sentimentos, as ações e reações das pessoas.

Suzuki atribuiu, a essa abertura e a sua curiosidade, a possibilidade de ter conhecido muito mais em seis meses de viagem que seus amigos que lá estavam há mais tempo – por mais de um ano. Ele diz:

- Eu *me enquadrava* dentro da situação do outro com muita facilidade.
- Porque isso você já ‘tava acostumado a fazer desde pequeno, é isso?
- Isso! Aqui no Brasil!

Novas diferenças foram então lembradas, além da alimentação: a religião não-cristã, por exemplo, que lhe trouxe dificuldades no convívio de amigos mais rígidos no que tange à religiosidade. Suzuki confessou-me com irreverência, que precisou enfrentar energicamente seus amigos que tentavam convertê-lo:

- Eles só pararam quando eu mandei tomar naquele lugar!...

Uma peculiaridade de sua viagem deveu-se ao seu tipo físico indubitavelmente japonês aos olhos estrangeiros, dando-lhe a possibilidade de se apresentar como brasileiro apenas quando desejasse, mesmo assim correndo o risco de não lhe darem esse crédito. Querendo firmar-se como brasileiro, fazia um grande exercício para ser verossímil, mesmo diante de outros brasileiros. Aqueles com quem conviveu perceberam, no entanto, seu “comportamento estritamente latino”, que se revelava, principalmente no hábito do toque

durante a conversa com as pessoas, com tapinhas nas costas, e no fato de deixar transparecer a afetividade com os amigos. Esse comportamento o aproximou de uma turista colombiana.

Por outro lado, apesar da proximidade cultural devido à família e à religião, Suzuki sentia-se confuso na interpretação dos sentimentos de uma moça japonesa, com quem se relacionou por um tempo (o que soa como inusitado, pois todos eram unânimes em julgar bastante fluente o seu relacionamento com uma japonesa). Frente a tantas diferenças, Suzuki afirmou ter considerado a experiência interessante, pois acabou por “ganhar muita sensibilidade” no trato com as pessoas. Ao concluir essa situação, Suzuki concluiu:

– Ao mesmo tempo que as pessoas perceberam quão brasileiro Suzuki é, eu percebi quão japonês eu sou.

Num desafio econômico, Suzuki propôs-se economizar em alimentação na Austrália, para estender viagem até o Japão e a Tailândia. Para isso, precisaria aprender a cozinhar uma comida saudável do seu agrado com os ingredientes disponíveis, adaptando suas receitas. Disse ter se saído muito bem.

Perguntei se o que havia acontecido nessa viagem devia-se ao fato de, desde a infância, estar propenso a abrir-se para conhecer o novo. Suzuki respondeu que sim, argumentando que, desde pequeno, nunca entendeu o motivo de as pessoas serem diferentes. Com essa pergunta sempre presente em sua vida, o curso universitário teve papel importante para ajudá-lo a chegar a um certo esclarecimento, através da Sociologia e da Antropologia, cujos instrumentos disponíveis para o conhecimento de diferentes culturas apresentavam-se “idênticos” aos utilizados por Suzuki no seu cotidiano.

Com relação a esse item, Suzuki contou sobre uma viagem de trabalho na qual teve a oportunidade de testar sua habilidade de inserção cultural. Em 1997, visitou uma fábrica portuguesa, acompanhado de seis colegas de trabalho. Todos se entrosaram muito bem,

com exceção de Suzuki, ao qual tratavam de maneira extremamente formal, apesar do seu português fluente. Suzuki decidiu “provocar” os funcionários portugueses com um bloquinho de notas comprado no supermercado e que trazia na capa o símbolo de um time de futebol de outra região do país, rival do time da cidade em que estavam, ou seja, um elemento da própria vivência daquelas pessoas.

– Todo mundo veio falar comigo – disse Suzuki, com ar de satisfação e ressaltando o clima de brincadeiras que se instalou entre ele e os outros funcionários.

Por vezes, Suzuki chegou a ressaltar que era “o cara perfeito” para a minha pesquisa. Entre outras afirmações declarou ser “estrangeiro em qualquer lugar” e que não buscava um lugar específico para sentir-se em casa.

Segundo encontro

Tendo ocorrido uma falha técnica no manuseio do gravador digital, levando à perda de informações, tornou-se necessário marcar um segundo encontro com Suzuki, com a finalidade de retomar alguns tópicos discutidos e aproveitar para um aprofundamento maior da temática. Foi um encontro bastante longo, devido à empolgação de Suzuki em me contar suas experiências.

Ao lembrarmos o SI, Suzuki afirmou que sempre recebia um choque cada vez que saía de casa, ressaltando a infância como sua “aventura” maior, pois fora lançado a um contexto novo e diferente. Nessa época, “concluiu”, por exemplo, que existiam dois idiomas em seu contexto sociocultural: o japonês e o português. Afirmou que, na condição que vive, a vida é uma eterna aventura. Continuou dizendo:

- Hoje eu tenho noção, antes sofria.
- Parece que você brinca com isso.

– Sim. Percebi que, por causa disso, entendi certos modismos, certos hábitos muito mais rapidamente que outras pessoas.

– As pessoas estão vivendo uma coisa óbvia, que pra você não é óbvia.

– É. Pra mim é sempre mais intenso. A vida é como uma constante descoberta. É como se eu estivesse mudando sempre de casa.

Suzuki confessou ser muito curioso e declarou que pretende estudar sempre. Sobre o estudo de inglês que foi realizar na Austrália, contou que, para aprender mais rápido, decidiu afastar-se dos brasileiros. Devido a seu tipo físico próprio dos japoneses, bastava fechar a boca e ninguém o identificava como brasileiro. Após discorrer sobre História do Brasil e do Japão, expôs críticas de sua parte direcionadas a brasileiros que, no exterior, além de demonstrarem comportamento “vergonhoso”, deixavam de conhecer o país por se fixarem na busca de elementos que lhes lembrassem o Brasil. Suzuki detalhou com mais clareza sua afirmação diante de minha pergunta:

– Quando você se sente mais à vontade, mais em casa?

– Quando entendo melhor uma cultura. Antes há um estranhamento.

– Como você diferencia a sua postura da postura de outras pessoas que não têm o seu histórico de inadequação?

– As pessoas levam mais tempo para descobrir o que têm à sua volta. Não conseguem se desligar do Brasil. Mesmo no exterior, tem gente que nunca vivenciou uma situação de estranhamento. Eu acabo enxergando um pouco diferente. Por exemplo: eu consegui caldo de cana e mostrei pros meus amigos, que quase choraram. Descobri um *shopping* que só vai chinês, que gosta de caldo de cana, pois a China é tropical. Meus amigos não vão tentar conhecer, descobrir... Dentro do seu ambiente, juntam elementos do Brasil, se confortam e não buscam mais.

Suzuki narrou bastante sobre suas experiências culinárias e sobre os diversos sabores diferentes que conheceu, como picanha doce, macarrão chinês e comida tailandesa, segundo ele, mais apimentada que a comida baiana. Sobre isso, deu uma dica interessante:

– Em vez de comer algo muito apimentado de uma vez, coma algo menos apimentado e depois coma a mais apimentada.

Retomando o assunto do tocar as pessoas, Suzuki soube de sua má fama entre as mulheres através de um amigo coreano:

– Esse amigo não era um coreano típico. Na verdade, ele perguntou sobre o toque, dizendo que os latinos se tocam muito enquanto conversam. Expliquei que, quando não há toque, parece que não está aceitando a pessoa.

Tentando derivar as possibilidades do SI de Suzuki, perguntei:

– Você se lembra de uma situação em que o SI causou mal-estar? Não necessariamente no exterior.

– Sim. As meninas me evitam nas baladas justamente por ser japonês. Me fecho por medo dessa rejeição.

– E na Austrália?

– Sem inglês fluente, você não sai com as meninas. E elas costumam ser liberais. Lá existe uma divisão entre ocidentais e asiáticos. E eu sou ocidental com ascendência japonesa.

– Mais uma vez no meio do caminho... (risos)

– Pois é...

Ao tentar explicar suas maneiras de enfrentar diferentes situações, Suzuki contou sobre uma das suas “ferramentas” que desenvolveu:

– Tem algo que eu chamo de “artes cínicas”⁵, que é falar um monte de besteira mas mantendo um nível de coerência. Isso tudo tem a ver com exercícios de improviso teatral. Na faculdade, fiz muito isso na apresentação do TCC⁶, que, na publicidade, é apresentado a empresários, outras turmas, etc. O pessoal vai de terno e gravata, tudo certinho, apresentando projeto. Mas nada impede da gente fazer umas adaptações, fazer uma piada, divertir o pessoal, ficar mais à vontade, até a equipe fica mais segura. A gente aprendeu também a mentir falando a verdade.

– Como é isso?

– Eu lembro de um exemplo engraçado. Tem uma amiga que estudou comigo e viu uma loja de carros que tem o meu nome e que eu já conhecia. Ela veio me perguntar, dizendo assim: “Suzuki, eu passei em tal rua e vi uma loja...” Antes de ela terminar, eu falei: “Você viu?” Ela disse “Vi!” Eu falei: “Que legal! Agora que você já sabe onde é, passa lá qualquer hora pra tomar um café!” (risos) Ela falou que ia, sim, com uma cara de quem ‘tava acreditando... E eu não menti em momento nenhum. O que ia acontecer quando ela me procurasse lá pra tomar um café comigo eu não sei... (risos) Isso é igual papo de boteco.

– Essas artes cínicas têm a ver com o SI?

– Sim! Claro que tem! As pessoas colocam para si próprias: “Eu sou o certo, sou bonito, estou de acordo com as leis...” As artes cínicas partem para o absurdo, para algo que não é o lugar-comum. Eu e mais dois colegas fazíamos isso. Eu posso dizer que eles têm uma grande capacidade de adaptação também por aí. Nós conseguíamos lançar muito mais idéias pra equipe do que os outros cinco. E éramos muito mais desafiadores também.

Voltando-nos mais aos seus sentimentos peculiares, continuamos:

⁵ Em referência às Artes Cênicas, área de estudo do Teatro.

⁶ Sigla para Trabalho de Conclusão de Curso.

– Sob determinados aspectos, sou extremamente tímido, o que não é ser introvertido. Introvertido eu sou, tímido não sou mais. Introversão é uma característica que me deixa me sentir bem estando sozinho, etc. Que tem momentos de reflexão. O tímido é aquele que tem medo do que as pessoas vão pensar se eu fizer isso.

– Qual dos dois tem a ver com ser inadequado?

– O tímido. Mas a introversão também... Interessante. No começo eu achava estranho que as pessoas não aceitavam o que eu falava, eu dizia: “Caramba, eu sou estranho”. Quando deixei a timidez de lado, um processo difícil, me considero em processo de adaptação com relação à timidez. Às vezes bate uma timidez tão grande...

Conversando sobre seus momentos de timidez, atentei para o fato de que tudo o que ele dizia sobre ela parecia não ter lugar quando falávamos sobre as viagens. Suzuki inicialmente confirmou mas depois lembrou-se de alguns poucos momentos de timidez no exterior. Destaca um deles como o mais acentuado: procurar emprego. Ia procurar emprego em restaurantes e dirigia-se ao local pensando: “Não vou conseguir. Não vai dar. Não vou”...

– Dei três voltas no quarteirão pra pensar se eu chegava ali ou não.

– O que você acha que acontece?

– Um sentimento de rejeição. Não é nem o cara dizer “não” porque se ele disser “não” é porque entendeu...

Suzuki também contou que teve pouco contato com australianos. Suas amigas se estabeleciam com outros estrangeiros.

Conversamos sobre sua característica de brincar bastante e Suzuki afirmou que percebeu, em determinado momento, que podia brincar com toda essa diferença. Disse que, antes de partir para essa atividade lúdica, era, obviamente, mais sério e mais tímido também. Disse:

– Cheguei à conclusão que precisava mudar. Nesse processo de querer mudar a situação, foi com o despertar que eu tentei buscar coisas novas, tentando entender por que as coisas são assim. Não sei. Pensei nisso agora.

– Quando eu vou passear, pra outra cidade, etc., onde eu não conhecia ninguém, eu via tudo como uma brincadeira, fazia piada, essas coisas, sem compromisso nenhum... Você percebe isso? Faz isso também?

– Sim. É importante que num lugar desse você seja, no mínimo, agradável. E como ser agradável? Você precisa entender como a pessoa reage, do que ela gosta... Não é querer manipular as pessoas! Não me vem à cabeça isso. Mas é captar a situação do cara pra ver se eu consigo chegar ao universo dele com mais facilidade.

– Se aproximar...

– É. Você puxa papo com o Zé da Esquina numa cidade qualquer. Ele diz tanta coisa legal que você nunca ia imaginar. A curiosidade.

Suzuki prosseguiu falando sobre gastronomia, costumes familiares, religião, trabalho, colocando-se bem à vontade para comentar sobre sua vida. Percebi que sua dificuldade maior surgia diante de perguntas sobre a vida amorosa, tornando-se mais monossilábico e pensativo, inclusive enrubescendo. No entanto, não houve contribuições mais significativas ao tema. Suzuki contou sobre outras experiências da infância, relacionando-as à timidez e à curiosidade, chegando a deduzir conceitos que mais tarde aprenderia na escola, como intuir a existência das células ao brincar no quintal, onde se deixava fascinar com os pés de feijão que cresciam no algodão e na terra do jardim. Voltando ao tema História, teceu uma analogia com a sua própria história pessoal, dizendo que gosta de conhecer o passado para melhor compreender o momento atual.

Encerramos, em seguida, nossa conversa e, embora já nos tivéssemos despedido, Suzuki convidou-me para tomar um café. Aceitei. Terminado o café, despedimo-nos mutuamente, agradecendo-nos.

Análise da entrevista

Do começo ao fim dos encontros, é marcante o interesse de Suzuki em falar sobre sua vida e o SI. A simples exposição do tema foi suficiente para sensibilizá-lo e despertar seu interesse. Também chamou a atenção sua postura brincalhona, mostrando-se aberto e disposto ao debate.

De forma análoga à que abordam as vertentes nosológicas, a entrevista de Suzuki deixou transparecer a sua dificuldade nos relacionamentos íntimos, tendo ele, inclusive, evitado o assunto. Nesse caso, o SI traz a Suzuki um mal-estar, levando-o ao isolamento por medo da rejeição. Quando aborda o assunto nesse contexto, Suzuki deixa transparecer a timidez, o medo da rejeição (assim como na situação de busca pelo emprego) quando o sentido do SI liga-se à inferioridade e ao isolamento. Liga introversão à reflexão e timidez ao olhar do outro.

O sentimento de rejeição relatado por Suzuki não estabelece uma comparação direta. Tal rejeição assemelha-se à inferioridade anteriormente relatada, pois diz respeito à falta de habilidades pessoais – no caso, não ter inglês fluente em terra estrangeira, por exemplo – o que o limitou não só na procura de emprego como na tentativa de aproximação de mulheres, levando-o à timidez e ao ‘fechamento’.

De forma geral, Suzuki demonstra, quando criança, a experiência de ter sido lançado a uma cultura diferente, aproximando-se do que vem sendo chamado de SI ontológico, situando o ser-lançado como parte da existência. Essa experiência parece ter se iniciado na infância com o ingresso à escola, sendo a alimentação e a linguagem os

elementos mais evidentes em seu discurso. O SI integra seu jeito de viver, definindo a vida como uma “eterna aventura”. Sua maneira de perceber o mundo e os outros se dá, segundo ele, de modo diferente dos demais, mostrando constante reflexão, curiosidade, disposição e abertura à diferença, assim como a coragem de se lançar a experiências e contextos novos, superando sua timidez.

Suzuki encontra estreitas correlações entre sua vivência infantil e suas viagens ao exterior, identificando esses encontros como “choques” – uma palavra de impacto, mas um impacto com o qual aprendeu a conviver e a lidar. Para isso, diz “enquadrar-se”, colocar-se no lugar do outro a fim de compreendê-lo.

Suzuki conscientemente aprendeu a tirar vantagens do SI, conhecendo com rapidez, por exemplo, peculiaridades de uma cultura. A dica que fornece sobre o consumo de pimenta é a maneira como ele mesmo se envolve no ambiente desconhecido: gradualmente, com cuidado e atenção no envolvimento com o contexto e com o outro.

Suzuki disse questionar-se sobre a diferença entre as pessoas desde criança, reflexão que o levou a identificar-se na vida adulta como uma espécie de antropólogo ou sociólogo “nato”, ou seja, que vive fenômenos abordados por essas disciplinas.

A curiosidade também é uma característica de Suzuki desde cedo, conforme conta ter desenvolvido a noção de célula ao brincar no jardim, isto é, busca compreensão em construções teóricas para melhor compreender suas próprias vivências sem substituí-las pela teoria. Talvez esse seja o motivo de parte do interesse na pesquisa. Suzuki, então, provoca as pessoas no contexto que vive, buscando interação, seja através de elementos concretos, como o bloquinho de notas, seja com suas “artes cínicas”, as quais evidenciam sua criatividade, diversão e o contato com o absurdo, fazendo-o “quebrar o protocolo”, e assim diferenciar-se dos colegas “de terno e gravata”. Suzuki sai do lugar-comum, aumentando sua capacidade de crítica, adaptação e desafio.

Suzuki mostra superar o sofrimento e a timidez até tornar o SI um instrumento, um jogo, uma brincadeira. Paradoxalmente, ele também relata momentos de timidez no que diz respeito a relacionamentos. De certa forma, cria uma relação entre timidez e criatividade, lembrando o filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain*, no qual Amélie, extremamente tímida, desenvolve uma série de estratégias para resolver problemas próprios e alheios, evitando sempre a fala e o contato direto com as pessoas (Ossard & Jeunet, 2002). Não houve superação total da timidez, mas Suzuki desenvolveu uma maneira de conviver com ela, de apreendê-la ao seu modo de viver. A introversão descrita por ele equivale a um momento de reflexão, ou seja, consiste em focar a subjetividade de modo introspectivo, experiência solitária. Desse modo, a solidão pode desdobrar-se em reflexão, tendo como possibilidade também a timidez.

A curiosidade de Suzuki leva-o ao estudo e à exploração do mundo vivencial. Nesse sentido, o SI traz consigo uma característica análoga ao modo como González Rey define a ciência: uma tensão entre a vivência e sua compreensão (González Rey, 2005).

Em sua exploração, Suzuki constrói elementos conhecidos (no caso, alimentares ou culturais) a partir da facticidade até então desconhecida de outra cultura. Ele busca uma familiaridade e a constrói com elementos inéditos, demonstrando criatividade dentro dos limites da facticidade, transcendendo o estereotipado imaginário preestabelecido. Assim, Suzuki demonstra fascínio pela busca de conhecer pessoas e culturas diferentes, fazendo do mundo algo inesgotável, como diria Merleau-Ponty (1999).

Suzuki expõe sua liberdade principalmente como a liberação de um compromisso social quando assume sua postura, englobando nela o SI. O compromisso em questão é o de manter uma identidade ligada ao modelo social de homem, cuja realização mostrava-se impossível, ressaltando sua inabilidade de cumpri-lo, evidenciando sua timidez.

Descompromissado com a tarefa, Suzuki pode brincar e criar em sua existência, o que não é, porém, uma condição permanente.

Estrangeiro em qualquer lugar e, ao mesmo tempo, sem lugar específico para se sentir “em casa”, estranhamento, conforto e reflexão mostram-se constantemente presentes. Essas características tratam-se mais de um estado ou uma atitude do ser-em-situação que uma acomodação entre objetividade e subjetividade, ou seja, entre o espaço geográfico e o indivíduo. Suzuki sente conforto ao entender a cultura diferente que experimenta, fazendo, assim, da vida uma constante descoberta. Descreve sua vivência como mais intensa que a dos outros. Com o estranhamento do mundo, ele ultrapassa a obviedade, renovando a percepção do que é comum.

No exterior, mostra maior proximidade em relação aos estrangeiros (principalmente latinos) devido aos hábitos e comportamentos em comum. O desafio lançado pelo relato de Suzuki, porém, é o contraponto dessa situação: o relativo distanciamento dos orientais, aos quais corresponde no físico em plenitude, deixa em discussão o SI originado das características físicas. A problemática nasce exatamente do contrário do que é exposto na parte teórica, isto é, da semelhança e não da diferença. De qualquer forma, há o ato de comparação.

Nessa situação, Suzuki aproxima-se de duas identidades: japonesa e brasileira, de forma análoga à de Bauman (2005), que problematiza sua própria identidade no início de uma de suas publicações por ser simultaneamente inglês e polonês; expulso da Polônia, foi acolhido por vários países até estabilizar-se na cidade de Londres. No caso, Suzuki, em sua peculiaridade, luta contra uma “identidade oficial” imaginária formada a respeito dos brasileiros e dos japoneses. Suas descrições mostram, porém, que as pessoas dão mais crédito à identidade imaginária do que em sua própria palavra, seja entre seus conterrâneos, seja entre estrangeiros.

Entrevista 2

Nome: Bianca⁷ Idade: 34 anos Sexo: feminino Estado civil: união estável

Profissão: Psicóloga Escolaridade: Superior completo (Psicologia)

Bianca foi contatada por uma colega de trabalho disposta a colaborar com a presente pesquisa. Através de uma conversa telefônica, expliquei brevemente sobre o tema, e ela me forneceu o endereço de seu consultório, um local reservado e propício, segundo ela, para o nosso encontro. No horário combinado, encontramos-nos e iniciamos a parte formal da entrevista: preenchimento da ficha de identificação e do TCLE. A partir desse momento, Bianca mostrou-se receosa e preocupada, lendo o termo integralmente e questionando-me a respeito da pesquisa, do comitê de ética e dos meus contatos. Amenizei o impacto público do trabalho, assegurando-a sobre o sigilo de suas identificações. Com relação a alguns trechos da entrevista, Bianca expressou seu desejo de não abordá-los ou transcrevê-los. Suas exigências foram respeitadas.

Terminada a etapa formal e estando ambos em acordo, iniciou-se a entrevista e a gravação. A preocupação de Bianca continuava, buscando responder às minhas indagações de forma “correta”, como se tivesse uma “tarefa a cumprir”, limitando sua liberdade sobre a temática já previamente estimulada por mim. Indagava com frequência como exatamente era definido o SI, procurando por uma segurança conceitual estável, como se eu estivesse aplicando-lhe uma prova ou um teste avaliativo. Disse-lhe, no entanto, que definir o SI era uma de nossas metas e que isso poderia ser feito a partir de reflexões sobre momentos em sua vida, nos quais se sentiu diferente. Bianca surpreendeu-se ao constatar que o tema da pesquisa referia-se também a situações pessoais e não exclusivamente aos atendimentos

⁷ Nome fictício adotado para preservar a identidade do entrevistado.

psicológicos. Foi a minha vez de me surpreender, pois, para mim, havia deixado clara a minha intenção quando nos falamos por telefone.

Não houve relutância de Bianca, porém, em colaborar com a pesquisa na “nova situação” que se estabelecera para ela. Sua exclamação “Puxa!...” foi seguida de um longo momento de silêncio reflexivo. Observando que o silêncio havia passado da reflexão à dificuldade, disse-lhe que, caso desejasse, falar sobre o seu contexto de atuação psicológica poderia ser um aquecimento, uma sensibilização para o tema de forma ampla. Sobre isso, Bianca disse:

– Acho que várias vezes a gente sente, até como profissional. Não sei se é uma autocrítica grande... Principalmente quando está avaliando o próprio trabalho.

– Quando você percebe isso?

– Ontem, por exemplo, estava conversando com a assistente social sobre o nosso trabalho no programa de enfrentamento da exploração sexual, que é um trabalho “pesado”. Às vezes, você tem a sensação que não está fazendo nada, tem um abandono muito grande dos participantes. Nós questionamos se estamos fazendo da melhor maneira...

Conforme esperado, Bianca foi-se lembrando de outras situações:

– Na mesma instituição que eu era educadora social em 2004, eu fui contratada como psicóloga. Aí veio um questionamento sobre como era a diferença na atividade. É diferente do consultório...

– É um questionamento bem amplo.

– É, não estou conseguindo fechar...

– Mas é interessante. Quando você diz ser diferente do consultório, é uma situação nova, “como fazer então”? É isso?

– Sim. É difícil porque antes estávamos mapeando, mas agora é uma função nova.

Discorrendo sobre sua dificuldade de se “afinar” junto à assistente social com quem trabalha em parceria, Bianca expôs uma necessidade de definição de papéis:

– O que é social, o que é psicológico. Quem vai atender o quê. A gente está pensando em construir isso. Então eu me sinto inadequada enquanto a gente não define.

Outras dificuldades da atuação profissional foram expostas: dificuldades políticas, sociais, como a violência e a inconsistência da rede pública de atendimento, com a qual, segundo relatou, não podem contar em suas atividades. Isso evidenciou uma angústia no momento em que ela concordou com o comentário que fiz: “Parece que escapa pelo meio dos dedos”. Após outro silêncio, Bianca constatou:

– E há momentos em que a gente vê resultados, as famílias respondem e parece que passa um pouco esse SI, mas depois volta de novo, né?

– Parece que você se sente mais inadequada quanto menos realizada.

– É, pode ser...

– Quanto mais satisfeita, mais adequada... É por aí?

– Pode ser...

Sua resposta vaga soou de forma pensativa. Questionei, finalmente, sobre o SI em sua vida pessoal, ao que Bianca respondeu:

– Ah! Eu não sei se eu ‘tô entendendo direito o que é essa inadequação, mas acho que a gente tem o tempo inteiro, assim. Tem situações que a gente se sente, como é que você falou “Ah! Não era pra eu ‘tá aqui agora”. Dar uma bola fora... não ‘tô entendendo.

– Quando você se percebe diferente das pessoas, do contexto...

– Por exemplo, aqui mesmo, né, no consultório. Eu alugo essa sala, né? Uma coisa boba assim. A dona da casa pediu pra eu terminar de passar o café que ela começou e talvez não tivesse tempo de terminar. Ela disse pra eu desligar, e eu esqueci completamente, assim. E era uma semana que eu ‘tava preocupada com outras coisas, não

daqui. E entrei pra atender... Fiz dois atendimentos demorados... Quando eu volto, eu fiquei puta da vida. (Começa a dar mais intensidade e velocidade na fala.) E eu fiquei super mal porque, na mesma semana, eu já tinha feito outra coisa assim. E é uma pessoa que eu não tenho muita intimidade, porque se fosse qualquer outra pessoa da clínica eu não ia ligar. Daí eu pedi desculpa, tal. Aí eu falei: “A partir de hoje, se alguém me pedir alguma coisa, sei que sou mais avoada e eu não vou assumir esse compromisso”. Eu falo: “Desliga”... A não ser que eu esteja na cozinha e vá ficar lá, porque corre o risco de eu não lembrar. Graças a Deus que não aconteceu nada: ficou pretinha a caneca porque deve ter evaporado tudo... É uma coisa boba, mas eu fiquei muito chateada. Aí eu me senti bem essa coisa assim: “Vixi! Vão me dar as contas, não vão me querer mais aqui...” alguma coisa assim, né?... E como é uma pessoa da qual eu não sou próxima, acho que é mais fácil acontecer essas coisas, né?

Optei por explorar a situação descrita:

– Nesse momento, você se questiona se tem algum problema, precisa se preocupar mais com isso, precisa mudar ou não? Porque eu entendi assim: quando você diz que é desligada e não vai assumir o compromisso, é uma compreensão de como você é...

– Depende do que for. Uma questão, por exemplo, de uma porta que fique aberta é uma coisa séria. Daí é diferente. Eu já tenho um esquema para não esquecer e raramente esqueço. Depende também do que acontece. Se é uma coisa que eu acho que posso e devo mudar, eu penso em mudar. Ah! Lembrei a outra coisa que foi, por isso que eu fiquei chateada. Eu almocei aqui e devo ter esquecido o prato sujo dentro da pia. E eu não percebi que eu fiz isso porque às vezes eu faço isso na minha casa. Tinha sido um dia cheio, vim direto do outro trabalho... Aí ela chegou e deixou um bilhete pra mim. Aí eu pedi desculpas e tal. Fiquei chateada porque dois dias depois aconteceu esse negócio da cafeteira. O prato

é uma coisa que eu realmente preciso ficar mais atenta, mas com o negócio da água, eu prefiro não assumir.

Em meio ao nosso diálogo sobre o ocorrido, Bianca deixou escapar um momento em que demonstrou compreensão do fenômeno abordado:

– Às vezes me dá um SI, sei lá.

– E como você fica se sentindo nessa hora?

– Ai, mal!... Acho que excessivamente mal!... Acho que eu nunca me senti tão mal!

– Nossa...

– Acho que a cobrança é pesada. Cheguei a ponto de pensar que ela ia me mandar embora daqui. E não tem sentido. É um absurdo, não tem nada a ver. Eu sei que ela não faria isso, mas naquela semana eu cheguei a pensar.

– Foi uma falha sua e sua imagem frente a ela ia ficar abalada. Ela ia pensar que você é uma pessoa que...

– Que não arruma as coisas!... É! Isso pode ser!... Não sei. Essa coisa de falta de cuidado com o espaço que é comum. Às vezes acho que eu fico pegando muito pesado comigo mesma, de não ter feito uma coisa que é pra fazer. Depois passou...

– Parece que na hora a gente dá uma exagerada legal, né...

– É.

– ‘Tô pensando numa coisa também. Parece que você não cumpriu a tarefa direito...

– É. Parece até nas duas coisas que eu falei não é? Tanto no trabalho como no convívio com as pessoas.

Quis saber sobre a presença do SI em seu relacionamento amoroso. Bianca respondeu:

– Ah... Eu acho que tem sim, né? – baixa a voz, fica pensativa.

Silêncio. Começou a eleger situações que poderia contar, situando-se no tempo:

– Ontem... Hoje de manhã...

Começou a descrever o contexto de uma situação que levou a um desentendimento, envolvendo a distância da residência deles até o centro urbano da cidade e defeitos mecânicos nos carros de ambos simultaneamente. Elogiando o local onde mora, não omitiu as dificuldades de habitar em área rural, onde as estradas são de terra e o transporte público ausente, entre outros percalços. Num determinado momento, em meio a essa situação, Bianca contou que seu companheiro permanecia calado, “de cara amarrada”, e ela interveio, indagando se estava tudo bem, porém ele nada respondia. Bianca descreveu a seqüência, mostrando como sua paciência e disposição compreensiva foram se esgotando:

– Até não agüentar mais e perguntar: “Cê tá puto por quê?” – E elencou uma série de possibilidades ligadas à situação que poderiam ter sido um evento disparador do comportamento dele. Ele também não respondeu.

Neste ponto do relato, ela recuou, afirmando que agora o marido tem se manifestado mais “amoroso”, embora ainda não tenham conversado sobre o episódio. Descreveu-o como “muito fechado”. Após a exposição, ela mesma se perguntou:

– O que talvez tenha a ver com essa inadequação?...

– A impressão que eu tenho é quando você acha que a história é com você.

– Se for, vamos resolver, entendeu? Se ele ‘tá de mau humor com outra coisa, eu não tenho nada a ver com isso. Acho que no casamento a gente tem que se entender. Eu não vou entrar nessas neuras.

– E, quando você percebe que não é da relação, você não tem nenhum questionamento.

– Não! Eu solto, entendeu, isso eu já aprendi a fazer.

– É quando você ‘tá envolvida na história. É isso?

– É! E aí vem o SI, até de coisas minhas, de falar: “Nossa, será que eu fiz tal coisa de novo?”... Se é dele, deixa pra ele, mas quando é coisa minha, daí vem o SI.

Bianca reconheceu o momento da presença do fenômeno que abordamos ao relembrar uma discussão com o companheiro sobre um rato que apareceu em sua casa, a partir do momento em que ele a acusou de não resolver nada e de não pensar nas coisas:

– Aí eu fiquei... me fecho numa ostra com o SI. É nessa hora que me vem o SI, de pensar “será que eu estou sendo infantil”, entendeu, de precisar de alguma coisa e querer que ele fale o que que é pra fazer, o que que não é, sabe?... Num primeiro momento, é o que me vem: “Será que eu ‘tô sendo menininha e que ele é o papai que resolve pra mim?” Mas depois eu falo assim: “Ah! Não é nada disso! Frescura dele! Eu só tava perguntando pra gente pensar junto...”

Comentando sobre sua expressão a respeito do SI, tentei explorar mais o tema:

– Legal, acho que você conseguiu colocar bem como vem o SI. Você consegue também perceber como ele vai?

– Como ele vai embora?

– Isso! Quando passa?

– Depende da situação. Nessa aqui do consultório, demorou pra passar a chateação. Fiquei a semana inteira esquisita, sem vontade de encontrar a pessoa, meio com vergonha... Senti necessidade de comunicar outras colegas, de compartilhar, sabe, no sentido de não ser tão inadequada assim. Tem casos que a pessoa ignorou, nem comentou, e eu fiquei na mesma. Mas acho que era como se eu ‘tivesse pedindo um parâmetro, né?

– Tentando entender se é culpa sua ou não.

– É!... É!... (risos) Se eu ‘tava dentro do humano, de poder esquecer alguma coisa ou se eu tava muito fora da órbita.

– Se outras pessoas também já esqueceram... Esse tipo de coisa?

– É. E como que é a relação das outras pessoas com ela. Teve gente que deu risada, não foi nada. Mas ficou um tempo assim. Um sentimento também de vergonha, de não querer contar... Que é esse... acho que da menininha que fez coisa errada...

– E vai se esconder, né?

– É. (risos) Alguma coisa assim, né?

Questionei-a sobre a metáfora que usou para se expressar, acreditando que, embora com a conotação de uma possível carga teórica, pudesse colaborar com o debate:

– Você se refere bastante à “menininha”...

– Todos têm um lado infantil.

– A menininha, no meio profissional, percebe que não ‘tá no lugar dela, não é isso?

– É...

– E quando que é o lugar dela?

Silêncio longo até responder:

– Não sei.

– Não ‘tá nas coisas mais livres... Diversão...

– Não sei, não sei... Não sei. (silêncio longo) Não sei. Não sei se tem lugar hoje, né? A gente tem que fazer tanta coisa como gente grande, como mulher... (...) Mas é algo que vez ou outra é um calcanhar de Aquiles, vez ou outra emerge. (...) Tudo que a gente faz passa por essas questões pessoais também. Não é só o fato objetivo. Envolve coisa da gente também. A gente tem que perceber e dar uma limpada, né?

– No momento, você não tem essa clareza, né, do que tá acontecendo?... No momento de reação a gente não pensa de maneira “intelectual”, né?

– Aí é o sentimento mesmo. Acho que tem hora que tem que esperar passar. Não tem o que fazer.

Sobre os acontecimentos em seu consultório, assim descreveu:

– Vinha um contra-argumento pra me deixar mais tranqüila: “Você paga seu aluguel direitinho”. (...) Não é caso de hostilidade... Era eu tentando me entender comigo mesma, tentando tirar esse sentimento ruim, né?

– Achei interessante quando você contou a história, assumindo que é distraída e não vai assumir um compromisso que exija isso quando puder. Você acha que há um tipo de aceitação que diminui o SI?

– Sem dúvida. Muito! Muito!...

Bianca narrou momentos vividos com o companheiro nos quais ela se reconheceu “ser assim” e que, portanto, segundo ela, ele não deveria estranhar seu jeito e “ficar implicando”. Afirmou:

– Tem coisas que eu sei que é o meu jeito de ser e eu vou buscando artifícios pra superar. (...) Por exemplo: eu costumo andar com sacolinha pra carregar minhas coisas. E é feio!... Quer dizer, as pessoas dizem que é feio. Mesmo arrumando uma bolsa de couro linda que cabe tudo, quando vejo, estou com uma sacolinha de plástico. Aí eu falei: “quer saber? Eu ando com sacolinha de plástico! Ponto!”

– “Sou sacoleira mesmo!” (risos)

– Sou sacoleira mesmo! Aí eu conto os pacotinhos. Eu ‘tô com uma pasta, uma bolsa e uma sacolinha, eu conto.

– Um, dois, três.

– Um, dois, três! Pronto! Sei que eu ‘tô com três volumes e não vou deixar nada no caminho.

Bianca meditou sobre sua influência nas pessoas em sua volta:

– Pode ser que seja muito mais desgastante pra outra pessoa, mas é o meu jeito, que eu sei que eu sou desligada mesmo. Nem preciso contar na hora de ir embora. A primeira contagem já resolveu.

Lembrou-se de outra situação em que o SI se faz presente: sua letra vista por outras pessoas. Ela relatou da seguinte maneira, já aceitando suas “manias” no momento de contá-las:

– Escrevo tudo. Mesmo quando tô atendendo, geralmente tô com uma pranchetinha, as pessoas já não se incomodam, né? (...) Aí eu tenho que fazer listinhas de coisas pra fazer e vou ticando. E, às vezes, só o fato de escrever eu já memorizo e não preciso olhar na listinha. Sei lá. Cada um é de um jeito. O que eu acho que são meus defeitos, eu vou tentando mudar. As outras não.

– Que bom que você disse essas coisas porque eu tenho umas manias parecidas com as suas também... Assim me sinto menos inadequado (risos).

– Uma coisa que você falou e agora eu achei superlegal, que eu me sinto muito inadequada, na verdade, é coisa de letra, né? Que é uma coisa muito esquisita. Minha letra não é bonita, mas tem momentos que eu acho ela bonita. Mas de um modo geral tem uma coisa de... (faz um gesto afobado de escrita)

– Escrever rápido...

– Escrever rápido... Precisa passar a limpo depois... E fica às vezes muito garrancho. E minha letra é uma colagem. Às vezes tem letra de forma misturada com a outra. Não é mesmo bonita. Aconteceu uma vez que eu ‘tava dando aula com um amigo meu na licenciatura, ele veio e falou assim: “Que legal que você consegue colocar as coisas na lousa porque eu não consigo, fico supertravado porque eu acho minha letra horrível. A sua é muito pior do que a minha e você, com a maior naturalidade, vai lá...” Pronto! Aí eu travei! (risos) E eu acho a letra dele muito pior do que a minha. Não sabia mais se ia continuar escrevendo na lousa ou não.

Foi variando as situações que envolvem sua escrita:

– Outro dia fui mandar um bilhete pra mãe de uma menina que eu atendo, e ela disse que minha letra é bonita. Eu olhei pra cara dela e pensei: “É muita projeção!...” (risos) Um menino outro dia disse que a letra da professora era mais bonita que a minha.

– Mas letra de professora é covardia...

Bianca retomou, então, o relato inicial:

– Depois daquela história da lousa, eu até dei aula de alfabetização e tudo. Aí tentei comprar um caderno de caligrafia pra ver se minha letra melhorava... Mas piorou porque não tem nada a ver aquelas linhas com pauta... Há pouco tempo, tive que fazer uma ata de uma reunião e a gente faz ao mesmo tempo pra não precisar passar depois. Pra mim foi perfeito, ‘tava ótimo. Aí chegou outra reunião e as pessoas queriam que eu fizesse de novo. Eu disse que não. Aí um colega pegou, mas anotou num caderno pra depois passar a limpo. A sugestão da coordenadora é que a gente faça na hora pra não perder tempo depois, passando, mas não é obrigatório. Depois ele foi pegar o livro pra passar e falou “Nossa! Mas que que é isso! Você é uma menina! Você tem que ter letra de menina!” Fiquei incomodada porque ele falou que eu tinha que ter letra de mulher e depois porque, de novo, falaram que minha letra é muito feia. Fica dissonante o seguinte: eu desde pequena escrevo muito bem. Mas escrevo muito bem com uma letra muito ruim!?” (risos) Aí eu me sinto inadequada, entendeu? Porque as pessoas solicitam que eu escreva... Tudo bem que o computador facilita muita coisa...

– Interessante que é quando estabelece uma comparação, né? Quando alguém diz que outro tem letra mais bonita?

– É. Pra mim ela ‘tá sendo suficiente, mas... Eu tentei melhorar, mas é a letra que eu tenho. Só que eu não gosto quando chamam a atenção. Se conseguiu entender o que tá escrito sem muita dificuldade... Não sei seu eu ‘tô errada. Eu fiquei também amuada o dia inteiro.

– E passou?

– Depois passou...

– Passou sozinho? Como é que foi?

– Não!... Aí eu tenho que tornar públicas as coisas!... Precisa alguém falar que é ele que ‘tá errado! (risos) Chegou mais alguém, eu já contei o que ele tinha falado... E aí chegou um colega nosso, que é travesti, que já ficou puta, falando “como que você fala isso da letra dela?”. Ela é toda militante, já fala de igualdade, de não sei o quê...

– Tem direito a ter letra feia, né? (risos)

– É!... Ela foi me defender. Depois fiquei chateada, achando que foi sacanagem porque foi uma pessoa que... Depois ela tava contando a dificuldade pra se alfabetizar, hoje ela ‘tá na faculdade, que é uma superconquista! Você não vê travesti na faculdade, né? Ela fez alfabetização, supletivo pelo MEC⁸... E eu que fiz colégio particular e tudo nem se compara, né?... Também tem isso, eu sou muito de remoer as coisas... E até hoje não fiz ata de novo! (risos) Mas vou fazer, vou fazer!

– Legal, legal. Bom, acho que já falamos bastante...

– Não sei se tem a ver essas coisas que eu falei... Não sei se eu fui adequada!... (risos)

– Foi, foi sim!

– Foi legal que me pegou de surpresa porque eu achei que fosse outra coisa completamente diferente, né?

– Quer dizer mais alguma coisa, contar mais alguma coisa, perguntar mais alguma coisa?... (silêncio)

– Ah! Eu queria perguntar, então, se todo mundo tem esse SI, já que ‘cê ‘tá entrevistando um monte de gente, né?...

⁸ Sigla para Ministério da Educação.

– Pra você ficar menos inadequada!... (risos)

– É!... (rindo)

Expus, então, de forma breve, o estado da pesquisa naquele ponto sincrônico, situando a entrevistada como alguém que partilha de experiências semelhantes com as de outras pessoas, tranquilizando-a quanto a isso. Após um agradecimento pela sua disposição, seguiu-se o encerramento da entrevista.

Análise da entrevista

No início da entrevista, a participante expõe uma das questões pertinentes a este trabalho, mostrando sua dificuldade de definir os papéis entre a atividade social e a psicológica na sua prática profissional. Tal dificuldade sempre será constatada enquanto os âmbitos forem vistos separadamente, pois continuamente se atravessam, se influenciam, se completam, se interferem, fazendo com que fosse adotada aqui a noção de ser-em-situação. A comentada divisão faz-se bastante presente na vida de Bianca, principalmente no que tange à identidade e ao AS.

A preocupação que se me mostrou evidente foi a de “cumprir a tarefa”, indicando diretamente a presença do SI a partir do momento em que se estabelece imaginariamente um modelo de entrevistado, sempre fornecendo ao entrevistador a resposta correta, como se estivesse ocorrendo uma avaliação. Por várias vezes, questionou-se durante a entrevista (“Não sei se estou errada”) e, no fim, certifica-se se “fez tudo direito” e se “todo mundo tem esse problema”. Vale ressaltar que houve toda uma preocupação por parte do entrevistador em manter a situação o menos formal possível, proporcionando total liberdade de expressão a partir do momento em que adotou a proposta metodológica das entrevistas abertas. É possível, portanto, que Bianca sintasse ainda mais tensa numa situação real de avaliação.

Mostrando momentos de reflexão profissional ao se perguntar, junto com sua colega, se estão trabalhando da melhor maneira, ressalta sua autocrítica, mostrando-se rígida consigo mesma, principalmente quando avalia o próprio trabalho. Quando comentei sobre seu questionamento inicial, dizendo ser ele “bem amplo”, a intenção era mostrar-lhe a importância e as várias possibilidades desse questionamento. Bianca concorda, mas estreita-o, apontando para uma falta de habilidades: “Não estou conseguindo fechar”, dirigindo minha colocação como uma crítica e denunciando uma percepção “viciada”, voltada à autocrítica.

Na situação relatada envolvendo a cafeteira e seu esquecimento, Bianca aponta seu esquecimento como uma falta de habilidade. Esse episódio parece ter sido, no entanto, corriqueiro, sendo mais agravante o acúmulo de situações que concorrem para abalar a opinião alheia sobre ela. Bianca diz que um esquecimento “mais sério”, que diga respeito à segurança (porta aberta) ou a faça perceber que uma característica pessoal sua é prejudicial a sua própria imagem (prato sujo) faz com que ela se questione, evidenciando uma constante “autocorreção”. Casos mais corriqueiros não levam a essa reflexão. Bianca assume sua postura após tentar se “corrigir”, mas, antes, logo que é questionada, fecha-se para “avaliar” a situação e procurar saber se o “erro” e a “culpa” é dela ou do outro.

Os relatos que dizem respeito à sua caligrafia ajudam a compreender sua posição, introduzindo as questões da comparação e da presença do outro. Enquanto escreve para si, Bianca pode até achar sua letra bonita, mas, quando se estabelece uma comparação entre letras, o conflito entre os conceitos “letra feia” e “letra bonita” começa (escrever na lousa e no livro ata). Nesse momento, Bianca demonstra sua tendência a manter o foco perceptivo na objetividade, tomando-a como facticidade para estabelecer uma comparação: a letra *é* bonita ou *é* feia, como uma qualidade estática da letra, sem que se considere a percepção alheia. As outras pessoas demonstram opiniões diferentes a respeito de sua caligrafia: a

menina considera-a bonita, o menino acha feia, o colega de estágio jura que é pior que a dele, e ela própria acha às vezes bonita e à vezes feia. Afirma a inadequação da sua escrita, definindo-a como uma colagem entre a letra cursiva e a de imprensa, ou seja, uma letra indefinida, sem identidade, refletindo sua própria busca.

A caligrafia de Bianca a situa fora da identidade de mulher por não ter “letra de menina”, ressaltando sua falta de habilidade para escrever com letra “bonita”. A tentativa de usar o caderno de caligrafia, portanto, não significa apenas ter letra considerada bonita por ela e por todos. É sua afirmação como mulher e como alguém habilidoso na escrita, o que não deixa de ser um AS. A inadequação ocorre ao não combinar conteúdo (escreve “bem”) e forma (com letra “muito ruim”) na escrita. Bianca é solicitada a escrever, o que expõe não só sua escrita mas também sua forma de escrita (letra), afastando-a da identidade do “bom escritor”, portador imaginário de uma caligrafia perfeita. O AS, então, busca novamente a mudança objetiva – o que parece contraditório, mas mostra-se um funcionamento comum no caso de Bianca e, provavelmente de outras pessoas também. A crença é de que o uso do caderno formatará sua letra, evitando a constatação de que a escrita é um fenômeno artístico, dependendo diretamente de sua atuação, sua leveza e criatividade. Sob o ponto de vista dela, ele, o caderno, foi, portanto, “incompetente” em sua tarefa. Embora Bianca diga não achar importante, bastando que sua escrita seja suficientemente compreendida, sua reação chega ao ponto de “travar”, considerando a possibilidade de não se expor novamente da mesma maneira. O prato deixado na pia por distração causou um grande mal-estar em Bianca, pois o prato sujo por ela e exposto na pia aos frequentadores é uma definição da sua identidade como alguém que não arruma as coisas. No meio dessa situação, aparece também o ato de mostrar-se, deixar-se ver pelo outro. Bianca parece preocupar-se em não ser vista sem estar preparada para isso.

A definição de papel profissional citada no início equivale a encontrar uma identidade profissional que a diferencie da assistente social. No entanto, é possível questionar se Bianca não busca também uma definição pessoal da identidade. A situação de sua caligrafia indica que sim, assim como sua afirmação de que se sente inadequada enquanto não tem um papel definido. É quando Bianca evoca a figura da “menininha”. Quem está perdido precisa de um direcionamento, necessário quando surgem situações novas, diante das quais Bianca assume sua dificuldade de enfrentamento. Para situar-se, busca a referência de colegas e a justificativa pública de sua postura – a mesma busca de referência utilizada para saber se está “dentro do humano”, ou seja, se é “normal”, se é igual aos outros humanos. Fora algumas exceções, ser diferente mostra-se um grande sofrimento para Bianca, como um sinal de anormalidade, lembrando a visão sintomática presente na psiquiatria. A falta de proximidade e afinidade da outra pessoa envolvida na situação agrava o mal-estar descrito no seu relato do SI.

Na discussão sobre o rato, inicialmente, tomando como um “defeito” seu a característica de “não conseguir resolver as coisas”, Bianca “se fecha numa ostra”, numa atitude de evitar a outra pessoa envolvida na situação, levando-a ao isolamento. O SI é retratado então como infantilidade, alguém que diz “o que pode” ou “o que não pode”, uma referência vinda do outro e que lhe dê parâmetros como se dá a uma criança, a uma “menininha”. Porém, quando Bianca rotula o comentário do companheiro como “frescura dele”, tirando de si o holofote da incompetência, não percebe mais o SI, aliviando a sensação de inferioridade.

O trânsito entre subjetividade e objetividade anteriormente comentado mostra-se outras vezes presente em Bianca, sobretudo após assumir sua postura de desigualdade, como no caso de suas manias, de usar sacolas, de contá-las para não perdê-las, de fazer listas que não consulta, de ser “esquecida” e “avoadada”. Quando assume sua distração,

ameniza o SI. O outro, porém, não deve “implicar” com seu jeito. Dessa maneira, o que se configurava AS passa a ser AO, visto que apresenta sempre uma situação conflitante, seja consigo própria, seja com o outro que “implica”. Essa constatação possibilita pensar que o contrário também pode ocorrer.

Depois que Bianca assume sua postura de “avoadada”, deixa claro que não pretende assumir compromissos que dependam da habilidade de se lembrar de algo corriqueiro, a não ser que as condições sejam todas favoráveis. Caso contrário, dirá “não”. É caracterizada, assim, uma postura assumida a partir da reflexão sobre suas próprias características.

Bianca diz que o SI aparece quando aquilo que está em questão “tem a ver com ela”, ou seja, quando ela identifica uma característica como sua. O SI, nesse caso, é uma maneira de localizar-se na situação, de situar-se em diversos momentos da existência, compreendendo seu papel em meio à situação referida. É uma espécie de radar do ser-em-situação. Quando tem sucesso no trabalho, ou seja, quando Bianca percebe-se agindo de forma satisfatória profissionalmente e tem a comprovação disso nos resultados, deixa de se sentir inadequada. Entretanto, quando reconhece seu insucesso, volta a sentir-se inadequada. Auxiliando essa situação, também surge sua angústia e sensação de impotência diante da falta de condições sociais constatadas ou basicamente necessárias à eficácia do trabalho.

Ao falar sobre seu jeito de “remoer as coisas”, Bianca indica o estágio inicial de uma reflexão. Um possível “remoer reflexivo” mostrar-se-ia como uma pergunta não suficientemente respondida e que persiste, mantendo-se no pensamento de forma subliminar, reivindicando para si uma resposta. O imaginário também se faz bastante presente no remoer. Ao se esquecer de tarefas corriqueiras, Bianca supõe que será punida pela sua falta de habilidade, mesmo sabendo racionalmente que isso não acontecerá.

Sozinha, argumenta racionalmente consigo mesma que o imaginário não acontecerá. Tem vergonha de contar sua falha e, portanto, de se abrir à possibilidade de considerarem seu comportamento diferente do de outros humanos, desigual, anormal, inferior. Há, portanto, uma relação entre SI e a timidez.

O papel do outro é paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que traz o conflito, é a oportunidade de um “ato de desagravo” daquele que estabeleceu para ela uma comparação. Precisa mostrar a todos que tem razão. Esse ato, no caso, foi realizado por um travesti, alguém fisicamente inadequado, o que deixou Bianca constrangida e culpada por envolver em seu conflito alguém que, com um histórico de dificuldades na busca da aprendizagem desde a alfabetização, superou tudo e chegou ao ensino superior. Bianca, no entanto, coloca-se como alguém que sempre teve condições de estudo e comportou-se, como ela mesma insinua, como uma menininha mimada.

A figura da menininha aparece sempre que Bianca mostra seu lado pessoal de forma “desprevenida”, deixando entrever um conflito entre o abrir-se e mostrar-se aos outros e a timidez, a vergonha. Essa tensão parece deixá-la presa, sem liberdade, o que seria um elemento importante no ato de criar. A menininha, aliás, parece ter pouco espaço na vida de Bianca, que laconicamente respondeu “não sei” várias vezes, junto com um silêncio significativamente longo, quando procurei abordar o sentido dessa metáfora em sua vida. Bianca não discorreu sobre diversão e liberdade apesar do meu estímulo, sinalizando uma preocupação constante na relação com o outro. Bianca sente-se ameaçada por ter um lado infantil e, portanto, frágil (calcanhar de Aquiles), ou seja, o lado que evidencia seus defeitos, manias e fragilidades, assumindo não ser composta apenas de invencibilidade, como o próprio Aquiles mostrou. Voltando à escrita, Bianca denota que escrever, além de tornar público seus pensamentos e sentimentos, é tomar posição, como a palavra de Paulo Freire (2005), entendida como fala autêntica por Amatuzzi (1989).

Embora mostre preocupação em não querer ser percebida sem estar preparada, Bianca, no final da entrevista, gostou da “surpresa” sobre o tema, ou seja, a situação imaginária havia mudado, numa demonstração de que a imprevisibilidade proporciona a reflexão a partir do improviso, da falta de preparação, base fundamental da criatividade. Para Nachmanovitch, toda criação é uma espécie de improviso (Nachmanovitch, 1993).

Entrevista 3

Nome: Joana⁹ Idade: 57 anos Sexo: feminino Estado civil:
casada

Profissão: Dona-de-casa Escolaridade: Ensino fundamental completo

Assim como Bianca, Joana também foi contatada por uma colega de trabalho. Acertados dia e horário para o encontro, compareci à entidade cuja diretoria Joana integra. Uma sala de atendimento psicossocial foi disponibilizada para o nosso encontro. Percebendo certo receio em Joana, afirmei, em tom de brincadeira, que não ‘doeria’ nada conceder uma entrevista e agradei sua disposição. Diante de sua indagação, após as etapas formais, expliquei-lhe que o processo consistiria basicamente em uma conversa sobre o tema da pesquisa, auxiliando na compreensão do SI. Ficou muito claro que ela não seria obrigada a responder ou comentar nada que julgasse inconveniente. Passei então a explicar o SI, usando o recurso de frases figurativas que pudessem expressar alguma situação vivencial imaginária:

– É quando a gente se sente diferente das pessoas, questionando-se, “o que estou fazendo aqui”, “será que isso é pra mim?”, “que que eu ‘tô fazendo nesse lugar?”, “não me sinto bem junto com essa pessoa”, “será que sou diferente dos outros?”, “tem alguma coisa errada comigo?” ou “as outras pessoas estão erradas”... Você já teve alguma sensação assim?

Joana imediatamente demonstrou a pertinência do tema:

– Já. Em vários momentos da minha vida... Inclusive no local de trabalho, né? Quando era adolescente também... Minha vida toda, viu? Eu tive essa sensação de ser

⁹ Nome fictício adotado para preservar a identidade do entrevistado.

diferente. Não que eu queira ser melhor do que os outros, mas eu sempre acho que eu deixo a desejar em relação às outras pessoas.

– Que as outras pessoas seriam mais capacitadas que você? É isso?

– Não “capitadas”... Como que eu vou explicar? (...) Porque, no decorrer da vida, eu descobri que (...) eu posso sorrir independente das minhas condições físicas, dos meus dentes, de tudo, né? (Imediatamente reparei em seus dentes e não notei nenhuma característica marcante. Pensei em lhe perguntar sobre o significado desse comentário, mas não houve oportunidade para isso. É bastante provável que Joana use uma prótese dentária parcial na parte frontal de sua boca, mas já tenha enfrentado situações nas quais não contava com a prótese).

Explicando mais sobre como o tema se encaixa em sua vida, Joana escolheu um exemplo profissional, conforme citou no início do diálogo:

– Eu trabalhava num hospital.

– ‘Tá.

– Aí... tinha uma funcionária que era mais experiente que eu, ela entrou primeiro que eu, ela (...) era mais ambientada no trabalho, tinha mais...

– Mais experiência...

– Mais experiente. Então ela sempre me fez pensar... que eu sempre me senti assim inferior a ela. Então o que que eu fazia? Eu fazia tudo que ela fazia pra mim poder... É... Não “ser como ela”, mas pro chefe não ficar pegando no meu pé, chamando minha atenção... Tanto porque eu achava que ela... E, no fim, eu descobri que ela não era mais do que eu. (...) Sendo que nosso trabalho é igual, o salário é igual... Eu tenho que ser igual a ela? Eu não tenho que ser igual a ela, eu tenho que ser eu! Mas eu tenho que fazer o meu trabalho, realizar da maneira que os chefes “tão acostumados e que eles ficam contentes com o meu trabalho e também, assim, nesse momento também descobri que eu não tinha

que agradar nem chefe e nem o funcionário. Que a minha função ali, eu 'tava a serviço *do* paciente, que era o doente do hospital. Isso foi com o tempo que eu cheguei nessa conclusão. (...) Então eu me sentia diferente. Mas depois eu fui chegando... Mas todas situações que eu vou, depois eu chego. Eu entro já inferiorizada. Achando que... E toda situação que eu vou é assim.

– Sim.

– Depois eu descobri que não. O meu serviço ali não é nem a freira, nem a irmã, nem a funcionária. É o paciente que eu 'tava ali por causa dele. (...)

– Entendi. Quer dizer: quando você percebeu pra que que você 'tava ali, parece que tudo se resolveu. É isso?

– Aí melhorou porque daí... Aí eu já achei que eu não tinha que agradar ninguém. Eu tinha que agradar o paciente.

– E fazer um serviço bem feito!

– Um serviço bem feito! Inclusive, é assim, eu deixar passar o horário do meu almoço, né, porque, até a hora do almoço, o horário era só pra fazer aquilo, pra servir todos os pacientes. Então o que que eu fazia? Tinha um paciente que não podia se alimentar sozinho porque ele não tinha condições de se movimentar e não tinha nenhum acompanhante. Então eu batia meu cartão, subia, aí eu ia, deixava o lençol dele na copa, né, aí eu ajudava o paciente fora do meu horário porque eu achava que era minha obrigação de cuidar do meu paciente porque *ele* precisava do meu trabalho, do meu serviço. Nós todos que estávamos ali, nós estávamos a serviço do paciente, principalmente dos mais necessitados. Minha vida inteira foi assim. (...)

– Então assim, só pra eu dar uma resumida pra entender um pouquinho melhor, parece que, quando você entrou, você precisou escolher uma pessoa de modelo... né? Pra imitar o que ela fazia, pra aprender como é que era... As manhas do serviço e tal. A partir

do momento que você já ‘tava mais familiarizada com isso, que entendeu pra que que ‘tava ali, né, tudo mudou.

– Isso!... Qual que era o motivo!

– Isso!... O sentido do teu trabalho é ajudar o paciente.

– O paciente!

Questionada sobre outros momentos em que o mesmo modo de aproximação do fenômeno ocorria dessa forma gradual, Joana conseguiu reportar-se a outra situação em que percebia o SI:

– Eu conheci meu marido... Ele é da cor clara. Eu sou negra e ele é branco. A família dele era (...) racista. Enfim, na época a gente se apaixonou. Aí eu me senti diferente. É lógico! Sentia não, eu era diferente, né, na cor porque eles... Eu não via diferença.

– Até então você não tinha...

– Não, tudo bem! Aí depois que a família viu, falou, que eu vi e falei “Nossa realmente, né, é diferente. Eu sou negra, ele é branco... E aí?” Tive que trabalhar com essa diferença. Aí já foi diferente. No fim, a família viu que não tinha nada a ver. Independente da cor. Foi uma coisa muito difícil. Eu não tinha percebido. Só percebi quando a família... “Nossa! Ele namora uma negra!” Aí foi trabalhada essa questão, falei com ele... E ele “Não, nada a ver...”

– E houve uma aceitação por parte da família?

– Quando a gente se encontrava, a gente sentia uma diferença, ‘cê sente uma... é... Tipo assim, ‘cê vai amamentar um filho, falam assim “Nossa! Vaca preta dá leite branco!” Esse tipo de coisa...

– Umás brincadeiras...

– Essas brincadeiras desse tipo assim que magoa. Então foi toda a vida assim, essas jogadinhas.

– Como você se sentia nessa hora?

– Ah! Me sentia mal! Me sentia mal porque que que tem a ver, né? Porque pra Deus a gente é tudo igual. Na época. Porque hoje eu já ‘tô falando diferente, né? Mas eu me sentia mal mesmo a ponto de ter vontade de mandar tudo pro alto e...

– Ir embora daqui...

– Ir embora: “Nessa família eu não fico!” (...) Hoje, meu sogro, minhas cunhadas, elas me adoram, eu sou a nora que ficou, que todo mundo acha que fez o irmão delas feliz... Aquela coisa toda. Hoje sim, mas na época foi difícil.

Tentando entender sua forma de lidar com o SI, perguntei:

– Teve uma hora que ‘cê me chamou a atenção na primeira fala quando você entendeu que ‘tava ali pelo paciente. Você consegue descrever essa mudança? Quando entendeu que ‘tava ali por ele. Você se sentia inferior e depois entendeu... Você consegue descrever essa mudança?

– Ah! Eu sei que foi muito complicada. Foi no dia-a-dia mesmo que aconteceu essa mudança.

Justificando suas atitudes, Joana trouxe à tona, de forma bastante impactante, a situação social de sua família de origem:

– Porque eu sou muito sentimental com coisa assim desde criança porque eu sofri muito durante toda a minha vida. Deixa eu explicar. Eu sou de uma família assim de 15 irmãos. Passamos muita necessidade. Mas a gente era pobre mas era feliz. Sabe aquela coisa do meu pai pegar o violão... (cantarola uma música figurativa) foi um tempo muito difícil. Por ter passado essas dificuldades na adolescência... Na escola! Gente! (mostra-se impactada com a própria lembrança) Na escola, quando eu tinha sete, oito anos, a gente era

muito pobre. Só tinha o sol e a roupa pra andar e meu pai e minha mãe. Era uma casa muito pobre no interior de São Paulo, passando muita necessidade... Até hoje, quando falam desses programas do governo, que o governo ‘tá ajudando as famílias carentes... Se no meu tempo tivesse isso, eu não tinha passado por tudo isso. Sabe? Hoje eu... Tem muita coisa que o governo federal faz errado, mas eu concordo com isso porque só sabe de uma dor de estômago quem passou. Não adianta eu falar pra você “Ai, André, ‘cê sabe o que é ter fome?” ‘Cê nunca passou, não adianta, ‘cê não sabe o que que é (alterando a voz à medida que intensifica sua fala) (...) Agora, você com fome, seus irmãos tudo com fome... Ter um irmão que morreu de fome! Dar uma desidratação numa criança de um ano e morrer porque ‘tá desnutrido! (a voz vai se mostrando mais abatida) Então essa criança morreu!

– Nossa!...

– Então nessa época se tivesse... Quando o pessoal critica o governo federal que ‘tá dando... É... Quem ‘tá falando é quem ‘tá aí com a barriga cheia! Porque eu sei muito bem o que essas famílias todas que ‘tão passando fome recebe aquele dinheirinho lá pro pessoal ir no mercado comprar comida. É pouquinho, mas dá. Se eu tivesse nessa época, eu não tinha passado fome e não seria revoltada como na minha vida toda por ter visto meu irmão morrer de fome! (silêncio) Aí eu ia pra escola, André. A gente morava no sítio, tinha condições de plantar alguma coisa e comer. Meu pai pagava aluguel num casebre e a gente não tinha... Era chão batido, fogão de lenha e banco de madeira pra sentar. Cama era um negócio que meu pai fazia de madeira, minha mãe punha os colchão de palha, a gente dormia ali. Chegava na escola, as meninas nem olhavam pra gente... Por quê?

– Porque era pobre.

Joana foi-se aprofundando nas experiências vividas na escola, que me pareceram bastante sofridas:

– Lá não tinha essa diferença. Todo mundo estudava numa escola só. Estudava os pobres, classe média... E quem era rico estudava em colégio de freira. Senão, era escola pública. A gente não tinha muita roupa, a gente ia pra escola descalço... (começa a chorar timidamente) As meninas faziam diferença.

– E aí dá pra entender o se sentir inferior, ‘que as outras queriam mostrar isso, né, que elas eram superiores...

– (chorando) Ai... Você me fez voltar lá atrás...

Joana continuou o choro, que foi-se intensificando. Toquei seu ombro, acariciando-a, num gesto de conforto e acolhimento. Após certo tempo, o choro diminuiu, e ela volta a falar, escancarando a grande distinção social e humilhação que vivia:

– As meninas não sentavam com a gente. (chora) As meninas brincavam com as outras e não deixavam a gente brincar com elas.

– Isso foi criando sua revolta, né?

– Elas comiam lanche, né, jogavam o pão. Davam duas mordidas jogavam o pão, a gente pegava e comia porque ‘tava com fome. A escola dava o leite com chocolate. Tanto é que eu não suporto leite com nescau até hoje. Então as meninas faziam muita diferença da gente, né? Elas não brincavam com a gente. A gente era inocente, a gente era mal arrumado e a gente não tinha uma bolsa pra levar as coisas. Levava o material na mão... E a gente era da caixa, né? Era da caixa que falava, né? Que que é da caixa? Era criança que os pais não podiam comprar material, então tinha uma caixa. Não sei se eram os próprios pais das crianças que ajudavam ou se eram os comerciantes, não sei... Você era da caixa, então você ganhava um caderno, aquele caderninho básico...

– De brochura...

– É, de brochura, um lápis, uma borracha e só, né? Isso era seu material. Os outros tinham bolsa, tinham lancheira. Meu sonho foi ter uma bolsa, mas isso era supérfluo, ‘que

a gente era da caixa... Era só o essencial pra escrever. E a gente era tão inferior, que, como as crianças deixavam a gente de lado, tudo que a gente fazia elas davam risada. Que que aconteceu uma vez? Eu queria fazer xixi e não pedi pra professora pra num... Fiquei no meu cantinho lá, né? Quando ela me chamou na frente pra falar não sei o quê...

– Fez xixi?

– Tudo nas pernas... Aí ‘cê já viu o que que foi, né?

– Eu já fiz isso também...

– ‘Cê já fez isso? (risos) Foi tudo na mesa da professora... Ela me chamou na frente e eu fiz tudo xixi no chão, sabe? Então, assim, foi muito difícil, muito difícil. Hoje, lembrando, não, mas, naquela época, foi terrível!... Não queria ir na escola mais... Eu já era excluída, né, depois que aconteceu isso aí...

Desanuviando-a do passado a fim de evitar sofrimento excessivo, tentei trazê-la para o momento atual, o que suscitou a lembrança de um ponto nevrálgico de sua mudança de postura existencial:

– Hoje você se sente inferior?

– Não. Hoje, não. (...) Eu conheci uma pessoa, que ela já se foi... (...) Ela se chama Maria José, a Majô. Ela era assistente social (...). Ela começou a me convidar pra ir aos domingos num grupo de mulheres, pra falar sobre minha vida, minha sexualidade, falar sobre eu-mulher, eu-pessoa, eu-ser humano. E eu não queria ir porque você acostuma naquela vidinha, tinha dois filhos na época e, assim, tinha meu marido, domingo fazia meu macarrão, minha comidinha, minha sobremesa... E ela começou a me convidar pra participar dessas reuniões. Eu comecei. Aí domingo ela passava em casa...

– Ficava no pé.

– Eu até achava ela chata por isso. Ela era amiga da minha mãe também. Minha mãe já participava do movimento popular, fazia muita coisa já. Ela conheceu minha mãe e

me convidou. Foi através dela que fui conhecer meus direitos e entendi que eu não sou diferente de ninguém.

– Até porque era um grupo...

– Era um grupo.

– Tinha outras mulheres que falavam...

– Cada uma expunha seus problemas ali e assim a gente resolvia. Ia no São Marcos, tudo bairro de periferia. Fazia na própria casa das mulheres, né? Aí cada dia fazia numa casa, depois a gente ria, conversava, à tarde, né? Tipo um chá à tarde, a gente conversava. Foi através dessas conversas com a Majô, dessas reuniões com a Majô que eu comecei a sentir que eu não sou diferente de ninguém. Tanto é que você pode ver: vou em qualquer lugar... Ontem foi reunião na FEAC e eu que fui. ‘Cê sabe, lá só tem os nego, assim, não tem nada que fazer e vai, né? Então, assim, eu não me sinto diferente. Sabe? Empresário, doutor, advogado... Só tem... Sabe? Têm pessoas que vai lá falar... Eu não falei ainda porque eu não achei....

– Oportunidade.

– Oportunidade de falar, né, mas a hora que tiver que falar, vou falar da minha maneira de falar, do meu modo de falar e... Por que que eu não posso falar? Mas eu só descobri isso com mais de 30 anos de idade, né? (...) ‘Que eu posso falar, sim, em qualquer situação.

Em seguida, Joana, tentou se descrever, ressaltando seu modo de se expressar:

– Eu sou assim: se você fez alguma coisa pra mim, problema seu. Você fez, eu te esqueço. Claro, se você quiser pedir perdão pra mim, ‘tá bem. E eu falo tudo o que eu quero pra você, sou muito franca, demais até!... (risos) Eu falo o que ‘tô sentindo, depois eu penso. Depois vou pensar no que eu falei, né? Mas eu não sou de ficar... (...) Você é igual a mim! Sabe? ‘Cê não é diferente de mim? Que que ‘cê tem de diferente de mim?

Nada! 'Cê vai me entender. Mesmo que eu tenha a linguagem meio chula mas 'cê vai me entender.

– Claro. Importante é que haja...

– Exatamente! Mas isso eu só aprendi depois disso que a gente teve, essas mulheres... (...)

– Que, no fim das contas, né, Joana, é... Eu gosto sempre de pensar na origem das coisas, né, você falou que tem doutor, tem advogado... De onde vem isso tudo? Isso tudo (...) vem da vida. Isso é tudo invenção humana, isso tudo foi criado... Se o cara 'tá aí hoje é porque deu sorte. Né?

– Exatamente! Mas em outros momentos, eu não pensava assim, porque eu achava “que que eu 'tô fazendo aqui?” Hoje não, hoje eu sei que você tem que me entender, tem que me ouvir. Independente do jeito que seja.

Tentamos, então, tecer algumas relações e aprofundamentos diante do tema exposto, ressaltando sua história de vida, seu engajamento político e sua revolta:

– Isso tem a ver com aquela revolta?

– Eu acho que tem.

– Esse amadurecimento vem como se ela tivesse sido boa pra você?

– Eu acho que sim. Aquela revolta que eu sentia a vida toda, principalmente na infância, né? Isso que eu 'tô te contando foi um dia que aconteceu. Não 'tô te contando de tudo que aconteceu. Isso foi as coisas mais fortes que marcou, que 'tá nítido. Eu 'tô vendo certinho a lixeira lá da escola, o pão no chão, o refeitório onde tomava o leite, as meninas, o portão, 'tô vendo tudo na minha cabeça. 'Tá tudo aqui. Agora tem outras coisas que aconteceu também, mas...

– Que foi te criando uma revolta, né?

– Foi.

– Revolta com quê?

– Revolta com tudo! Até com Deus! Sabe? Com os governos... Por que que aconteceu tudo isso? Por que que a vida tem que ser, por que que você tem que ser mais do que eu? Me revoltei! Por que que você tem que ter mais do que eu? Você tem que ter uma casa, tem que ter comida, tem roupa e eu não tenho? Isso não é justo!

– Isso é uma diferença óbvia, né?

– Então... Não tem nada de Deus! Então ele não existe. Deus não existe! Ué?! Se existisse, ia ter toda essa diferença? Ia permitir tudo isso que aconteceu? Eu cheguei nessa conclusão. Me revoltei com os governos, me revoltei com a sociedade em geral, com a burguesia, me revoltei com tudo! Tanto é que, hoje, a minha luta, não sei se você já percebeu, eu me atiro em cima dos oprimidos! Eu não aceito! Que faça alguma coisa contra uma criança, contra uma prostituta, contra uma pessoa que ‘teja sofrendo. Porque uma pessoa que ‘tá... Como os drogados: alguma coisa vai procurar como fuga, o que que aconteceu com essa criança? Eu não, minha família não porque a gente tinha estrutura, uma família que tinha uma mãe, uma base, né, minha família tinha uma base. Hoje as famílias não têm base. Então, uma família que não tem base, como você vai tirar uma criança dali e fazer... Né? Então a minha revolta hoje, por que que a gente não pode acolher uma criança, uma pessoa que usa droga, será que ela não pode mudar? Será que ela nasceu assim? Foi a sociedade que transformou ela. Você não é o que você quer. Você tem que ter uma oportunidade na vida e você tem que ter alguém que te... Talvez seja por isso que eu estou aqui hoje!

– Sim.

– A minha vontade de mudar! Só que eu tenho que ter o jeito de mudar a sociedade. Cada um faz do jeito que acha. Eu acho que esse é o jeito de mudar, sabe, de eu dedicar o pouco que eu tenho do meu tempo, da minha vida a fazer alguma coisa.

– Fazer uma diferença, né?

– Eu tenho que fazer alguma coisa.

– É, eu ia perguntar justamente isso: o quanto isso tem a ver com as suas ações na vida, sua participação...

– Exatamente vem de tudo isso, André, com certeza!

–... luta política...

– Com certeza! A minha luta toda foi...

– Quer dizer, se você fosse uma daquelas menininhas que...

– Não! Talvez hoje eu ‘taria criticando o governo federal de ficar dando esse dinheiro aí, bolsa-família... Mas eu não condeno não, porque eu sei como teria sido importante pra mim e o quanto ‘tá sendo importante pras crianças hoje. Mas acho que essas crianças têm que ganhar isso mas ter umas condições pra mudar a coisa. Que todo mundo tem que ter direito à saúde, à educação, à moradia... (...)

Em meio à tentativa de novas relações, retomei seu sofrimento para apontar o quanto suas terríveis experiências colaboraram para seu engajamento. Joana interrompeu minha frase ao meio para se justificar:

– Desculpa por ter chorado...

– Não, eu que peço desculpas, não tinha a intenção... Eu falei que não doía...

– Dói! Doeu muito, viu? Mas é, talvez uma coisa que ‘tava aqui, e eu querendo...

‘Tava magoando. (...) Foi bom!

– (...) Que bom que você teve essa oportunidade de desabafar isso...

– (...) Talvez a gente precise falar porque eu não vou falar pra qualquer um...

– Sair falando assim, né?

– Então, talvez foi bom, mas eu acho que a minha luta hoje, eu quero chegar no fim, né, que eu já estou com 57 anos, né? (...) E eu quero, um dia chegar no fim e falar “Eu

tentei!” (...) Todo mundo pode fazer. Todo mundo tem pra dar. ‘Cê não tem condições financeiras, mas eu tenho meu trabalho, tenho meus braços, tenho minha cabeça, eu sei que eu posso pensar, posso ajudar as pessoas de outra maneira sem me envolver financeiramente, né, no caso que eu não posso. Mas eu posso ajudar, sim. E eu descobri isso, faz parte da minha vida e eu vou morrer assim. (...)

– Te tranqüiliza de certa forma?

– Ah, sim! Nossa! É gratificante! É gratificante, pra mim, assim, tem hora que dá vontade de você largar tudo porque, lógico, têm aqueles momentos que as pessoas não te entendem, né? Não têm os momentos que, mesmo você dentro da entidade, os funcionários acham que, né, acham você uma chata?... Têm! Então dá vontade de você jogar tudo pra cima, sabe? Mas aí eu falo: “Não ‘tô aqui por causa deles, dos funcionários! (...) A minha luta é maior! Eu ‘tô aqui...”

– Por causa dos beneficiários, das crianças...

– Que nem percebem que eu ‘tô aqui por causa deles! Eles não sabem que ‘tô aqui e não precisam saber também!

Brevemente retomada a situação que viveu no hospital com seu paciente, perguntei-lhe, observando sua dedicação e gratificação aliadas ao seu projeto de vida:

– Então, hoje, aqui, você tem uma sensação parecida?

– Olha, André, eu ‘tô já aqui há 20 e tantos anos, né? E a gente já viu muita criança, muito adolescente nosso morrer, na minha frente mesmo...

– Nossa...

– Eu aqui, um dia, a gente distribuindo doações, aqui, escutei um tiro. Saí, tinha um menino caído, assim, e daqui, nosso, tinha feito curso aqui, sabe, morrer porque ‘tava envolvido no mundo do crime. Então isso dói muito, sabe, André? Dói muito, mas eu cheguei nessa conclusão: a gente não pode acertar com todos.

– Claro. Só erra quem faz, né?

– A gente não pode acertar... Dói! Ver um adolescente perdido dói! Eu queria ver todos encaminhados pro trabalho. ‘Cê não vê minha alegria quando eu vejo uma criança, que foi feito um trabalho com ela, foi feito alguma coisa, sabe, ou que saiu da droga, ou que, como aconteceu com muitos aqui... ‘Cê sabe: tem uns que continuam, fica, não tem jeito! Né?

– Claro.

– Mas a gente tenta. Eu fico feliz! Eu fico frustrada quando eu vejo que não dá certo. Mas quando eu vejo outro do lado que deu certo... E a gente vai assim levando. Não é sempre possível tudo dar certo. Né? (...) Mas a minha parte eu ‘tô fazendo!

Em minha última tentativa de desvincular a diferença da inferioridade, questionei-a da seguinte maneira:

– Você se lembra de alguma vez que você se sentiu diferente, mas que não tenha sido sofrida pra você? Só diferente, não inferior.

– Diferente? (silêncio) Eu diferente? Foi quando eu percebi a diferença da cor, né, levei um susto, né? É... Não... Mesmo aqui dentro da diretoria, da nossa diretoria, tem gente que tem curso superior... Eu não me sinto diferente. Lógico! Tem coisas que eu não posso acompanhar eles, mas eu não acho isso uma diferença porque tem coisas que eu posso preencher aquilo ali, entendeu? (...) Eles sabem explicar melhor as coisas, explicar melhor uma contabilidade da nossa entidade, mas o meu limite é aquele. Mas eu vejo que tem coisa que eu posso, aquilo não deixa eu inferior.

– E isso é uma coisa que eu acho que serve pra todo mundo, né? Esse, por exemplo: eu sou psicólogo, eu sei das minhas coisas, do meu trabalho, né? Agora, chega uma hora que eu não sei. Isso é da assistente social, é da pedagoga, isso é da diretoria... Posso saber um pouquinho...

– Um pouquinho, é...

– Eu tenho uma noção, mas eu tenho que confiar nas pessoas... O que me envolve, tudo bem. Mas eu tenho um limite...

– (...) Hoje eu não me sinto inferior, não me sinto diferente. E não me sinto diferente por quê? Porque eu compenso com outra... Eu tenho uma compensação. Não preciso explicar... (...) Nós somos um corpo, né? Essa diretoria é um corpo. Então cada órgão faz a sua função. (...) A minha função, eu tenho que ajudar aquela ali, sim porque sem a minha, aquilo ali não vai funcionar. Só que ela ‘tá tão boa assim, que eu passo despercebida e vou fazer minha parte, sem... ‘Cê entendeu? Sem eu complicar o caso ou eu atrapalhar.

– Quer dizer, “de alguma forma eu me garanto”... (risos)

– Exatamente! Eu me garanto!

– Se garante na sua parte, se garante até porque confia na outra pessoa que ‘tá fazendo a parte dela que te envolve também, né? Porque, se você desconfia dessa pessoa, aí é um problema...

– É! Aí! Ah, sim!... Aí... Aí eu vou ter que me aprofundar nisso porque eu tenho que saber o que ‘tá acontecendo, mas esse não é o caso aqui, né? (...)

Com a sensação de que já havia abordado o SI de vários ângulos possíveis, parti para o encerramento, agradecendo sua colaboração. Despedimo-nos.

Análise da entrevista

O discurso de Joana traz o social como um ponto marcante. Dentro da compreensão adotada do ser-em-situação, essa característica, como outras passagens da entrevista, aponta para a tendência de Joana a concentrar-se na objetividade em detrimento da subjetividade. Aproveitando a expressão, foca mais a situação que o ser, refazendo,

portanto, a divisão entre ambos. Exemplo disso está na sua identificação com os oprimidos, afirmando que “você não é o que você quer”, o que esboça um determinismo social. De maneira mais pontual, Joana diz que, às vezes, diante do racismo da família do marido, da humilhação no ambiente escolar e do não entendimento de sua subjetividade por parte dos funcionários, tem vontade de ir embora e abandonar tudo, mostrando tendência maior a resolver seus problemas de forma objetiva, sem que se questione de forma subjetiva. A diferença que percebe é sempre física (dentes e cor da pele) ou social (condições financeiras), deixando a dúvida se a diferença cultural seria relevante para ela, pois não se evidencia em nenhum momento da entrevista. Questionada sobre a diferença sem inferioridade, cita a cor da pele sem a atitude comparativa. Quanto aos membros da diretoria, afirma “não poder acompanhá-los” no raciocínio mais complexo, mas sem considerar isso uma diferença. Essa característica de tender à objetivação, conforme levantado no estudo etimológico do SI no início do trabalho mostra-se presente no estereótipo do revolucionário, aproximando Joana do AO.

Identificando aspectos vivenciais de forma quase imediata diante da solicitação, Joana compreendeu o SI como inferioridade, dizendo que sempre “deixa a desejar” em relação aos outros, e não demonstrou mais dúvidas sobre o conceito que havia formado.

Ao contar sobre a enfermeira “mais ambientada”, Joana demonstra o quanto o SI se faz contundente quando é estabelecido um modelo, iniciando-se os atos comparativos. Da mesma forma, é possível notar o quanto o apontamento irônico de sua diferença física por parte da família do marido foi crucial na constatação disso. Joana julga-se inferior em ambas as situações.

Essa inferioridade parece relacionar-se bastante com suas habilidades, pois, através da imitação inicial, afirma sempre “conseguir alcançar” o modelo no qual se baseia.

Segundo aponta, essa mudança ocorreu no dia-a-dia, ou seja, através de um envolvimento gradual com a atividade, assim como a inserção de Suzuki nas diferentes culturas.

Por tomar o SI como inferioridade, ressaltando-a, por sua tendência à objetividade, como física ou social, ou melhor, concreta, Joana também se aproxima da teoria de Adler. Prova disso é afirmar que não se sente diferente por ter uma compensação, expressando exatamente o que Adler levanta sobre a diferença física. A combinação dessas duas características expressa muito do que Joana diz. Na mais óbvia inferioridade, ainda assim, através da tendência à objetividade, o SI mostra uma reação na busca de superação social, tentando evitar que outras pessoas passem por uma situação de sofrimento trágica como a sua. Para explicar sua dedicação aos socialmente mais necessitados e oprimidos, Joana precisa contar a sua própria história de vida. O convívio social lhe é tão importante, que a lembrança do isolamento social provocado pela exclusão e humilhação despertou-lhe um choro intenso, que não surgiu nem no relato da morte de seu irmão ainda bebê. Diferente do auto-isolamento descrito nas nosologias psiquiátricas, Joana mostra como as outras pessoas a isolaram.

Conforme o já observado determinismo social presente na fala de Joana sobre os benefícios governamentais, ela pondera que seu pensamento atual seria diferente no caso de sua história de vida também ter sido diferente. Em tempos de benefícios, porém, outros problemas sociais são vividos pelas famílias pobres contemporâneas. Isso significa que Joana transporta para uma realidade passada programas atuais, como os benefícios assistenciais, criando um contexto imaginário e feliz de comunidade. Cabe a observação de Bauman de que a palavra *comunidade*, sempre acalentadora, representa muito mais um desejo subjetivo, uma busca sem objeto, pois a segurança proporcionada nas vivências comunitárias exclui necessariamente uma grande parcela de liberdade, o que também foge da idéia propagada de comunidade (Bauman, 2003).

A tendência de Joana à objetivação parece corresponder a essa perspectiva de colocar nos objetos suas necessidades subjetivas, caracterizando o AO. No caso, a necessidade de não ver se repetir com outras pessoas, as situações degradantes que viveu. Mais uma contribuição que aponta para tal característica é que, de alguma forma, Joana impõe ao seu interlocutor a obrigação de entendê-la, o que pode incluir a dificuldade de ele ser entendido por ela. Pouco espaço encontrei para me colocar durante esse diálogo, por exemplo. Foi possível notar certa agressividade na expressão de Joana enquanto relatava suas experiências mais marcantes. Tive a sensação de que tentava intimidar o próprio entrevistador ao apontar possíveis – ou mesmo supostas – diferenças sociais.

Ao afirmar que “primeiro fala e depois pensa”, Joana não encaixa sua fala cotidiana na *fala autêntica* descrita na seção metodológica deste trabalho, embora, sem o devido aprofundamento à questão, possa parecer o contrário. Ela expressa mais uma vez o AO, transformando em objeto, inclusive a subjetividade alheia ao afirmar “você tem que me entender, tem que me ouvir”. É da mesma forma que Joana consegue superar sua inferioridade ao se concentrar no fenômeno, ou seja, na essência de sua atividade, afirmando, no caso do paciente, que não deve agradar ninguém além dele. Nota-se que encontrar o sentido de sua ocupação depende da exclusão das outras pessoas envolvidas. “Fazer um bom trabalho” não necessariamente significa que não deva haver preocupação com os funcionários ou com o chefe, por exemplo. Joana demonstra, contudo, que, ao focalizar o fenômeno, ultrapassa o modelo anteriormente estabelecido, podendo assumir sua própria maneira de realizar a atividade. A partir de então, existe a possibilidade de criar o seu próprio “jeito”. Isso equivale a uma escolha, pois Joana abandonou a imitação do modelo para escolher e assumir a sua postura. Consta-se, com o seu pedido de desculpas pelo choro tão sincero, sua dificuldade em se mostrar frágil, em se abrir e contar sobre sua intimidade.

A satisfação e realização de Joana, porém, mostram-se autênticas, pois não dependem do reconhecimento daqueles que são beneficiados com a sua dedicação ao trabalho social. Joana busca a igualdade de direitos para todas as pessoas, inclusive aos excluídos e marginalizados. Nota-se, no entanto, nota-se sua dificuldade em lidar com as diferenças subjetivas. Sendo a igualdade de direitos, sua noção de igualdade, a noção de diferença mostra-se exclusivamente relacionada à inferioridade, ao menosprezo social. Por vezes, Joana parece aceitar a idéia da diferença ao afirmar que cada um tem um jeito de mudar a sociedade; ao mesmo tempo, deixa claro que todos são responsáveis pela mudança, limitando a diversidade de pensamento e referindo-se, provavelmente à mesma noção de comunidade idealizada por ela (Bauman, 2003). É possível imaginar que Joana sempre perceberá injustiça onde quer que haja diferença, demonstrando uma tendência de solidez ao tentar eliminar o movimento proveniente da diferença. A noção de injustiça leva Joana a abandonar, inclusive, sua crença em Deus, exatamente como numa lógica marxista, criticada por Cornelius Castoriadis e Jean-Paul Sartre de forma semelhante às minhas observações (Castoriadis, 1982; Sartre, 2002), caracterizando tal pensamento como um predomínio do idealismo sobre a realidade, apesar de sua origem concreta. Quando Joana declarou não haver nenhuma diferença entre mim e ela, minha vontade, se houvesse espaço para minha expressão, seria comentar que existem, sim, incontáveis diferenças entre nós sem que haja, no entanto, espaço para qualquer relação de desprezo. Dentro do paradigma da igualdade de direitos construído por ela, entretanto, haverá diferença apenas onde há injustiça social.

Corroborando com a já comentada argumentação de Bauman sobre a comunidade, perguntar-se-ia a Joana sobre a variedade cultural e subjetiva existente. Como ficariam os hábitos dos marginalizados se fossem 'iguais'? Joana aceitaria o vício do adicto, a troca de parceiros sexuais da prostituta, a violação do criminoso, a sexualidade do travesti? Através

de suas sinalizações a respeito, dizendo que o “adolescente perdido” não tem jeito, diferente daquele que “deu certo”, penso que Joana exigiria deles uma espécie de ‘formatação’ da identidade.

É evidente que o SI significa para Joana uma condição terrível imposta socialmente e que deve ser evitada e superada. A correlação entre o modo como Joana descreve o SI e a visão sintomática sobre o SI presente nos manuais diagnósticos é facilmente presumível.

Síntese das Entrevistas

Apesar do título “síntese”, o presente texto aponta não apenas as semelhanças mas também algumas peculiaridades de cada entrevistado em sua postura. Para isso, alguns elementos observados em determinado trecho de uma entrevista são comparados com características semelhantes citadas por outros entrevistados.

O primeiro elemento é a mobilização provocada pelo tema da pesquisa e, portanto, da entrevista, o SI. Suzuki demonstra bastante vontade e intensidade em sua fala desde o princípio da entrevista, quando declara, logo que situado o tema, que, “nesse ponto, acho que vamos ter muito o que falar”, demonstrando grande diversidade de temas abordados. Se novos encontros fossem marcados, muito provavelmente Suzuki compareceria, em seu afã de explorar todos os aspectos do SI em sua vida. Bianca concentra-se inicialmente no conceito de SI com poucas variações, limitando sua liberdade de expressão, buscando regras que não lhe foram impostas, mediando de forma teórica a exploração do tema. Começa a se mostrar mais à vontade a partir do momento em que abandona as tentativas conceituais de entender o SI e adentra o âmbito pessoal. Joana, apesar de mostrar pouca diversidade no discurso, mostra-se muito mobilizada e com uma profundidade pessoal bastante acentuada.

Seguindo a impressão inicial das entrevistas, cada entrevistado demonstrou um tipo de reação quando da proposta do tema. Suzuki brincou e continuou fazendo ou relatando brincadeiras durante toda a condução do diálogo, deixando uma impressão geral de reflexão e criatividade. Durante a entrevista, Suzuki acentua o aspecto lúdico, inclusive como maneira superar a timidez e a seriedade excessiva. Tal postura não foi encontrada nem em Bianca nem em Joana, que demonstraram, inicialmente, receio e mesmo uma certa resistência com relação à entrevista. Bianca parecia mais tensa para “cumprir a tarefa direito”, tentando não me decepcionar. Joana, por sua vez, preocupou-se com o benefício

que outras pessoas da comunidade teriam com a concessão dessa entrevista. A impressão geral que tive de Bianca foi de preocupação, e de Joana, de revolta com as injustiças presenciadas em sua vida e a busca de auxílio e inclusão do outro.

Suzuki conta sobre o contraste que vivencia desde a infância entre sua família e o contexto sociocultural no qual foi inserido, o que lhe trouxe a experiência do choque já nos primeiros anos de vida. Sua identidade familiar foi rapidamente confrontada de maneira dura pelos hábitos sociais que lhe foram apresentados sem preparação, mostrando-lhe, de certa forma, a possibilidade da liquidez da identidade. Descobriu, então, que “podia brincar com essa diferença” e até mesmo tirar proveito dela. Bianca, ao ter sua identidade e postura em questão, preocupa-se por poder ser portadora de um problema, evidenciando o AS e tentando objetivar os elementos que se mostram questionadores, como sua letra, por exemplo. Joana demonstra seu conflito dentro das diferenças sociais extremadas. Sua identidade, assumidamente construída com os aspectos socioculturais, é protegida com vigor do questionamento alheio, embora acredite que seja possível mudar as pessoas. É com esse confronto entre identidade e contexto sociocultural que se possibilita a polarização e divisão do ser-em-situação, individualizando ou socializando o fenômeno sem necessariamente trazer a presença do olhar integrador. Outro momento em que Joana mostra a polarização é quando, ao aproximar-se de sua atividade como enfermeira, exprime que deve excluir opiniões alheias e modelos estabelecidos anteriormente para poder se superar.

Ainda abordando o tema das identidades, Suzuki conta como, sob o olhar dos outros, a questão identitária está presente em seu próprio corpo através de suas características físicas, ainda que contrastadas com seu comportamento latino. Joana aponta também diferenças físicas, como os dentes e a cor da pele, e as situa constantemente como motivo de discriminação e inferioridade. Essas diferenças físicas também são usadas para

figurar sua superação no sentimento de inferioridade. Bianca não comentou sobre seu corpo nem demonstra aparentemente qualquer aspecto físico que poderia destacá-la de outras pessoas. Questiona-se, no entanto, através do seu comportamento que engloba hábitos e manias diferentes e que, apesar de não estarem estampados fisicamente, não deixam de ser visíveis pelos outros, evidenciando o SI.

É pelas lembranças mais remotas que Suzuki deixa sempre em evidência sua historicidade no decorrer da fala, ressaltando sua curiosidade. Bianca prefere situar o discurso no tempo presente, começando do profissional, e no âmbito pessoal, com destaque para o isolamento reflexivo. De forma parecida com a de Suzuki, Joana insere sua historicidade com grande intensidade na entrevista, atingindo o choro emocionado ao relatar seu sofrido passado, focando o contexto sócio-familiar e evidenciando seu engajamento tão decidido.

Por coincidência ou não, Suzuki e Joana relatam as lembranças da escola como marcantes no choque sociocultural que sofreram. O primeiro, ao contar como se sentia estranho com a reação dos outros diante do seu modo de falar, e a segunda, ao passar por humilhação e isolamento vindo dos outros frequentadores da escola.

Com os conflitos em ambiente sociocultural que não expunham diretamente a Suzuki a humilhação e a opressão como aconteceu com Joana, pôde ele transformar sua experiência em preparação para futuros choques, como os ocorridos em suas viagens. Suzuki não teme a abertura ao desconhecido. Ele procura, as pessoas, provoca-as e brinca com elas, facilitando que se mostrem a ele de forma inédita e surpreendente, mesmo que seja um “Zé da Esquina” qualquer. Na relação com o outro, Suzuki diz: “Eu *me enquadrava* dentro da situação do outro com facilidade”, exprimindo sua abertura ao diálogo e a compreensão da situação alheia. Mostrou, no entanto, certa agressividade ao contar sobre amigos protestantes que pretendiam convertê-lo. Joana consegue abrir-se ao

desconhecido quando a situação é relacionada a um forte sentido de sua vida: a busca de melhora da situação social do outro. Sem a diferença social e econômica e a opressão, no entanto, é muito provável que continue sua tendência ao AO na relação com as pessoas. Joana, por exemplo, diz: “Eu falo o que ‘tô sentindo, depois eu penso”, mostrando não preparar sua fala para o momento em que for ouvida, descartando o que o outro pensará ou sentirá quando ela estiver falando. O próprio entrevistador encontrou espaço limitado para interagir durante o encontro. Embora demonstre maturidade em sua noção de grupo, tanto como membro da diretoria que compõe quanto no grupo de mulheres que citou, e, é claro, em sua busca da igualdade de direitos e do auxílio aos necessitados, Joana parece considerar o questionamento do meio sociocultural como aversão e agressividade, estimulados, como já dito anteriormente, pela própria situação, que era, por si, agressiva e opressora, exigindo uma reação também agressiva. Joana não suporta ver outra pessoa oprimida, marginalizada ou humilhada como ela o foi. Parecia, no nosso encontro, não haver elementos que sinalizassem que o mundo poderia ser amigável ou uma eterna aventura a ser explorada. Mesmo assim, Joana mostra que conseguiu superar de forma mais próxima o conflito com a família de seu marido. Quanto ao discurso de Bianca, ela aponta para o desconhecido em si mesma, fechando-se sempre para auto-avaliação, autocorreção e autoquestionamento. As outras pessoas parecem posicionar-se em sua vida como uma pergunta voltada a ela mesma, mostrando o AS. Seu diálogo com o outro parece acontecer mais no imaginário, sem necessidade de presença física. Bianca revolta-se quando percebe que uma característica considerada problemática atribuída a ela de forma real ou imaginária não é um problema ou não é uma característica dela.

Todos demonstram, em maior ou menor grau, a presença do SI no dia-a-dia como um disparador da reflexão: Suzuki, declarada e conscientemente, alia a criatividade, demonstrando o caráter lúdico de sua postura; Bianca, com a preocupação sobre suas

atitudes, pensamentos e sentimentos, fala de uma constante autocorreção, mostrando tendência ao AS; por sua vez, Joana costuma confrontar as pessoas e situações que lhe trazem o autoquestionamento, tendendo ao AO. O que foi denominado SI ontológico mostra-se como capacidade de estranhamento constante, reflexivo, lúdico e criativo. O sentimento de inferioridade aparece com mais evidência no discurso de Joana: no início da entrevista, ao afirmar “sempre acho que eu deixo a desejar em relação às outras pessoas”, demonstra insatisfação consigo mesma mas também uma tensão de não se acomodar. Posteriormente, mostra a mesma tensão, engajando-se na busca da igualdade de direitos. Suzuki, mostrando tensão no conhecimento com sua curiosidade, interesse e vontade de aprender, acata minha observação de que “as pessoas estão vivendo uma coisa óbvia que, pra você, não é óbvia”. Bianca demonstra, em sua maioria, reflexões específicas, mas a inferioridade colabora para a descoberta da tensão na busca por mudança: ao considerar sua letra feia, tenta superá-la; ao falar de suas manias, questiona se deve ou não mudar seus hábitos, tomando uma posição; ao ouvir sobre o SI, pergunta se todos têm esse problema, sugerindo que se disporia a fazer algo para mudar a situação caso necessário.

No alívio temporário dessa tensão, Suzuki aponta a compreensão do novo, e considera que muitas pessoas se confortam ao buscar a semelhança e evitar o choque, sugerindo que buscará nova tensão após o alívio. Joana exemplifica esse conforto comodista quando comenta sua relutância em participar do grupo de mulheres por não querer deixar sua ‘vidinha’, cuidando do marido e fazendo o macarrão de domingo. O alívio de Joana aparece quando ela se sente capaz de realizar algo apesar das dificuldades que sempre a acompanharam na vida.

Seja na tensão a partir do interesse ou por imposição do meio sociocultural, o SI faz com que o ser-em-situação perceba o contexto no qual está envolvido. Quando questionado sobre como diferencia sua postura da de outras pessoas que não apresentam seu histórico

de inadequação, Suzuki argumentou que “as pessoas levam mais tempo para descobrir o que têm à sua volta”, mostrando a força cognitiva de sua tensão e curiosidade. Bianca questiona sua capacidade a partir do insucesso de suas ações, tendendo novamente ao AS. Joana toma atitudes e decisões a partir do SI além de perceber a si mesma, por vezes, reafirmando e transformando sua identidade. Joana e Suzuki mostram o envolvimento gradual com a situação nova, inserindo-se nela no dia-a-dia e, no caso de Suzuki, criando sobre ela.

Por apresentarem características em comum, os considerados inadequados por si próprios ou por outros tendem a se agrupar, conforme mostrou Suzuki em suas amizades no exterior com outros estrangeiros e com o “coreano não-típico”, por exemplo. Joana integrou e integra grupos formados por pessoas que também estranhavam a condição social vigente e buscam intervir nessa situação. Uma ilustração disso pode ser observada no filme *A excêntrica família de Antonia* (Gorris, 1995), no qual os inadequados se unem como uma família embora não tenham necessariamente laços sanguíneos. A referência passa a ser a diferença ou a originalidade do comportamento e não a semelhança e a igualdade.

Nas experiências de mal-estar relatadas no SI, Suzuki aponta as situações que envolviam diretamente o julgamento de outras pessoas a seu respeito, como no caso das garotas que conhece e na procura por emprego. Bianca quase desiste de seu estágio e de fazer novas atas ao constatar que outros consideram sua letra ‘feia’ por se sentir tão mal como nunca havia se sentido anteriormente em sua vida, sendo esta uma das suas maiores preocupações: a maneira como sua imagem pode ficar abalada diante das outras pessoas, chegando a supor punições e agressões imaginárias nas situações que relatou. Joana sente-se mal ao constatar as situações de injustiça tão presentes no contexto em que vive, conhece e trabalha.

Um elemento que merece destaque no relato de Suzuki é o que ele chama de *artes cínicas*. Suzuki concretiza sua inteligência, criatividade e ludicidade com essa prática caracterizada tanto como distração e brincadeiras com amigos quanto como método de *brainstorming* no planejamento de trabalhos publicitários, quebrando o protocolo da formalidade desnecessária em determinadas situações. Suzuki cita a importância do absurdo da mesma forma como autores e críticos teatrais comentam o movimento do Teatro do Absurdo, deixando em evidência sua capacidade crítica e criativa. A criatividade liga-se ao estranhamento ao incentivar que a mesma situação ou característica sejam vistas de forma nova ou diferente. O caráter lúdico, até então superficial no SI, mostra-se fundamental na vida de Suzuki, portando-se como um grande diferencial com relação aos outros entrevistados e relembrando o conteúdo artístico encontrado na parte teórica da pesquisa. Bianca quase demonstra um aspecto semelhante quando traz à tona a ‘menininha’, mas diz que ela não tem lugar em sua vida hoje e a caracteriza como imaturidade de sua parte, dando a entender que maturidade significa algo semelhante à racionalidade adulta sem fragilidades, sem brincadeiras e, portanto, sem ludicidade e criatividade. Joana não relatou nada que traga caráter lúdico, mas cantarola uma música durante a entrevista para apresentar sua infância com a família, recordando a harmonia familiar simbolizada pelo seu pai ao violão.

Todos apresentam, em algum momento do relato, timidez, introversão ou isolamento. Conforme já observado, Joana viveu o isolamento imposto pelas outras pessoas do convívio social a partir da situação financeira da família. Descrevendo suas lembranças, cita a vergonha sofrida diante da humilhação. Bianca cita a timidez e usa o símbolo de uma ostra na qual se fecha e o da menina que, envergonhada, se esconde para não contar o que fez. Suzuki faz a diferenciação entre timidez e introversão, ligando a primeira ao medo do que as pessoas podem pensar, e a segunda à reflexão, mas,

estranhando, afirma que ambas estão ligadas ao SI. Isso mostra que o mesmo fenômeno pode levar a diferentes reações, dependendo da postura assumida. Segundo ele, sua mudança de postura se manifestou no momento em que parou de ser tão “sério”.

Voltando à polarização do pensamento: quando o ser-em-situação é compreendido de forma dividida em indivíduo e sociedade ou sujeito e objeto sem a integração, o movimento do AS em direção ao AO, sem que haja necessariamente uma reflexão, parece depender justamente dessa compreensão dividida. Ao que parece, Bianca percorre esse trânsito com frequência, acreditando ter um “problema”, até direcionar ao outro ou à sociedade a origem desse problema, ainda que a assuma por algumas vezes. Demonstra isso ao declarar que o companheiro deve aceitá-la como é “sem ficar implicando” ou quando faz questão de um “ato de desagravo” para impor sua posição e do qual ela mesma se arrepende pela agressividade e exposição que poderia causar a terceiros. Joana também primeiramente se questiona para depois tentar transformar o outro e o mundo em que vive.

De diferentes maneiras, todos os entrevistados caracterizaram o SI como uma espécie de ferramenta, seja no sentido compreensivo de Suzuki, no ativo de Joana e no alívio da adequação através da constatação de resultados concretos do trabalho de Bianca.

Aceitar uma característica pessoal diferente das de outras pessoas parece auxiliar de forma significativa no processo de assumir uma postura de inadequação, que se mostrou ser um passo fundamental numa mudança do ser-em-situação. Bianca faz o trânsito do AS ao AO, com possibilidades de reflexão no momento em que se fecha. Suzuki revela claramente o quanto assume suas diferenças, demonstrando maior direcionamento à reflexão e à criatividade. Joana também assumiu suas diferenças e destaca, para isso, a importância de ter participado de um grupo de mulheres com questões próximas às suas. Conforme anteriormente abordado sobre a busca de proximidade dos inadequados, talvez

não haja uma inadequação tão radical a ponto de não se encontrar nenhuma possibilidade de semelhança com outras pessoas, mesmo que essa semelhança seja a diferença.

Conforme comentado durante a análise da entrevista de Bianca, é comum que se eleja um modelo para que se estabeleça uma comparação. Esse modelo pode ser real ou imaginário. Bianca parece imaginar modelos de letras, modelos de entrevistados. Joana apresenta modelos concretos de comparação, como a enfermeira mais experiente no trabalho, por exemplo, mas também traz algo próximo a um modelo ideal de sociedade. Suzuki, por sua vez, percebe o modelo, mas sua tendência é contrariá-lo, fazendo aquilo que não se esperava, surpreendendo.

Discussão

Os entrevistados colaboraram não apenas na compreensão do conteúdo levantado na parte teórica da pesquisa mas também com a inserção de novos elementos fundamentais relacionados ao SI da forma como o entenderam. Não só elementos constituintes e características do SI podem ser listados como também é possível expor a dinâmica constatada na combinação das entrevistas com o material bibliográfico.

Após todo esse percurso, o SI pode ser definido como *a percepção de uma diferença de natureza visível ou invisível em relação ao contexto em que vive ou ao outro e que seja relevante ao ser-em-situação a ponto de mobilizá-lo*. Essa mobilização a partir da diferença mostrou-se, em alguns aspectos, ontológica, isto é, o SI é uma experiência comum a todas as pessoas em maior ou menor grau, em um ou mais momentos da existência. A percepção de ser desigual ocorre quando se estabelece um modelo de comparação, seja ele real ou imaginário. Quanto ao “visível ou invisível”, a referência se dá não com relação à qualidade observável ou sensível, mas à resolução ontológica proposta por Merleau-Ponty (2000). Houve uma inclinação inicial em se adotar as palavras ‘concreto’ e ‘abstrato’, deixada de lado diante da incerteza de possíveis implicações filosóficas a que tal escolha conduziria.

A referida mobilização pode desdobrar-se de três formas básicas (AS, AO e SsI), sendo que duas delas implicam numa compreensão do ser-em-situação cindida em subjetividade e objetividade, conforme as divisões dualistas entre sujeito e objeto, real e imaginário, corpo e mente, estímulo e resposta, indivíduo e sociedade, entre outras possibilidades. Nesses dois casos, percebe-se uma tentativa de eliminar a inadequação, ou seja, de igualar-se ao modelo de referência. Perdigão (1995), baseando-se em Sartre, afirma que não se pode escolher a situação, mas que há, sim, uma parcela de responsabilidade na atitude assumida frente a ela, por isso, os desdobramentos são

chamados de posturas na tentativa de integrar escolhas e facticidades na mesma reação. Em todas as posturas, verifica-se a presença de tipos de solidão e diferentes graus de reflexão, levando ao autoconhecimento e ao conhecimento de características subjetivas ou ao conhecimento objetivo e do contexto no qual se está envolvido, por exemplo. Esses elementos, solidão e reflexão, aliás, parecem ter uma íntima ligação com o SI.

O primeiro desdobramento, identificado já na proposta de anteprojeto da pesquisa, embora ainda não compreendido inicialmente, é o AS, isto é, quando a tendência da dualidade está em concentrar-se nas experiências e aspectos subjetivos do ser-em-situação, como, respectivamente, a timidez e a solidão encaradas de forma exclusivamente sofrida, por exemplo. Dessa forma, o sujeito tenta igualar-se à situação ou ao outro, conforme mostram vários trechos da entrevista com Bianca e mesmo do que se abstrai da primeira vinheta em que o rapaz tenta aprender a gostar da música que ouve. As diferenças de natureza subjetiva ou comportamental da pessoa em questão fazem-se presentes de forma intensificada no AS e levam a atitudes e sintomas autoquestionadores rígidos e até auto-agressivos, colaborando para o desenvolvimento da baixa auto-estima e do isolamento, podendo relacionar-se de diversas maneiras com psicopatologias contemporâneas. O modelo de comparação estabelecido por aquele que assume o AS é geralmente imaginário, tornando a idéia de igualar-se uma busca inatingível por não haver referência concreta na comparação, fazendo com que o sujeito se considere sempre inferior a esse modelo devido à sua falta de habilidades ou características inatas para superá-lo.

O segundo desdobramento possível e que também tende à polarização do ser-em-situação é o AO. Essa postura concentra o pensamento que tende a focar a objetividade. É comum que, na postura de AO, acentue-se a magnitude da influência do contexto sociocultural sobre as escolhas do ser-em-situação, caracterizando uma semelhança muito grande com aquilo que Sartre denomina *má-fé*, ou seja, quando a consciência, de forma

não voluntária, convence o sujeito de algo que não se comprova a fim de evitar a angústia, negando a própria liberdade (Sartre, 1997). Não há, porém, total concordância com o autor quanto ao seu conceito pelo motivo de não haver uma resignação por parte do sujeito diante da situação. O próprio Sartre acaba por reconsiderar sua posição em trabalho posterior (Sartre, 2002) ao tomar ciência de condições sociais que eliminam o poder de escolha humana. Aquele que assume a postura de AO tende a não se considerar livre, crendo-se determinado por uma situação ampla ou específica ou considerando que nada pode fazer para mudá-la. Joana demonstra caminhar nas posições levantadas por Sartre estando, num primeiro momento, determinada pela falta de condições sociais e entregue à humilhação e miséria impostas pela situação e, num segundo momento, engajada na mudança do contexto sociocultural e político, o que demonstra que as diferentes posturas diante do SI não são rígidas ou excludentes. Sendo o AO um pensamento obviamente dirigido ao objetivo, as características do contexto sociocultural ou visíveis, que dizem respeito ao aspecto físico, por exemplo, tomam evidência maior, chegando, inclusive, a dificultar o contato com experiências subjetivas e incentivando mudanças objetivas, como a mudança cirúrgica no corpo, o deslocamento geográfico, o envolvimento político e até atitudes agressivas. O modelo usado para comparação no AO geralmente é uma referência concreta, mas à qual é impossível igualar-se de forma objetiva por persistirem inevitavelmente as peculiaridades subjetivas do ser-em-situação. A reflexão nessa postura é geralmente concreta e dirigida, caracterizando-se também dessa forma a solidão, representada pela ausência objetiva de outras pessoas e não como experiência subjetiva.

Ambas as posturas, no entanto, mostram abertura para possíveis manipulações mercadológicas ou ideológicas. Entre elas, também foi identificado um trânsito aparentemente comum. Isso significa que se pode transitar do AS ao AO e vice-versa, mantendo-se, por sua vez, a polarização do ser-em-situação. Nesse caso, forma-se um

conflito entre os pólos, como no caso, por exemplo, da frustração de uma expectativa imaginada ou da imposição de empecilhos previstos ou não altamente significativos para a sobrevivência. Outras possíveis psicopatologias contemporâneas podem figurar esse trânsito, como o *bullying* e o *burnout*, por exemplo. O trânsito, no entanto, pode ocorrer também de forma a levar à superação de um dos aplainamentos, como a situação de se vencer uma barreira subjetiva ou de se reconhecer uma parcela de responsabilidade na situação objetiva. Quando Joana percebeu que a condição social que vivia poderia ser mudada, descobriu que não era inferior, por exemplo. Bianca, ao notar características de seu marido que dificultam o diálogo, percebe que nem todos os problemas do relacionamento são originados por ela.

Enquanto nas posturas de AS e AO o ato comparativo com um modelo demanda a busca de se igualar, aliviando desta forma a tensão presente na constatação da diferença, a terceira postura busca compreensão nos diferentes aspectos do ser-em-situação, evidenciando, portanto, a interação e o diálogo entre sujeito e contexto, ou melhor, a profundidade, conforme nomeado por Merleau-Ponty (2004) e citado no começo do trabalho. Após certa relutância no decorrer da pesquisa, penso que essa postura pode ser chamada de Senso de Inadequação (SsI). Inicialmente evidenciado pela reflexão, o SsI demonstrou também abranger a criatividade e, de forma surpreendente, trouxe ao rol de suas características seu aspecto lúdico, cuja presença e importância cultural, segundo Huizinga, foi menosprezada pela tradição ocidental. Por esse motivo, o autor propõe que se encontre espaço na classificação humana para o *Homo ludens* (Huizinga, 2007). Com a presença dos relatos de SI nas áreas artística, intelectual e cultural, assim como na entrevista de Suzuki, penso que o filósofo tem coerência ao destacar essa importância. Nietzsche usa a figura do *bom jogador* para representar alguém que assume uma postura existencialmente sábia diante da vida, o que descaracteriza a reflexão do intelectual

austero, caracterizado pelo *camelo*, pois, além de carregar todo o peso da cultura ocidental, cria sua corcova por se manter debruçado sobre uma mesa com livros. Ele sugere que a filosofia e a ciência precisam aprender a rir, a dançar e a se divertir (Nietzsche, 2001; 2005). O SsI mostra, portanto, a tendência à reflexão e à criatividade de forma lúdica como uma brincadeira criativa. É possível, todavia, que o aspecto lúdico também esteja presente em outras posturas de formas diferentes, como no caso de se considerar o mundo um tabuleiro de xadrez, por exemplo, o que seria possível na postura de AO. A diferença, no entanto, é que, distinta de uma brincadeira, ela pressupõe a competição, inferiorizando aquele que demonstra o AS, por exemplo.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, com a atenção voltada para o tema, foi possível identificar o SI em diversos personagens de filmes, peças de teatro e livros, alguns já citados no desenrolar do trabalho, e outros que merecem lembrança: *Madame Bovary*, de Flaubert; *Dom Quixote*, de Cervantes; *1984*, de Orwell; *Admirável Mundo Novo*, de Huxley; *Um, Nenhum e Cem Mil*, de Pirandello, entre outros. Assim que os aspectos lúdico e artístico do SI foram identificados, compreendi a importância da presença do fenômeno nos enredos na tentativa de se prender o interesse ou o humor na criação e desenvolvimento desses personagens. Para Merleau-Ponty (2000: 187), “o ser é aquilo que exige de nós criação para que dela tenhamos experiência”, o que vem a confirmar a ligação entre o ser-em-situação e a criatividade.

As experiências subjetivas estão claramente ligadas à objetividade, conforme compreensão já utilizada de ser-em-situação e retomando o fenômeno da própria noção de consciência intencional na fenomenologia, sendo esta não uma instância objetiva mas um movimento em direção ao mundo, tornando ambos, consciência e mundo, inseparáveis. O SsI mostra, portanto, compreensão do que envolve o ser-em-situação, aumentando sua possibilidade de aprimoramento em suas atitudes, assim como de autenticidade em suas

ações. É importante salientar que autenticidade não é algo exclusivo do SsI e também está presente de formas diferentes nas posturas de AS e AO. Se houver um modelo presente àquele que assume a postura de SsI, ele é encarado de forma lúdica como referência, admiração ou discordância. A tentativa de igualar-se, no entanto, parece não se evidenciar, ao menos de maneira significativa. A tensão gerada pela diferença mostra-se na forma de curiosidade e criatividade, lembrando a já citada compreensão de ciência propagada por González Rey. A solidão no SsI mostra-se, muitas vezes, como o que Angerami denomina *solidão criativa*, na qual o ser-em-situação se gratifica com momentos em que se encontra só, vivenciando-os intensamente de forma intelectual, artística ou espiritual, ou seja, aprendendo com a experiência (Angerami, 1999).

Pessoas que pensam ou encaram o mundo de forma diferente, gerando tensão própria ou alheia, são possivelmente ou potencialmente solitárias. Este fenômeno é facilmente constatado na prática psicológica. Outra forma de se lidar com a solidão encontrada no SI envolve, por exemplo, a tendência dos inadequados de se agruparem, transformando, em conformidade com o que já foi dito anteriormente, a diferença em semelhança. Essa tendência pode gerar novas culturas marginais ou não, mas possivelmente inovadoras em seu modo de pensar.

Tais constatações não têm se limitado à pesquisa teórica e às análises de entrevistas específicas sobre o SI. O fenômeno tem servido ao pesquisador como referência em atendimentos e compreensões de casos individuais e grupais, trazendo, na maioria das vezes, grandes possibilidades de desdobramento e compreensão. Em outra vinheta clínica é possível demonstrar a pertinência de se abordar o tema: Fernando¹⁰ estava em atendimento durante aproximadamente três meses. Inicialmente muito abatido, sempre se queixou da falta de identificação com suas atividades profissionais e, mais seriamente, de “falta de

¹⁰ Nome fictício adotado para preservar a identidade.

sabor”¹¹ em sua vida. Tendo diminuído sua tristeza em alguns aspectos com o decorrer das sessões, a indecisão do que fazer diante do descontentamento profissional continuava, embora tivesse começado a visualizar algumas possibilidades. Num determinado dia, tocamos no assunto de como se sentia inadequado em relação ao seu pai, irmão e namorada, que o acusavam constantemente de “chato” e “estranho” por ter gostos e preferências muito diferentes dos deles. Fernando nunca questionou essa diferença, mas reconhecia o conflito, pois gostava, de fato, dos hábitos e elementos em questão. Considerava-se realmente “excêntrico” por se diferenciar de três pessoas muito próximas dele. Contou-me ter ouvido muitas vezes que, se não mudasse, morreria sozinho, e começou a chorar no exato momento em que dizia: “E eu não quero morrer sozinho!...”. Essa demonstração de uma forte tendência ao AS, o fez tomar essa possibilidade como facticidade, daí a tentativa de adequar-se conforme lhe foi requisitado, para que esse destino não viesse a se realizar. Conversamos sobre seu SI e seu direito de assumir uma postura diferente das dos outros, ou seja, de assumir seu SsI. Fernando deixou o consultório em pranto discreto, claramente disposto a assumir sua diferença. Na semana seguinte, acusou-me de ter feito uma “revolução” em sua vida: não estava mais sofrendo com relação ao seu pai e irmão; teve uma conversa “muito séria” com sua namorada, chegando a cogitar o término do relacionamento, mas no final acabaram se entendendo; passou também a encarar o trabalho como uma necessidade atual, embora não satisfatória, propenso a montar um negócio próprio ou conseguir outro emprego mais próximo de suas características pessoais. O assunto predominante das sessões seguintes foi esse. Da mesma forma, vários outros exemplos poderiam ser citados, mesmo em áreas não necessariamente clínicas.

¹¹ As palavras e frases entre aspas, nesse caso, não significam reproduções da fala de Fernando para não identificá-lo. As aspas foram empregadas por se tratar de palavras de uso informal, descaracterizando um texto científico e simulando, ao mesmo tempo, uma situação real.

Conclusão

A pesquisa se encerra com um apontamento semelhante ao de Heidegger, no ponto em que ele afirma haver três atitudes possíveis diante da constatação do cenário contemporâneo e do esquecimento ao qual o pensamento sobre o ser foi relegado: resignar-se, revoltar-se ou pensar. Tais atitudes assemelham-se bastante às três posturas aqui listadas como reações ao SI: AS, AO e SsI. Trata-se de uma constatação que sugere, portanto, a profundidade e a pertinência do tema, assim como a possibilidade de se desenvolverem mais estudos a respeito, aproximando ou rechaçando tal semelhança ou demonstrando detalhamentos dessas relações. Entre outras sugestões para futuras pesquisas, mostram-se os mais variados temas, como, por exemplo: o modo como o SI se desenvolve em diferentes estágios da vida (crianças, adolescentes e idosos); em populações específicas (tribos, trabalhadores de determinado setor, jovens em atividades socioeducativas, etc.); nas questões étnicas; em situações específicas (hospitalização, escolar, profissional, etc.); em patologias diversas (que envolvam características físicas, como, por exemplo, vitiligo, psoríase, amputações ou não físicas – como diabéticos, hemofílicos, transplantados, etc.) e psicopatologias diversas. Essa proposta ocorre pelo fato de muitos desses campos terem citado o SI como sintoma, sem, contudo abordá-lo de forma qualitativa. Existe, outrossim, a possibilidade de aprofundamento nos desdobramentos básicos ou na proposta de novos desdobramentos ou detalhamentos das posturas básicas; aprofundamento da participação do olhar do outro no SI; investigação da possível complementaridade entre as posturas. Outra sugestão é tematizar o SI, focando-o num campo específico – religiosidade e espiritualidade, por exemplo – conforme abordado em palestra pelo autor durante a pesquisa (Torres, 2007), – ou nas relações entre SI e violência, entre outros temas com os quais se possa estabelecer alguma ligação.

Dessa forma, o SI mostrou-se um tema bastante fértil na pesquisa e na prática profissional, assim como um elemento disparador de grande mobilização para despertar diversos assuntos em diferentes áreas. Sensibilizar a inadequação de maneira sutil instiga o questionamento e a reflexão de modo geral, estimulando o sujeito a situar-se em sua inadequação nas situações que vive. Da mesma forma, é possível perceber o SI nos discursos dos entrevistados e agregá-lo à compreensão sobre esses sujeitos, seja em contexto profissional ou acadêmico. Isso tem se mostrado de maneira informal, com frequência, sempre que o tema da pesquisa é exposto. A inadequação e seu sentimento não se restringem a um campo específico do comportamento ou conhecimento humanos; trata-se de um fenômeno relacional da existência, apresentando grande diversidade nos relatos e material produzido sobre o tema. Nesse sentido, creio que o objetivo tenha sido cumprido, superando, inclusive minha expectativa inicial em relação à abrangência encontrada no fenômeno.

Realizar essa pesquisa foi tão gratificante quanto surpreendente em muitos aspectos, obrigando-me, por várias vezes, a mudar o rumo das leituras e da argumentação em geral. Espero não representar o único contagiado por essa mobilização diante do SI que sempre me acompanhou e, agora compreendo, sempre me acompanhará pessoal e profissionalmente.

Bibliografia

Abramo, B. (2005, 27 de dezembro) Astrologia. *Folha de S. Paulo*, E9.

Adler, A. (1958) *The individual psychology of Alfred Adler* (1ª Edição) New York: Harper USA.

Alves, R. E. (2003, 27 de setembro) Donizete Galvão persegue o efêmero e seus traços em “Mundo Mudo”. *Folha de S. Paulo*, p. E4.

Amatuzzi, M. M. (1989) *O resgate da fala autêntica*. Campinas: Papyrus.

Amatuzzi, M. M. (2001) *Por uma psicologia humana*. Campinas: Alínea.

American Psychiatric Association (2002) *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (Trad. Cláudia Dornelles) (4ª ed. rev.) Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1994).

Angerami, V. A. (2005) A arte da psicoterapia. Em Angerami, V. A. (Org.). *As várias faces da psicologia fenomenológico-existencial* (pp. 1-53). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Angerami, V. A. (2003) *Psicoterapia e subjetivação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Angerami, V. A. (1999) *Solidão: a ausência do outro*. São Paulo: Pioneira.

Arruda, A. (s/d) *A poesia liberta*. Acesso em 21 de junho de 2006: http://www.suigeneris.pro.br/lieratura_poesialiberta.htm

Ballone, G. J. (2005) Alfred Adler. *PsiquWeb*. Acesso em 21 de junho de 2006: <http://www.psiqweb.med.br>

Baptista, C. (2001) *A dor de nunca saber o bastante*. Acesso em 21 de março de 2007: <http://www.sabbatini.com/renato/vejaExcessoInformacao.htm>

Bartholomeu, D.; Sisto, F. F. & Rueda, F. J. M. (2006) Dificuldades de aprendizagem na escrita e características emocionais de crianças. *Psicologia em estudo*, 11 (1). Recuperado em 1º de setembro de 2007 da base de dados Scielo.

Bauman, Z. (2003) *Comunidade* (Trad. Plínio Dentzien). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Original publicado em 2001).

Bauman, Z. (2005) *Identidade* (Trad. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Original publicado em 2004).

Bellino, S. (s/d) *Distímia*. Acesso em 21 de março de 2007: <http://www.psicosite.com.br/tra/hum/distimia.htm>

Berg, J. H. van den (2000) *O paciente psiquiátrico: esboço de psicopatologia fenomenológica* (Trad. L. van Acker). Campinas: Livro Pleno (Original publicado em 1955).

Beyond the Rainbow (1996) *High Anxiety*. Acesso em 22 de março de 2007: <http://www.rainbowcrystal.com/crystal/anxiety.html>

Blum, R. S. (1999) *Jealousy*. Acesso em 22 de março de 2007: <http://www.luiswatkins.com/homepages/sfwrtr/jealousy.htm>

Breyer, D. [sem título]. Acesso em 21 de março de 2007: <http://www.pensador.info/colecao/observador/>

Buber, M. (2004) *Eu e tu* (Trad. N. A. von Zuben) (8ª Ed.). São Paulo: Centauro.

Bueno, F. S. (1968) *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa* (2ª tiragem). São Paulo: Saraiva.

Calligaris, C. (2001, 19 de abril) Felicidade e facilidade na capa. *Folha de S. Paulo*, p. E8.

Calligaris, C. (2001, 26 de abril) O segredo da acumulação primitiva neoliberal. *Folha de S. Paulo*, p. E8.

Carmo, P. S. (2002) *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo: EDUC.

Carneiro, G. R. S.; Martinelli, S. C. & Sisto, F. F. (2003) Autoconceito e dificuldades de aprendizagem na escrita. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3). Recuperado em 21 de junho de 2006 da base de dados Scielo.

Carvalho, M. I. S. (2001) *Casos Clínicos*. Acesso em 21 de março de 2007: <http://www.geocities.com/Paris/3349/casoscli.htm>

Castoriadis, C. (1982) *A instituição imaginária da sociedade* (Trad. Guy Reynaud) (5ª Edição). São Paulo: Paz e Terra (Original publicado em 1975).

‘Cercado, funcionário entra em colapso’ (2004, 7 de março) *Folha de S. Paulo*, Empregos, p. 3.

Cervantes Saavedra, M. (2002) *Dom Quixote de La Mancha* (vs. 1, 2 e 3) (Trad. Almir de Andrade & Milton Amado). Rio de Janeiro: Ediouro (Originais publicados em duas partes respectivamente em 1605 e 1614).

Chacra, S. (1991) *Natureza e sentido da improvisação teatral*. São Paulo: Perspectiva.

Coelho, M. (2001) *Montaigne*. São Paulo: Publifolha (Folha Explica, 32).

Cowan, G. & Mills, R. D. (2004) Personal inadequacy and intimacy predictors of men’s hostility toward women. *Sex Roles: A Journal of Research*, 51 (12), 67-78. Recuperado em 21 de junho de 2006 da base de dados Infotrac.

Critelli, D. (2004, 18 de novembro) Uma questão de negócios? *Folha de S. Paulo*, Equilíbrio, p. 2.

Cunha, P. J. & Novaes, M. A. (2004) Avaliação neurocognitiva no abuso e dependência do álcool: implicações para o tratamento. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26 (1). Recuperado em 1º de setembro de 2007 da base de dados Scielo.

Cytrynowicz, D. (1985) Abordagem fenomenológico-existencial dos sonhos – II. *Daseinsanalyse*, (6) 31-43.

Dutra, E. (2002) A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7 (2).

Faria, E. (Org.) (1962) *Dicionário escolar latino-português* (3ª edição). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.

Feliciano, K. V. O.; Kovacs, M. H. & Sarinho, S. W. (2005) Sentimentos de profissionais dos serviços de pronto-socorro pediátrico: reflexões sobre o *burnout*. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 5 (3). Recuperado em 21 de junho de 2006 da base de dados Scielo.

Ferreira, A. B. H. (1986) *Novo dicionário da língua portuguesa* (2ª edição). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Fidalgo, J. (2006, 14 de janeiro) “Dramática” investiga disfarces e sublinha contradições humanas. *Folha de S. Paulo*, p. E8.

Flaubert, G. (1970) *Madame Bovary* (Trad. Araújo Nabuco). São Paulo: Abril Cultural (Os imortais da literatura universal, 3) (Original publicado em 1857).

Fleming, J. S. & Courtney, B. E. (1984) The dimensionality of self-esteem II: Hierarchical facet model for revised measurement scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 404–421. Acesso em 22 de março de 2007: http://chipts.ucla.edu/assessment/IB/List_Scales/REVISED%20JANIS%20AND%20FIELD%20SCALE.htm

Forghieri, Y. C. (2001) *Psicologia fenomenológica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning (Original publicado em 1993).

Freire, P. (2005) *Pedagogia do oprimido* (44ª Ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FUMP. *O processo de acompanhamento*. Acesso em 21 de março de 2007: <http://www.fump.ufmg.br/portalfump/modules/wfchannel3/index.php?pagenum=4>

Gabeira, F. (2001, 15 de janeiro) A lucidez de um intelectual fora do lugar. *Folha de S. Paulo*, p. G18.

González Rey, F. L. (2005) *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

González Rey, F. L. (2005) *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Gorris, M. (1995) *A excêntrica família de Antonia*. Holanda / Bélgica / Inglaterra: Mundial.

Grinbaum, R. (2000, 14 de junho) Autor faz guia para consolo espiritual. *Folha de S. Paulo*, p. E8.

Hansen, K. (2004, 15 de abril) Felicidade ao alcance de todos. *Educação Pública – Jornal*. Acesso em 21 de junho de 2006: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal>

Heidegger, M. (1962) *Being and time* (Trads. John Macquarrie & Edward Robinson). Londres: SCM Press (Original em alemão publicado em 1927)

Heidegger, M. (1972) *Sein und Zeit*. Halle: M. Niemeyer (Original publicado em 1927).

Heidegger, M. (2002) *Ser e Tempo, 1* (Trad. M. S. C. Schuback) (12ª Ed.). Petrópolis: Vozes / Universidade São Francisco (Original em alemão publicado em 1927).

Heidegger, M. (2002) *Ser e Tempo, 2* (Trad. M. S. C. Schuback) (10ª Ed.). Petrópolis: Vozes / Universidade São Francisco (Original em alemão publicado em 1927).

Hinkle, S. (2004) *The inadequacy plague*. Acesso em 22 de março de 2007: http://www.suite101.com/article.cfm/mothers_son/107264/1

Huajian, C. (2003) The effect of implicit self-esteem and the relationship of explicit self-esteem and implicit self-esteem. *Acta Psychologica Sinica*, 35 (6). Recuperado em 9 de junho de 2006 da base de dados PsycINFO.

Huisman, D. (2001) *História do existencialismo* (Trad. Maria Leonor Loureiro). Bauru: EDUSC (Filosofia & Política) (Original publicado em 1997).

Huizinga, J. (2007) *Homo ludens* (Trad. João Paulo Monteiro). São Paulo: Perspectiva (Original publicado em 1938).

Huxley, A. (2001) *Admirável Mundo Novo* (Trads. Lino Vallandro & Vidal de Oliveira) (2ª Edição) São Paulo: Globo (Original em inglês publicado em 1932).

Janet, P. & Raymond, F. (1904) Les Obsessions et la Psychasthenie. *The American Journal of Psychology*, 15 (4), pp. 589-590. Acesso em 22 de março de 2007: [http://links.jstor.org/sici?sici=0002-9556\(190410\)15%3A4%3C589%3ALOELP%3E2.0.CO%3B2-O](http://links.jstor.org/sici?sici=0002-9556(190410)15%3A4%3C589%3ALOELP%3E2.0.CO%3B2-O)

Janis, I. L., & Field, P. B. (1959). Sex differences and factors related to persuasibility. In C. I. Hovland & I. L. Janis (Eds.) *Personality and persuasibility*. New Haven, CT: Yale University Press. Acesso em 22 de março de 2007: http://chipts.ucla.edu/assessment/IB/List_Scales/REVISED%20JANIS%20AND%20FIELD%20SCALE.htm

Jourdain, K. (2005) *Swimming in my inadequacy pool*. Acesso em 22 de março de 2007: http://www.teamchrysalis.com/AC/V5/AC510_Inadequacy_Pool.htm

Kiarostami, A. (2004, 17 de outubro) A arte da inadequação. *Folha de S. Paulo*, p. E3.

Kierkegaard, S. A. (2002) *Diário de um sedutor* (Trad. Jean Melville). São Paulo: Martin Claret (A obra-prima de cada autor, 95) (Original publicado em 1843).

Kierkegaard, S. A. (1961) *O desespero humano* (Trad. Adolfo Casais Monteiro) (5ª Edição). Porto: Livraria Tavares Martins (Filosofia e religião, 8) (Original publicado em 1849).

Krispy (2006) *A momentary feeling of inadequacy; or I feel like a total blob*. Acesso em 22 de março de 2007: <http://viewfrommyfrontporch.blogspot.com/2006/11/momentary-feeling-of-inadequacy-or-i.html>

Kwitko, M. (2007) *Transtorno Obsessivo-Compulsivo e sentimento de culpa*. Acesso em 21 de março de 2007: <http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=6773>

Laing, R. D. (1963) *O eu dividido* (Trad. C. Ribeiro). Rio de Janeiro: Zahar (Original em inglês publicado em 1960).

Laurini, M. A. (2006) *O dever do prazer segundo a experiência dos jovens: um estudo fenomenológico*. Dissertação de mestrado, PUC-Campinas: Campinas.

Lopes, R. J. (2005, 23 de agosto) Chineses e americanos enxergam mesma imagem de modo distinto. *Folha de S. Paulo*, p. A18.

Lunardi, V. L.; Lunardi Filho, W. D.; Silveira, R. S. da; Soares, N. V. & Lipinski, J. M. (2004) O cuidado de si como condição para o cuidado dos outros na prática de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 12 (6). Recuperado em 1º de setembro de 2007 da base de dados Scielo.

Machado, A. O. (2004) *Identidade e discriminação: um estudo realizado com homens e mulheres homossexuais*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa. Recuperado em 21 de junho de 2006 do Banco de Teses CAPES.

Merleau-Ponty, M. (2006) *A estrutura do comportamento* (Trad. M. V. M. de Aguiar). São Paulo: Martins Fontes (Tópicos) (original em francês publicado em 1942).

Merleau-Ponty, M. (2004) *Conversas – 1948* (Trads. F. Landa & E. Landa). São Paulo: Martins Fontes (Tópicos) (original publicado em 2002).

Merleau-Ponty, M. (1999) *Fenomenologia da percepção* (Trad. C. A. R. de Moura) (2ª Edição). São Paulo: Martins Fontes (Tópicos) (original publicado em 1945).

Merleau-Ponty, M. (2004) *O olho e o espírito* (Trads. P. Neves & M. E. G. G. Pereira). São Paulo: Cosac & Naify (original publicado em 1964).

Merleau-Ponty, M. (2000) *O visível e o invisível* (Trads. J. A. Gianotti e A. M. d'Oliveira) (4ª Edição). São Paulo: Perspectiva (Debates) (original publicado em 1964).

Michelazzo, J. C. (1999) *Do um como princípio ao dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real*. São Paulo: FAPESP / Annablume.

Michener, H. A.; DeLamater, J. D. & Myers, D. J. (2005) *Psicologia Social* (Trad. Eliane Fittipaldi & Suely Sonoe Murai Cuccio). São Paulo: Pioneira Thomson Learning (Tradução da 5ª Ed. Rev. em inglês publicada em 2003).

Minzi, M. C. R. & Sacchi, C. (2004) Adolescent loneliness assessment. *Adolescence*, 39 (9). Recuperado em 21 de junho de 2006 da base de dados Infotrac.

Monachesi, J. (2003, 26 de outubro) Detetives não têm pai nem mãe. *Folha de S. Paulo*, Mais!, p. 3.

Montaigne, M. (2002) *Os ensaios – livro I* (Trad. Rosemary Costhek Abílio) (2ª Edição) São Paulo: Martins Fontes (Paidéia) (Original em francês publicado em 1580).

Montaigne, M. (2002) *Os ensaios – livro II* (Trad. Rosemary Costhek Abílio). São Paulo: Martins Fontes (Paidéia) (Original em francês publicado em 1580).

Montaigne, M. (2002) *Os ensaios – livro III* (Trad. Rosemary Costhek Abílio). São Paulo: Martins Fontes (Paidéia) (Original em francês publicado em 1588).

Moreira, V. (2004) O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 447-456.

Murofuse, N. T.; Abranches, S. S. & Napoleão, A. A. (2005) *Reflexões sobre estresse e burnout e a relação com a enfermagem*. Recuperado em 21 de junho de 2006 da base de dados Scielo.

Nachmanovitch, S. (1993) *Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte* (Trad. Eliana Rocha). São Paulo: Summus (Original em inglês publicado em 1990).

Nietzsche, F. W. (2001) *A gaia ciência* (Trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras (Original em alemão publicado em 1882).

Nietzsche, F. W. (2005) *Assim falou Zaratustra* (Trad. Alex Marins). São Paulo: Martin Claret (A obra-prima de cada autor, 22) (Original em alemão publicado em 1883).

Nietzsche, F. W. (1998) *Genealogia da moral* (Trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras (Original em alemão publicado em 1887).

Nietzsche, F. W. (2000) *O anticristo* (10ª Edição). São Paulo: Centauro (Original em alemão publicado em 1888).

Oberndorf, C. P. (1939). The Feeling of Stupidity. *International Journal of Psychoanalysis*, 20, pp. 443-451. Acesso em 22 de março de 2007: <http://pep-web.org/document.php?id=IJP.020.0443A>

Oliveira, D. A. (2005) Regulação das políticas educacionais na América Latina e suas conseqüências para os trabalhadores docentes. *Educ. Soc.*, 26 (92), pp. 753-775.

Olson, R. G. (1970) *Introdução ao existencialismo* (Trad. Djalma Forjaz Neto). São Paulo: Brasiliense (Original em inglês publicado em 1962).

Olynger, C. (2002, 15 de outubro) *Personality disorders*. Acesso em 26 de agosto de 2007: www.personal.psu.edu/sup10/C_Olinger_Personality_Disorders.doc

Organização Mundial de Saúde (1993) *Código Internacional de Doenças* (Trad. Dorgival Caetano) (10ª Edição). Porto Alegre: Artes Médicas (Original em inglês publicado em 1992).

Ortega y Gasset, J. (1981), *El tema de nuestro tiempo*. Madrid: Revista de Occidente (Original em espanhol publicado em 1923).

Orwell, G. (1996) *1984* (Trad. Wilson Velloso) (23ª Edição). São Paulo: Nacional).

Ossard, C. (Produtor) & Jeunet, J. P. (Diretor) (2002) *O fabuloso destino de Amélie Poulain*. França: Lumière.

Pen, M. (2002, 4 de maio) Coetzee revela sentimento de inadequação. *Folha de S. Paulo*, p. E9.

Perdigão, P. (1995) *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM.

Pinho, O. A. & Figueiredo, A. (2002) Idéias fora do lugar e o lugar do negro nas ciências sociais brasileiras. *Estudos afro-asiáticos*, 24 (1). Recuperado em 21 de junho de 2006 da base de dados Scielo.

Pirandello, L. (2001) *Um, Nenhum e Cem Mil* (Trad. Maurício Santana Dias) São Paulo: Cosac & Naify (Prosa do mundo).

Queiroz, O. A. P. (1959) *Dicionário latim-português* (11ª edição). São Paulo: LEP.

Sartre, J. P. (2002) *Crítica da razão dialética* (Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira). Rio de Janeiro: DP&A (Original em francês publicado em 1960).

Sartre, J. P. (1997). *O ser e o nada* (Trad. Paulo Perdigão) (12ª Edição). Petrópolis: Vozes (Original em francês publicado em 1943).

Scherer, C. A. K. (2002) *Essências florais Individuais*. Acesso em 21 de março de 2007: <http://www.desert-alchemy.com/txt/individual-pt.html>

Seidenberg, R. (1959). The Feeling of a Deficit in Learning: A Contribution to Ego Psychology. *Psychoanal Q.*, 28, pp. 207-212. Acesso em 22 de março de 2007: <http://pep-web.org/document.php?id=PAQ.028.0207A>

Souza, S. A. de (2005) “*Objeto de amor estragado*”: *O nascer em um lugar errado ou o preencher do “vazio” dos cônjuges indiferenciados*. Acesso em 21 de março de 2007: http://www.vinculovida.com.br/textos_detalhe.asp?txt_ID=2&txi_ID=99

Stefanowska, M. (1979) *Feeling of “cultural inadequacy” and validity of respondents’ answers in surveys on book reading*. *Quality and quantity*, 13 (4), pp. 327-338. Recuperado em 22 de março de 2007 da base de dados SpringerLing: <http://www.springerlink.com/content/m3120778m8447171/?p=32f80a4acbf4415bd297211ea1f5170&pi=3>

Steiner, G. (1990). *Heidegger* (Trad. João Paz). Lisboa: Dom Quixote (Original publicado em 1978).

Steinsaltz, A. *Você pode mudar sua vida*. Acesso em 21 de março de 2007: www.chabad.org.br/datas/rosh/rosh19.html

Torres, A. R. R. (2005) A perspectiva existencial diante da comunidade carente de recursos socioeconômicos. Em Angerami, V. A. (Org.) *As várias faces da psicologia fenomenológico-existencial* (pp. 55-80). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Torres, A. R. R. (2001) *Interpretar com o coração*. Trabalho de conclusão de curso não publicado. Campinas: UNIP.

Torres, A. R. R. (2007, 24 de junho) Sentimento de inadequação e espiritualidade. Em Torres, A. R. R.; AmatuZZi, M. M.; Antunes, T. A.; Luz, M. M. C. *Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia: explorando conceitos e vivências*. Mesa redonda do IV Congresso Brasileiro de Espiritualidade e Prática Clínica. Centro de Psicoterapia Existencial: São Paulo.

Veronese, M. V. & Guareschi, P. (2005) Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: campo fértil para a prática da psicologia social crítica. *Psicologia & Sociedade*, 17 (2). Recuperado em 1º de setembro de 2007 da base de dados Scielo.

Vomero, M. F. (2002, fevereiro) Morte. *Superinteressante*, 173. São Paulo: Abril.

Welches, P & Pica, M. (2005) Assessed danger-to-others as a reason for psychiatric hospitalization: an investigation of patients' perspectives. *Journal of phenomenological psychology*, 36 (1), 45-74.

Yi, C. (2006) The result and analysis of the feeling of inadequacy scale in college students. *Chinese journal of clinical psychology*, 14 (1). Recuperado em 9 de junho de 2006 da base de dados PsycINFO.

Zilles, U. (2002) A fenomenologia husserliana como método radical. Em Husserl, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia* (Trad. Urbano Zilles) (2ª Edição), pp. 11-62. Porto Alegre: EDIPUCRS (Filosofia, 41).

Anexos***1. Ficha de identificação***

Idade: _____ Data de nascimento: ____ / ____ / _____

Sexo: () Feminino () Masculino Estado civil: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____

2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, _____ de nacionalidade _____, estado civil _____, portador do RG _____, residente na R./Av. _____, n° _____, na cidade de _____, através do presente instrumento, aceito participar de pesquisa realizada e gravada pelo psicólogo André Roberto Ribeiro Torres, para fins exclusivos de pesquisa acadêmica.

Estou ciente de que os dados serão utilizados como subsídio para a pesquisa de mestrado *Sentimento de Inadequação: Estudo Fenomenológico-Existencial*, cujo objetivo é compreender o fenômeno do sentimento de inadequação, sendo que a evolução da Psicologia enquanto Ciência e Profissão aponta para o caminho da investigação dos sujeitos em relação ao ambiente sociocultural.

Sei que esta entrevista individual é uma das etapas da pesquisa, que contará também com outras participações. Minha participação nesta entrevista é voluntária, podendo haver recusa ou mesmo retirada do consentimento em qualquer momento sem que isto acarrete a mim nenhuma penalização ou prejuízo.

É compromisso do pesquisador preservar o anonimato e a privacidade dos participantes quanto à transcrição dos depoimentos e redação da dissertação. O pesquisador se compromete a prestar quaisquer tipos de esclarecimentos, antes, durante ou depois da entrevista. Após a concretização do trabalho, o participante poderá ter acesso aos resultados caso desejar.

Estou ciente de que esta entrevista não oferece riscos para seus participantes e pode beneficiá-los pela reflexão proporcionada, assim como beneficiar os psicólogos em pesquisas e práticas. Poderei, sempre que quiser, entrar em contato com o pesquisador para maiores esclarecimentos pelos telefones (19) 3255-7048 / (19) 8138-9602 ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas através do telefone: (19) 3735-5910, visto que esse órgão foi responsável pela análise do projeto.

Este documento é assinado em duas vias idênticas, sendo uma delas cedida ao participante.

Campinas, _____ de _____ 2007.

Entrevistador / Pesquisador
André Roberto Ribeiro Torres
 Aluno de Mestrado
 em Psicologia como Ciência e Profissão
 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Centro de Ciências da Vida
 Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Participante

3. TCLE exclusivo para a entrevista-piloto

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, _____ de nacionalidade _____, estado civil _____, portador do RG _____, residente na R./Av. _____, n° _____, na cidade de _____, através do presente instrumento, aceito participar de entrevista-piloto realizada e gravada pelo psicólogo André Roberto Ribeiro Torres, para fins exclusivos de pesquisa acadêmica.

Estou ciente de que os dados poderão ser utilizados como subsídio para a pesquisa de mestrado *Sentimento de Inadequação: Estudo Fenomenológico-Existencial*, cujo objetivo é compreender o fenômeno do sentimento de inadequação, sendo que a evolução da Psicologia enquanto Ciência e Profissão aponta para o caminho da investigação dos sujeitos em relação ao ambiente sociocultural.

Estou ciente de que este uso depende da aprovação do projeto no exame de qualificação e pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos aos quais será submetido. Sei que esta entrevista individual poderá se configurar como uma das etapas da pesquisa, que contará também com outras participações

Minha participação nesta entrevista é voluntária, podendo haver recusa ou mesmo retirada do consentimento em qualquer momento sem que isto acarrete a mim nenhuma penalização ou prejuízo.

É compromisso do pesquisador preservar o anonimato e a privacidade dos participantes quanto à transcrição dos depoimentos e redação da dissertação. O pesquisador se compromete a prestar quaisquer tipos de esclarecimentos, antes, durante ou depois da entrevista. Após a concretização do trabalho, o participante poderá ter acesso aos resultados caso desejar.

Estou ciente de que esta entrevista não oferece riscos para seus participantes. Poderei, sempre que quiser, entrar em contato com o pesquisador para maiores esclarecimentos pelos telefones (19) 3255-7048 / (19) 8138-9602 ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas através do telefone: (19) 3735-5910, visto que esse órgão será responsável pela análise do projeto.

Este documento é assinado em duas vias idênticas, sendo uma delas cedida ao participante.

Campinas, _____ de _____ 2006.

Entrevistador / Pesquisador
André Roberto Ribeiro Torres
 Aluno de Mestrado
 em Psicologia como Ciência e Profissão
 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Centro de Ciências da Vida
 Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Participante